

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

ALINE DE SOUZA ARAÚJO FRANÇA

**UM LIVRO “MANEIRO, SINGELO E DESPIDO DE
PRETENÇÕES SCIENTÍFICAS”: O *GUIA DA MULHER PEJADA* E A
VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX**

Rio de Janeiro
2020

ALINE DE SOUZA ARAÚJO FRANÇA

**UM LIVRO “MANEIRO, SINGELO E DESPIDO DE
PRETENÇÕES SCIENTIFICAS”: O *GUIA DA MULHER PEJADA* E A
VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca

Rio de Janeiro
2020

ALINE DE SOUZA ARAÚJO FRANÇA**UM LIVRO “MANEIRO, SINGELO E DESPIDO DE
PRETENÇÕES SCIENTIFICAS”: O GUIA DA MULHER PEJADA E A
VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz) – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Martha de Luna Freire (Pós Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense-UFF)

Dr. Luiz Otávio Ferreira (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

SUPLENTES

Prof. Dr. Alex Gonçalves Varela (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ)

Profa. Dra. Tânia Salgado Pimenta (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz)

Rio de Janeiro
2020

Ficha Catalográfica

F814u França, Aline de Souza Araújo.

Um livro “maneiro, singelo e despido de pretenções científicas”: o *Guia da Mulher Pejada* e a vulgarização científica no século XIX / Aline de Souza Araújo França. - Rio de Janeiro: s.n., 2020.
146f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020.
Bibliografia: p.139-146

1. Saúde da Mulher. 2. Gestantes. 3. Comunicação e Divulgação Científica. 4. História do Século XIX. 5. Brasil. I. Título.

CDD 613.04244

Catálogo na fonte – Adrienne Oliveira de Andrade da Silva – CRB7-6949

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Maria Rachel de Gomensoro Froés da Fonseca. Em 2015 tive o prazer de conhecê-la, por ocasião de uma oportunidade para ser bolsista em um projeto de pesquisa na Casa de Oswaldo Cruz, no qual ela era a coordenadora. Desde então, continuei a fazer pesquisa sob sua orientação e, em 2018, na entrada para o mestrado, a convidei para ser minha orientadora. Quero agradecer pelo profissionalismo, pela paciência, pelo aprendizado e pelas conversas que ajudam a alimentar a alma. Foi um prazer tê-la como orientadora no mestrado e tenho certeza que também será nesta nova etapa que está prestes a começar.

Às professoras Kaori Kodama e Maria Martha de Luna Freire, que participaram da banca do exame de qualificação. Muito obrigada por todas as observações realizadas. Ajudaram-me a amadurecer muitas ideias.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde e àquelas professoras da graduação na PUC-Rio que marcaram minha trajetória: Eunícia Fernandes, Iamara Viana e Ilmar Mattos.

Ao Sandro Hilário, Paulo Chagas, Maria Claudia Cruz e Amanda Gutierrez, por seu profissionalismo, simpatia e por sempre nos socorrer nos momentos de desespero.

À Fundação Oswaldo Cruz pela bolsa e financiamentos.

Aos funcionários das bibliotecas a que recorri: Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Real Gabinete Português de Leitura, Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos e Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz.

Aos colegas da turma de mestrado e de doutorado do PPGHCS de 2018, em especial a Priscila, Maria Izabel, Thaís e Janille, a quem tive o prazer de dividir muitas conversas e risadas.

E por fim, certamente o mais importante dos agradecimentos, a meus pais a quem, ao longo desses dois anos me ajudaram muito se disponibilizando para ficar com Alice. Ao meu esposo, Rubem, companheiro e amigo de todas as horas. Muito obrigada por todo o incentivo e por acreditar tanto em mim mesmo nos momentos em que duvido de minha capacidade. E a minha querida e doce Alice, meu tesouro, a alegria dos meus dias e a quem todos os dias me surpreende com seu amor, seu carinho e seu sorriso.

“Privilegiada em todas as quadras da vida, umas vezes pela formosura, outras pela sua tenra solícitude, amiudadamente pelos impulsos do seu generoso coração, e sempre pela interessante fraqueza, tem sido estudada pelos philosophos e moralistas, celebrada pelos poetas, constituindo-se objeto de sérios estudos da parte do médico, que nella vê – não só a meiga companheira de todos os dias, como também um ser excepcional que, reunindo o grandioso, complicado e perfeito do rei da criação, apresenta ao lado desses dotes, todo o delicado, sensível e encantador de uma natureza angélica fundada nas formas delineaveis da materia” (José Ricardo Pires de Almeida. *Guia da mulher pejada*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1884, p. 5).

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a vulgarização científica, na segunda metade do século XIX, por meio da análise da obra *Guia da mulher pejada*, do médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913). Publicada em formato de fascículos, ao longo dos anos de 1881 a 1883, no periódico *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, a obra somente foi publicada em livro em 1884, e teve uma segunda edição em 1895. Dividida em duas partes, “Higiene da mulher pejada” e “Moléstias da mulher pejada”, o principal intuito da obra era servir de guia às mulheres que estivessem em período de gestação. Para Pires de Almeida, a mulher deveria se informar sobre os conhecimentos científicos para que pudesse ter uma gestação saudável e soubesse assim exercer, baseada nos preceitos científicos, a maternidade. No século XIX, vulgarizar era a ação de falar de ciência, por meio de uma linguagem mais acessível, para leigos. Procuramos investigar de que maneira Pires de Almeida procurou vulgarizar os conhecimentos médicos para o público feminino. Como o *Guia* foi primeiramente publicado em um periódico e, outros textos de Pires de Almeida, igualmente direcionados às mulheres, também foram publicados em jornais e revistas, procuramos analisar a imprensa como veículo de vulgarização científica no século XIX. Da mesma forma, buscamos estudar Pires de Almeida como um vulgarizador das ciências, que em suas produções procurou maneiras de comunicar o conhecimento científico para mulheres. Demonstraremos, por fim, através da análise de trechos selecionados, os assuntos e a linguagem utilizada pelo médico para tratar do conhecimento para um público leigo.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the scientific vulgarization, in the second half of the 19th century, through the analysis of the work *Guia da mulher pejada*, by the doctor José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913). Published in fascicle format, from 1881 to 1883, in the journal *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, the work was only published in a book in 1884, and had a second edition in 1895. Divided into two parts, “Hygiene da mulher pejada” and “Moléstias da mulher pejada”, the main purpose of the work was serving as a guide for women who were in pregnancy. For Pires de Almeida, women should be informed about scientific knowledge so that they could have a healthy pregnancy and know how to exercise, based on scientific precepts, motherhood. In the 19th century, vulgarizing was the action of talking about science, through a more accessible language, for laypeople. We sought to investigate how Pires de Almeida sought to popularize medical knowledge for the female audience. As the Guide was first published in a periodical and other texts by Pires de Almeida, also aimed at women, were also published in newspapers and magazines, we tried to analyze the press as a vehicle for scientific popularization in the 19th century. Likewise, we seek to study Pires de Almeida as a science vulgarizer, who in his productions looked for ways to communicate scientific knowledge to women. Finally, we will demonstrate, through the analysis of selected excerpts, the subjects and the language used by the doctor to treat knowledge for a lay audience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Anúncio. A Mãe de Família, Rio de Janeiro, anno 7, n. 16, 31 de agosto de 1885.....p. 58

Imagem 2 – Anúncio do Guia da mulher pejada no periódico *A Província do Espírito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal.* Vitória, anno III, n. 598, 04 de setembro de 1884.....p. 100.

Imagem 2 – Calendário para o uso da mulher pejada - ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada.* [1884].....p. 108.

Imagem 4 – Receitas de medicamentos - ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada.* [1884].....p. 126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Peças de teatro de José Ricardo Pires de Almeida.....	40
Quadro 2 - Reformas do ensino médico – 1813-1891.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – IMPRENSA E VULGARIZAÇÃO NO BRASIL	7
1.1 - Perspectivas da vulgarização.....	7
1.2 - Periódicos e vulgarização no Brasil.....	12
1.2.1. Editores, redatores e colaboradores.....	15
1.2.2. Leitores e leitoras.....	21
1.3 - A figura do vulgarizador.....	32
CAPÍTULO 2 – JOSÉ RICARDO PIRES DE ALMEIDA, UM INTELECTUAL MEDIADOR.....	35
2.1 – Trajetória	37
2.2 - Na Literatura e na História.....	40
2.3 - Na Medicina.....	49
2.4 - Na Educação.....	58
2.5 - Nos Periódicos.....	62
CAPÍTULO 3 – O MÉDICO E A MÃE: O GUIA DA MULHER PEJADA.....	79
3.1 - O Guia da Mulher Pejada na <i>Mai de Família</i>.....	79
3.2 - Manuais de medicina popular no século XIX.....	80
3.3 - Conhecimento médico acadêmico.....	86
3.4 - O Guia da Mulher Pejada.....	96
3.4.1. Estrutura e características.....	96
3.4.2. O <i>Guia da mulher pejada</i> nos anúncios da imprensa.....	98
3.4.3 A autoridade médico-científica de Pires de Almeida.....	102
3.4.4 A higiene da mulher pejada.....	109
3.4.5 Moléstias da mulher pejada.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
FONTES	134
Fontes primárias	134
Bibliografia	143

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar a obra “Guia da mulher pejada”, do médico e literato José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913), procurando compreendê-la como uma obra de vulgarização das ciências. Publicada inicialmente nas colunas do periódico *A Mãe de Família*, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1881 a 1883, essa obra foi publicada em formato de livro pela Typographia Lombaerts, em 1884, e tido uma segunda edição em 1895.

José Ricardo Pires de Almeida doutorou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1871, com a tese, “Parallelo entre as escolas hystologicas, franceza e allemã; Secção accessoria, Applicação da electricidade á therapeutica; Secção medica, Medicação anesthesica; Secção cirurgica, Do aparelho da visão”. Atuou como chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal, foi delegado e comissário vacinador da Junta Central de Higiene Pública e foi médico adjunto da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Escreveu diversas peças de teatro, obras na área da medicina, teve extensa colaboração nos jornais *A Mãe de Família* e *A Estação*. Foi gerente do periódico *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, colaborador de diversos periódicos, tendo sido redator no *Brazil Illustrado*. *Archivo de conhecimentos uteis*, juntamente com Felix Ferreira (1841-1898).

A frase que compõe o título desta dissertação está inserida no “Guia da mulher pejada”¹, foi selecionada por expressar, de uma maneira clara, a forma pela qual Pires de Almeida procurou escrever sua obra: de uma maneira singela e despida de pretensões científicas. Este estilo de escrita era característico das obras de vulgarização científica, que procuravam adaptar os conhecimentos científicos, adotando uma linguagem de fácil entendimento para os públicos leigos. Sendo assim, consideramos analisar a obra de Pires de Almeida a partir da chave de análise da vulgarização.

A vulgarização científica, que teve sua gênese na França do século XIX, foi um movimento no qual diversos homens de letras se incumbiram da ‘missão’ de levar as luzes para esclarecer o povo (BENSAUDE-VINCENT, 2010). Compreendia-se que apenas pela educação e instrução poderia se verificar o progresso de uma nação e o melhoramento da sociedade. A partir disso, em finais do século XVIII e ao longo do

¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada*. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vap. livr. e encade. Lombaerts & C, 1884.

XIX, foram publicados obras e periódicos com o intuito de difundir o conhecimento para um público amplo, um público não especialista.

Muitas das obras de vulgarização apresentavam a característica de um manual. O autor, um indivíduo que geralmente possuía uma formação, traduzia os conhecimentos produzidos, por estudiosos em diversas instituições, por meio de uma linguagem acessível, de forma que pudesse ser compreendida pelo público não leigo. (VERGARA, 2003). Esses conteúdos, que passavam por esse processo de tradução, eram, em sua maioria, selecionados tendo em vista sua potencialidade de aplicação no cotidiano das populações. Por isso, além da tradução, outra característica da vulgarização era a questão da utilidade.

Em nossa análise, fundamentada nas abordagens sobre a vulgarização das ciências e o papel de intelectuais, no contexto do Brasil no século XIX, como as de Moema de Rezende Vergara (2003; 2008), Bensaude-Vicent (2010), Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca (2018), Kaori Kodama (2018), Ângela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016).

Moema de Rezende Vergara (2003) realizou um estudo sobre a relação entre vulgarização científica e construção nacional no Brasil do século XIX, por meio da *Revista Brasileira*. A principal questão da autora foi verificar, a partir dos processos de popularização das ciências naturais, como a ciência teria participado do sistema intelectual brasileiro. Moema Vergara trabalhou com a definição do termo vulgarização científica, caracterizou os colaboradores da revista, analisou os assuntos vulgarizados, assim como buscou compreender a relação entre a revista e seu público leitor.

As reflexões de Moema Vergara a respeito do conceito de vulgarização aparecem em sua tese (2003) e em um artigo publicado em 2008. A autora tratou do aparecimento do termo, que ocorreu em fins do século XVIII, assim como propôs sua definição. Para Moema, no século XIX, “vulgarização científica designava especificamente a ação de falar de ciência para os leigos” (VERGARA, 2008: 137).

A autora tratou de expor uma das principais características da vulgarização, que é a questão da tradução. Segundo Moema:

A prática da vulgarização científica seria um lugar de contato entre os porta-vozes do discurso científico e o público leigo, prática esta que se dá no plano da linguagem. O que está em jogo, neste caso, é a necessidade de tradução, traço que irá caracterizar a relação entre público e ciência (VERGARA, 2003: 12)

Moema Vergara, por conta dessa ideia de tradução, compreende a vulgarização como um processo criativo. O vulgarizador procurava tratar de um assunto que fazia parte de sua formação e do seu cotidiano de trabalho para um público que não eram seus pares e, por isso, ele teria que aprender como ser compreendido. Dessa maneira, a vulgarização cria algo novo:

Posso afirmar que a vulgarização (...) é uma atividade criadora, ou seja, faz surgir algo que não existia anteriormente. No caso da vulgarização do século XIX, ela estava anunciando as inovações no mundo da ciência que, a partir daquele momento, fariam parte da cultura letrada, como eletricidade, vacina, telefone, entre outros, mesmo que o seu princípio científico permanecesse pouco conhecido (VERGARA, 2008: 139).

A historiadora Bernadette Bensaude-Vicent (2010) realizou um estudo sobre o auge e a decadência do uso da expressão ‘vulgarização científica’. De acordo com a autora, o termo foi usado desde o século XIX, na língua francesa, para designar toda atividade de comunicação da ciência com o grande público. Entre estas, estavam os livros, revistas, exposições. Para a autora, a iniciativa que os vulgarizadores tinham em tentar fazer com que a ciência pudesse alcançar o grande público, só poderia ocorrer através da adaptação da linguagem. Por isso, ela reitera que os vulgarizadores eram as figuras responsáveis por realizar uma ponte entre o mundo científico e o grande público.

Deste modo, a tradução envolvia questões como a adaptação da linguagem. Como a ideia era procurar uma aproximação com o público leigo, os homens de letras ou vulgarizadores, procuravam tratar de conhecimentos que tivessem uma utilidade no cotidiano das populações. Por isso, muitos dos conhecimentos traduzidos possuíam alguma utilidade para as pessoas que o liam.

Maria Rachel Fróes da Fonseca discutiu a relação imprensa e vulgarização das ciências no século XIX (2018). De acordo com a autora, as ações de vulgarização procuravam adequar a ciência a todos os gostos, de forma útil, prática e recreativa. Entre essas ações, os jornais e revistas, as conferências, cursos públicos, e outras publicações procuravam comunicar assuntos de ciência para o público leigo.

A autora, baseada nos estudos de Ângela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016), argumenta que os vulgarizadores que apareceram nos periódicos por ela analisados, podem ser compreendidos como intelectuais mediadores, pois a partir de suas diferentes formações, possuíam um projeto de vulgarização:

Os vulgarizadores, com diferentes formações, autodidatas ou diplomados, apresentaram um comportamento com características bastante próximas. Foram, em grande parte, mediadores incansáveis e autores e escritores prolixos, que realizaram suas atividades de vulgarização em revistas, livros e cursos e conferências. Mesmo com um perfil profissional diferenciado, fossem homens de letras, professores, médicos ou advogados, tendo em vista o alcance e a abrangência de suas atividades de vulgarização, podemos aventar a ideia da formação de um grupo específico, de uma rede de “intelectuais mediadores”. É possível inferir ainda que esses autores/redatores buscavam conferir credibilidade a suas propostas e reforçar, poderíamos dizer, sua consciência como grupo, e contribuir para legitimar um território próprio à vulgarização (FONSECA, 2018: 646).

Compartilhando das mesmas reflexões de Maria Rachel a respeito da vulgarização, Kaori Kodama (2018) realizou um estudo sobre as obras de Figuiet que foram traduzidas e publicadas em jornais brasileiros do século XIX. A autora argumenta que a partir da leitura dos textos sobre Figuiet na imprensa, é possível realizar uma reflexão sobre como a relevância do papel das ciências na sociedade envolveu hierarquizações entre especialistas e não especialistas. De acordo com Kaori Kodama, existia uma ambivalência do lugar ocupado pelos vulgarizadores, entre a função do especialista que escrevia para seus pares, e a do mediador. A posição deste era tomada como inferior.

A publicação do “Guia da mulher pejada” está inserida em um contexto no qual se deu uma expressiva e diversidade produção de livros e periódicos sobre vários temas médicos, científicos, e direcionados para um público leigo.

Como se pode perceber, foi publicada uma variedade de manuais ao longo do século XIX, com o fim de tornar o conhecimento médico acessível a população em geral. Na listagem apresentada acima, não estão incluídos, evidentemente, os inúmeros periódicos, que foram criados, especialmente, na segunda metade do século XIX, com o mesmo objetivo, de propagar os conhecimentos científicos para o público leigo. Essas publicações, livros e periódicos, eram elaborados com o intuito de instruir os leitores nos preceitos científicos e, além disso, também foram assim considerados tendo em vista a possibilidade de estarem presentes em locais nos quais fosse escassa a presença, por exemplo, de médicos.

É, portanto, partindo da premissa de que o “Guia da mulher pejada” foi escrito com o intuito de tornar o conhecimento médico acessível a um público específico, que no caso eram as mulheres, que procuraremos realizar a análise da obra. Escrita para

mulheres que estivessem em período de gestação, o “Guia da mulher pejada” tinha como principal objetivo instruir a mulher sobre os preceitos higiênicos que deveriam ser observados ao longo do período gestacional, e apresentar as moléstias que poderiam se manifestar por ocasião da gravidez e os meios de combatê-las, como as receitas de medicamentos que foram incluídas na obra.

Nosso principal objetivo é, dessa maneira, buscar compreender o “Guia da mulher pejada” como uma obra de vulgarização científica, procurando entender as estratégias utilizadas pelo autor para tratar dos assuntos na obra, analisar de que maneira a obra se estrutura. E, nos interessa, igualmente refletir sobre a trajetória deste intelectual, José Ricardo Pires de Almeida, e seu papel no contexto da vulgarização das ciências no Império brasileiro. Como o “Guia da mulher pejada” foi primeiramente publicado no periódico *A Mãe de Família*, procuramos incluir em nossa análise a investigação sobre a imprensa, no contexto do século XIX, especialmente sobre a publicação de periódicos como um importante mecanismo de difusão dos conhecimentos. Da mesma maneira, também procuramos refletir sobre o público-alvo do “Guia da mulher pejada”, que eram as mulheres. Questões como a que segmento social pertencia às leitoras dessa obra, e como a imprensa tornou mais acessível, para as mulheres, os conhecimentos científicos.

Sendo assim, a dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, “Imprensa e vulgarização no Brasil”, apresentamos o conceito de vulgarização adotado em nossa análise, e o cenário da vulgarização que se no país, na segunda metade do século XIX, especialmente com o surgimento de inúmeros periódicos, criados com o objetivo de serem veículos de vulgarização científica. Para isso, buscamos analisar a imprensa enquanto importante meio de vulgarização científica, no Brasil do século XIX. Nesses periódicos, era recorrente a ideia de uma ciência aplicável ao domínio do ambiente doméstico, nos cuidados com a alimentação da família, com a vestimenta, etc., com a instrução e com a saúde da população. Neste cenário do periodismo, José Ricardo Pires de Almeida foi colaborador, redator e gerente de algumas publicações. Pires de Almeida publicou muitas de seus estudos em diversos periódicos, como *A Estação*, e *A Província do Espírito Santo*, foi redator do *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, e gerente do periódico *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, criado no Rio de Janeiro em 1881. Publicou, inicialmente, o “Guia da mulher pejada” nas páginas do jornal *A Mãe de Família*, fundado no Rio de Janeiro, em 1879, tendo como principal redator foi o médico Carlos Antonio de Paula Costa. Pelo fato de Pires

de Almeida ter publicados alguns de seus escritos, voltado para a vulgarização, por meio da imprensa, procuramos propor uma reflexão sobre como a imprensa se desenvolveu no Brasil; sobre as maneiras como eram selecionados os redatores e colaboradores de um periódico; também apresentamos como era constituído o público leitor de periódicos neste período; e, por fim, tratamos sobre a figura do vulgarizador.

No segundo capítulo, intitulado “José Ricardo Pires de Almeida, um intelectual mediador”, procuramos analisar a trajetória deste intelectual, como um intelectual mediador, fundamentando-se principalmente na abordagem proposta por Ângela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016). Neste sentido, as autoras entendem o intelectual mediador como aquele intelectual cuja produção de conhecimentos e comunicação de ideias estão, direta ou indiretamente, vinculadas à perspectiva de uma intervenção político-social. Nesta direção, procuramos analisar a trajetória de Pires de Almeida, um intelectual mediador. A partir da análise de sua trajetória na literatura e na história, na medicina, na educação e suas produções nos periódicos, procuramos demonstrar que a trajetória de Pires de Almeida foi marcada pela preocupação em tornar os conhecimentos científicos acessíveis para diferentes públicos, e em destacar seu papel na construção da nação.

O terceiro capítulo, “O médico e a mãe: o Guia da mulher pejada”, adentramos a obra de Pires de Almeida propriamente e de forma mais aprofundada. Primeiramente procuramos contextualizar a publicação de o “Guia da mulher pejada” no cenário de publicações destinadas a vulgarizar conhecimentos médicos para um público leigo. Também buscamos refletir sobre o processo de recepção e de reconhecimento da obra de Pires de Almeida. Apresentamos a publicação da obra, sua estrutura e suas principais características. Analisamos, ao final, os conteúdos apresentados por Pires de Almeida, em sua obra, procurando compreendê-la enquanto uma obra de vulgarização dos conhecimentos, no contexto do Império brasileiro.

CAPÍTULO 1 - Imprensa e vulgarização no Brasil

1.1 - Perspectivas da vulgarização

Para um melhor entendimento sobre o conceito de vulgarização, é necessário que se faça uma discussão sobre o termo divulgação. De acordo com Betânia Figueiredo, para o contexto do século XIX, é importante que os vocábulos vulgarização e divulgação sejam empregados de forma cuidadosa (FIGUEIREDO, 2005). Destaco a necessidade deste cuidado para evitar o uso inadequado de um termo, que designava algo em um determinado período histórico, na referência a problemas e questões posteriores. Além disso, no caso do termo divulgação científica, existe a seguinte ideia:

(...) de um movimento estruturado, envolvendo técnicos governamentais de diversas áreas (educação, tecnologia e cultura), escolas públicas e privadas em diversos níveis, imprensa, sociedades científicas, entre outras associações que desejam, de forma deliberada, divulgar os conhecimentos da ciência para a população em geral como mais um ponto necessário em direção à conquista da cidadania (FIGUEIREDO, 2005: 61).

Diferentemente da divulgação, a vulgarização pressupõe a ideia de que existia um aprendizado que não perpassava o ensino formal. Ele poderia se dar a partir dos livros, dos periódicos, de peças teatrais, de conferências e exposições públicas, etc.

Moema Vergara também procurou fazer uma diferenciação entre os termos vulgarização e divulgação. A autora afirmou que na história das ciências nem sempre os vocábulos foram usados de formas distintas. O que se encontra, por vezes, é um uso indiscriminado dos termos para designar os processos de popularização da ciência. Segundo a autora, divulgação é um termo derivado do latim, *divulgatio*, de *divulgarem*, e significa “a ação de divulgar seu resultado. Propagação, publicação, revelação” (VERGARA, 2003:11). O exemplo dado pela historiadora é relevante para a compreensão do conceito de divulgação. No caso, uma revista especializada faria mais do que tornar pública uma informação, ela lhe dá autoridade, a corrobora, arquiva e data essa informação, o que não aconteceria no processo de vulgarização científica.

A noção de vulgarização supõe a concepção de tradução. No caso da divulgação, essa ideia de tradução não está necessariamente presente:

O ato de divulgar ocorre quando um conteúdo é acessível para outros especialistas, estando expresso na linguagem especializada, dominada tanto pelo emissor quanto pelo receptor. Assim, a compreensão da

mensagem já pressupõe o partilhar de um conhecimento científico prévio (VERGARA, 2003:11).

Neste sentido, a prática da vulgarização científica perpassava a dimensão de um indivíduo que procurava traduzir o conhecimento científico para um público leigo, ou seja, todos aqueles que não eram envolvidos com a produção do conhecimento. A relação entre público e ciência, neste contexto, era definida a partir da necessidade de tradução. E a maneira pela qual os homens de letras buscavam provar a legitimidade de seu conhecimento era justamente demonstrando como a ciência poderia ser aplicada no cotidiano das pessoas. Por isso, neste momento passou-se a associar a vulgarização com a ideia de utilidade da ciência. Conforme afirmou Vergara, foi precisamente este compromisso com a utilidade a principal marca da prática científica no XIX.

A historiadora francesa Bernadette Bensaude-Vicente procurou investigar como o termo vulgarização surgiu no contexto francês do século XIX, apresentou os momentos e ações as quais podem ser identificados como seu auge e, posteriormente, a decadência das formas de vulgarização. A autora afirma que o vocábulo, na língua francesa, era utilizado para designar toda atividade de comunicação da ciência com o grande público (BENSAUDE-VINCENT, 2010). O termo, em certos momentos, adquiriu uma carga pejorativa, por remeter à ideia de *vulgus*. Entretanto, o movimento de vulgarização se fortaleceu ao longo do século XIX, a partir da expansão de livros, revistas, exposições, museus, cursos, baseados na concepção de uma 'ciência para todos'.

Em alguns momentos e para alguns homens de letras, no Brasil, o termo vulgarização chegou a adquirir uma conotação pejorativa. No Dicionário da Língua Portuguesa, de Moraes Silva (1813), o termo era assim definido: “Reduzir ao estado do plebeu, e homem vulgar. Fazer comum, com abatimento da nobreza, gradação de apreço, respeito. Traduzir em vulgar, romancear. Publicar a todos, prostituir-se” (SILVA, 1813 Apud VERGARA, 2008:325).

Bernadette Bensaude-Vicente trabalha com a noção de tradução. Para ela, o ato de figuras, que ela os define como vulgarizadores, tentar fazer com que a ciência pudesse alcançar o grande público, só poderia ocorrer através da adaptação da linguagem. Por isso, ela reitera que, os vulgarizadores são as figuras responsáveis por realizar uma ponte entre o mundo científico e o mundo do grande público.

A noção que se defendia no século XIX era a de uma “ciência para todos”. Essa concepção de que a ciência deveria ser amplamente divulgada, era baseada na noção iluminista de propagação das luzes. Vulgarizar os conhecimentos foi uma ideia que teve aceitação no período.

De acordo com Moema Vergara, o termo *vulgarização* teve aparecimento no contexto francês de meados do século XIX e foi utilizado em um amplo movimento que no período visava tornar o alcance do conhecimento científico mais amplo. O termo pode ser definido, no século XIX, como "a ação de falar de ciência para os leigos" (VERGARA, 2003: 11). Por conta da influência que a cultura francesa exercia sobre o Brasil, o termo se tornou conhecido pelo público brasileiro a partir da ampliação das obras francesas. Até os anos 1930, vulgarização no Brasil, era sinônimo de ‘falar de ciência para leigos’. Após essa década, o vocábulo foi caindo em desuso por outro, a ‘divulgação científica’.

Não se pode esquecer que o processo de vulgarização científica está relacionado com um contexto de aumento da produção de livros, manuais, jornais, revistas, bibliotecas, etc. Foi propriamente por conta da expansão do número de leitores que a vulgarização se tornou viável. A ciência tornou-se essencial ao progresso do país e ao bem-estar das populações.

Uma das principais características da vulgarização, como dito anteriormente, era a própria ideia de *tradução*, e este aspecto é o que fez com que em alguns momentos a vulgarização fosse interpretada como algo pejorativo, pois a ideia de tradução punha alguns limites, no sentido da impossibilidade de que o conteúdo fosse integralmente transmitido e, ao mesmo tempo, um limite na fidelidade a algo anterior. Atualmente, estudiosos que se propõem a refletir sobre as maneiras pelas quais se buscam ampliar o conhecimento científico para um grande público, destacam a importância da tradução no processo de divulgação da ciência. O indivíduo que se propõe a traduzir um conhecimento, ele aprende a traduzi-lo a partir de códigos culturais que muitas vezes não fazem parte do seu mundo. Por isso, o sujeito responsável por cumprir essa ação, ou o vulgarizador, está sempre em uma posição mediadora, entre mundos distintos (GOMES; HANSEN, 2016).

Por isso, a vulgarização é compreendida como uma atividade criadora. Ao traduzir o conhecimento para um público distinto do seu, o vulgarizador constrói, neste sentido, um conhecimento novo, algo que não existia anteriormente.

Além da concepção de tradução, outra característica da vulgarização era a de um conhecimento universal de ciência. Baseado em um conhecimento produzido por indivíduos empenhados na produção do conhecimento, o vulgarizador se propunha transformá-lo para que fosse entendido pelo público não especialista. No processo de tradução, o vulgarizador partia da premissa de que independente do grau de instrução do público, todos poderiam compreender o conhecimento.

O público para o qual a vulgarização era destinada era composto basicamente por mulheres, crianças e trabalhadores. Dado o grau de pouco letramento desta população no século XIX, os vulgarizadores se incumbiam da tarefa de traduzir os conhecimentos para uma linguagem na qual, independente do grau de instrução, todos pudessem compreender o conteúdo. Para isso, era utilizada uma linguagem mais amena, com textos mais curtos, e em alguns casos, a utilização de imagens. Apesar de a vulgarização ser, em tese, direcionada para os públicos de diferentes classes sociais, não podemos esquecer que os indivíduos que efetivamente tinham acesso a esses conteúdos pertenciam aos grupos de uma elite letrada.

Outra perspectiva da vulgarização era a de que o conhecimento deveria ser traduzido a partir de uma forma amena e útil, e às vezes recreativa. Diversas ações de vulgarização foram pensadas, como as conferências, cursos públicos, exposições, jornais e revistas, com o fim de que fosse acessível ‘a todas as inteligências’. Em muitos jornais de época, a questão da utilidade da ciência aparecia de uma maneira muito clara. Muitos conhecimentos que eram vulgarizados possuíam alguma utilidade. No contexto do século XIX, a sociedade estava conferindo um novo papel para a ciência, de modo que se buscava utilizar os conhecimentos da ciência no cotidiano. Dessa forma, a vulgarização era realizada porque a sociedade estava compreendendo um novo papel da ciência.

Apesar de a vulgarização ser um processo conduzido pelo vulgarizador, deve ser assinalado que buscamos compreender a vulgarização científica como uma via de mão dupla. Os conhecimentos e os conselhos produzidos pelo vulgarizador não confrontavam completamente com os conhecimentos leigos. O que estamos tentando afirmar é que, para conseguir credibilidade e aceitação pelo público, os vulgarizadores não descartavam por completo os conhecimentos do público, estabelecendo desta maneira, um diálogo e afinidade com o público.

Neste capítulo da dissertação, a partir da análise dos periódicos, essa ideia de utilidade da ciência irá aparecer. Ressaltamos aqui o fato de que a obra de José Ricardo

Pires de Almeida, “Guia da mulher pejada”, foi publicada inicialmente em fascículos do periódico *A Mãe de Família*, o que reforça a necessidade da compreensão dos periódicos como um veículo de vulgarização científica.

Nos periódicos aqui analisados, por exemplo, era recorrente a ideia de uma ciência aplicável ao domínio do espaço do lar, seja nos cuidados com a alimentação da família, ou mesmo com a vestimenta e a decoração da casa.

A questão da linguagem era outro ponto observado pelos vulgarizadores. Falar de ciência para um público não especialista exigia uma adaptação da linguagem. Por isso, muitos deles defendiam que o conhecimento deveria ser tratado de uma forma amena. Esse é um ponto importante porque, em muitos casos, nem todos os conhecimentos eram divulgados. Às vezes, a impossibilidade da tradução impedia que certos conhecimentos fossem vulgarizados. O vulgarizador, como autoridade encarregada de tratar de ciência, neste sentido, também colocava limites entre o conhecimento ‘puramente’ científico e aquele traduzido. Isto pode ser exemplificado através da obra de um médico, Antonio Ferreira Pinto (1827-1864), autor de “O medico da primeira infancia ou o conselheiro da mulher gravida e hygiene da primeira infância”, publicada no Rio de Janeiro, em 1859.

Como muitos outros do período, inclusive o próprio José Ricardo Pires de Almeida, Antonio Ferreira Pinto publicou manuais, como a obra acima, com o objetivo de que fosse lida, principalmente, por mulheres grávidas. O que o motivou a escrevê-la foi o número alto de mortalidade infantil do período. Seu propósito era de que, informada pelos preceitos da ciência, sobre as maneiras de conservar a saúde de si mesma e da criança, a mulher pudesse assim, preservar a vida de ambos. Onde o médico onde não pudesse estar, a mulher assumiria seu lugar no sentido de preservação e combate a algumas doenças. O ponto interessante dessa obra é que, em alguns assuntos, Ferreira Pinto afirmava que não poderia explica-los, pois somente ao médico caberia saber de determinados conhecimentos. Por isso, assumindo a postura de um vulgarizador, este também colocava limites de até onde este conhecimento poderia ser traduzido.

Um fato que não pode ser negligenciado é o próprio contexto de vulgarização em outros países, principalmente França, Alemanha e Inglaterra. Como dito anteriormente, a própria ideia de vulgarização teve início na França e daí foi se ampliando para outros espaços, inclusive o Brasil. O movimento de vulgarização absorveu muito do que foi o Iluminismo. Dessa forma, a educação e a ciência passaram

a serem vistas como o caminho para a transformação. E neste contexto, o Brasil também passou a defender esses ideais. De acordo com Vergara:

Estes esforços de popularização partiam da premissa de que a ciência era a base da sociedade moderna e de que o Brasil deseja estar “ao nível de seu século” tinha que participar destas atividades divulgadoras que aconteciam nos principais centros ocidentais, tais como Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra (VERGARA, 2008b: 3).

1.2 - Periódicos e vulgarização no Brasil

A imprensa foi um dos meios pelos quais a ciência conseguiu, no século XIX, alcançar um público distinto, composto, na maior parte das vezes, por mulheres, crianças, trabalhadores, etc. Diversos jornais do período enfatizavam como a imprensa possuía uma missão de levar as ‘luzes’ para as populações. Essa missão estava atrelada a diversos aspectos que eram defendidos, como a ideia de que por meio da propagação da educação e da ciência poderia se engrandecer a nação, pois no pensamento da época, somente pela educação poderia se medir o desenvolvimento de um país.

Uma iniciativa realizada por conta da instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro foi importante para o desenvolvimento da imprensa no Brasil. Um decreto de dois de março de 1821 suspendeu a censura prévia para a imprensa. A partir daí, a liberdade de imprensa foi instalada no Brasil. De acordo com Morel e Mariana Barros, esta liberdade teve avanço e recuos, ela não seguiu uma linha progressiva. Ainda assim, foi a partir desta medida que se iniciou um movimento de pluralidade com relação às formas de comunicação. De um modelo típico do Antigo Regime, que se utilizava “gazetas, pregões, bandos, exibição de cartazes impressos ou manuscritos nas ruas, leituras coletivas e proclamações em voz alta” (MOREL; BARROS, 2003:24) para um espaço onde se consolidavam debates por meio da imprensa e onde “ganhavam importância as leituras privadas e individuais, permitindo a formação de uma opinião de caráter mais abstrato, fundada sobre o julgamento crítico de cada cidadão leitor e representando uma espécie de somatório das opiniões” (MOREL; BARROS, 2003:24-25).

No ano de 1821, no Rio de Janeiro, por exemplo, surgiram duas tipografias, a Nova Tipografia e a de Moreira e Garcez. Em 1822, apareceu mais quatro, a de Silva Porto & Cia., que era propriedade de Felizardo Joaquim da Silva Moraes e Manuel Joaquim da Silva Porto; a de Santos e Sousa; a do *Diário do Rio de Janeiro*, de Zeferino

Vito de Meireles; e a de Torres e Costa, propriedade de Inocêncio Francisco Torres e Vicente Justiniano da Costa (GAGLIARDO, 2015).

O assunto central dos primeiros anos da imprensa brasileira eram questões, em sua maioria, de cunho político. Na década de 1830 houve uma redução do número de periódicos, em decorrência das medidas adotadas pelo governo imperial. E, posteriormente, na década de 1870, houve um aumento significativo no aparecimento de diversos tipos de periódicos, que eram fundados com os mais diversos objetivos e interesses. As discussões políticas ainda continuaram aparecendo nos periódicos, só que não com a mesma ênfase da primeira metade do XIX.

Neste momento do periodismo no país, a publicação de folhetins promoveu um crescimento no número de periódicos, e também do público leitor. Um espaço destinado a historietas, cartas, receitas, novidades, romances, charadas e piadas, esse tipo de publicação nos periódicos atraiu, principalmente, o público feminino, que foi o seu grande consumidor. Os folhetins também impulsionavam o gosto pela leitura e pelas histórias em uma sociedade em que mais da metade da população não era alfabetizada. A leitura dos textos em voz alta, por sua vez, possibilitava às classes populares terem acesso aos assuntos publicados nos folhetins.

Foi principalmente a partir da década de 1840 que uma ênfase pedagógica recaiu sobre o jornalismo. Ainda que no início do XIX se encontrem jornais que se disponham a propagarem a instrução, foi somente na década de 1840 que esse movimento se intensificou. Com o fim do período regencial, que foi marcado pela guerra de opinião entre jornalistas, a literatura, as ciências e as artes passaram a ganhar mais espaço nos periódicos, assumindo papel central no projeto pedagógico encabeçado por esses editores, redatores e colaboradores. Foi nesse período que surgiram os jornais “humorísticos, os satíricos, os noticiosos, os religiosos, os femininos, os de moda, os médicos, os musicais, os teatrais, os artísticos e, especialmente, os científicos e literários” (GAGLIARDO, 2016: 56).

Entretanto, conforme o estudo de Carlos Costa (2012), entre as décadas de 1830 a 1850, os editores encontravam algumas dificuldades para estabelecer uma clientela na venda de assinaturas de jornais e revistas. O tempo de duração dos periódicos era curto, de modo que alguns sobreviveram por apenas alguns meses. Segundo Carlos Costa, os editores dessa época queixavam-se “da falta de assinantes ou do não pagamento das cotas periódicas como motivo para pôr fim às publicações” (COSTA, 2012: 159). Um dos editores que pensou em novas maneiras de atrair o consumo do público foi Junio

Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio* e da gráfica comprada por ele de Pierre Plancher quando este retorna a Paris em 1832.

No ano de 1837, Junio Villeneuve lançou uma revista ilustrada, o *Museo Universal*. Esta publicação “era uma a posta do editor na linha da popularização da leitura, que aos poucos ia acontecendo na corte” (COSTA, 2012: 159). A revista incluía uma diversidade de públicos em sua apresentação e se destinava não apenas aos que possuíam alguma formação acadêmica, mas a todos que desejassem aprender sobre diferentes temas. Uma das inovações da revista foi, sobretudo, o uso de imagens em suas páginas. Seu tempo de duração foi uma exceção para a época, totalizando sete anos consecutivos.

Dessa maneira, o conjunto de publicações periódicas era constituído pelos jornais, dedicados às notícias diárias e aos temas políticos, e pelas revistas literárias ou científico-literárias, que publicavam variados textos, como literatura, ensaios científicos, biografias, etc. (FONSECA, 2018).

No Brasil dos Oitocentos, houve a expansão do mercado editorial, o que implicou no crescimento dos espaços reservados à leitura e venda de livros, como as bibliotecas e as livrarias, assim como no aumento do número de jornais e revistas dedicados a tratar sobre diversos temas, especialmente os literários. Vinicius Gagliardo destaca como, aos poucos, vai se consolidando uma cultura letrada no Brasil, a partir do surgimento de instituições e espaços dedicados à divulgação do conhecimento:

No decorrer do século XIX também houve grande aumento das instituições e espaços de apoio às letras, às ciências e à cultura: livrarias, bibliotecas, gabinetes de leitura, sociedades e academias artísticas, literárias e científicas, colégios regulares e técnicos, seminários, faculdades (inicialmente as de Direito e Medicina), teatros, entre uma série de outros estabelecimentos que auxiliaram, ainda que lentamente, na transformação de uma sociedade extremamente oralizada para uma sociedade cada vez mais letrada, em que a palavra impressa conquistava mais espaço (GALIARDO, 2015: 129-130).

Aliada a esse desenvolvimento do mercado editorial e da expansão do número de leitores, o século XIX também foi um momento no qual a percepção sobre a ciência se modificou. Graças às ações de vulgarização, a ciência foi apresentada perante o grande público a partir da noção de utilidade e, além disso, a ciência se tornou sinônimo de progresso.

Por conta do surgimento de novas tipografias e gráficas, e graças a inovações técnicas, o século XIX viu o aumento da produção de periódicos para uma grande variedade de público.

Neste período a imprensa e ciência possuíam uma relação muito estreita. Neste contexto surgiram muitos periódicos e revistas, editados especialmente por homens de letra, dedicados a levar os conhecimentos científicos a diversos públicos, adaptando linguagem e traduzindo conhecimentos, de modo a se fazer compreender por distintos indivíduos.

Um aspecto que merece destaque é o fato de que os periódicos de vulgarização não divulgavam apenas textos de ciência. Em sua maioria, textos literários também eram amplamente divulgados, isto até como uma estratégia de obter um número maior de assinaturas. Além da literatura, a moda também era um assunto frequente nas colunas dos periódicos voltados para mulheres. Aliando moda e higiene, esses redatores e colaboradores demonstravam maneiras pertinentes de se vestir de acordo com os preceitos da ciência. Esses homens que atuavam nos periódicos de vulgarização manifestavam um desejo de propagar as luzes e o progresso para seus leitores. Assim como afirma Morel e Mariana de Barros:

Quando se fala em educação e imprensa como canais dirigidos ao “povo” (...), não é difícil verificar quem são os educadores e redatores. Os construtores dessa opinião pública são, em outras palavras, os membros da chamada República das Letras, os letrados, os esclarecidos, ou seja, a opinião apontava como fruto da reflexão dos indivíduos ilustrados e se tornava pública na medida em que visava à propagação das Luzes do progresso e da civilização – e, por isso, apresentava-se como defensora da ordem e da moderação (MOREL; BARROS, 2003: 29).

1.2.1 – Editores, redatores e colaboradores

Boa parte dos editores e redatores de periódicos do século XIX, no Brasil, exaltava a imprensa como um mecanismo de difusão do conhecimento. Por conta do pouco acesso de grande parte da população ao conhecimento formal, os homens de letras se sentiam na obrigação de instruir a população por meio da palavra escrita, impressa nas revistas e nos jornais. A preocupação central era com a instrução pública do povo. Defendia-se que era necessário que o Governo imperial investisse em maneiras de ampliar o acesso da população ao conhecimento, pois, na época, se entendia que

progresso e instrução eram campos aliados e que, para o país poder desenvolver-se era vital o investimento em instrução.

Desse modo, desde sua gênese, no XIX, a imprensa brasileira se caracterizou por sua relação com a instrução, e operou de modo a tornar essa instrução acessível. Para os homens de letras que publicavam nos periódicos, a imprensa era um mecanismo de combate à ignorância e ao obscurantismo:

De acordo com a ampla gama de redatores e escritores que publicaram periódicos durante o século XIX, a instrução era considerada um mecanismo fundamental para se incutir novas ideias políticas, o que resultaria no abandono do mundo da ignorância em direção ao mundo da racionalidade, do esclarecimento e, no limite, da liberdade (GAGLIARDO, 2015: 132).

O auge da imprensa como instrumento pedagógico foi compreendido entre os anos de 1840 à década de 1870 (GAGLIARDO, 2016), que foi o período no qual diversos literatos atuaram como redatores e colaboradores em muitos periódicos da época. Nesta época, autores como Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, entre outros, tiveram uma colaboração expressiva, de modo que publicaram suas obras em forma de fascículos em diversos jornais e revistas. Desta forma, a literatura se consolidou no espaço dos periódicos como um dos instrumentos de formação do povo, contribuindo para o progresso e civilização.

Muitos daqueles que atuavam como colaboradores, ou que eram diretores ou dirigentes nos periódicos, ocupavam-se das mais distintas atividades, como a política, artes, medicina, advocacia, o ensino, etc. Assumiam para si a missão de propagar as luzes e impulsionarem o progresso no Brasil, seja através da literatura, seja por meio da ciência:

Eles próprios encaravam seu *fazer literário* como uma *missão civilizadora* e nacionalista, capaz de transformar a sociedade. Além disso, consideravam a si próprios importantes figuras públicas, essenciais para a conquista do *progresso* e da *civilização* do País. Mais ainda: desenvolveram uma insistente preocupação em conferir ao Brasil uma cultura de feição nacional (GAGLIARDO, 2016: 63).

Um adequado exemplo de uma figura que tomou para si a função de propagar os conhecimentos foi o próprio José Ricardo Pires de Almeida. Ele escreveu diversos textos e livros com o fim de tornar o conhecimento mais acessível a vários públicos. Era formado em medicina e atuou como médico, arquivista, escritor de peças teatrais e de textos que relacionados à área médica, a educação, etc., através dos periódicos. Uma de

suas premissas era a de que era preciso, por meio da ciência e da literatura, contribuir para o engrandecimento da nação. Pires de Almeida foi gerente do *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, foi redator no *Brazil Illustrado*. *Archivo de conhecimentos uteis*, e colaborador nos periódicos *A Mãe de Família*. *Jornal científico, litterario e illustrado*; *A Estação*. *Jornal illustrado para a família*; teve textos publicados em *A Provincia do Espirito Santo*. *Diário consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*; *Brazil. Órgão do Partido Conservador*; *A Folha Nova*. *Noticiosa, litteraria e agrícola*; *Diario do Brazil*.

Os periódicos foram, no século XIX, um dos principais meios de divulgação de ideias. Era principalmente através de jornais e revistas que as noções de nação, pátria, civilização, progresso, desenvolvimento, ciência, eram propagadas para o público. Ainda que não se tenham muitos meios de descobrir a relação entre público e periódicos no XIX, alguns indícios podem indicar as preferências do público. Exemplo disso são os jornais e revistas que tiveram longa duração, o que pode indicar a continuidade e aumento das assinaturas; além disso, os temas das revistas. Moda, por exemplo, era um assunto que tinha um expressivo espaço nos periódicos femininos, o que indicaria o gosto e escolha do público.

O discurso civilizatório divulgado pela imprensa dizia respeito tanto a questões públicas quanto a domésticas. Para civilizar a sociedade, esses redatores, editores e colaboradores de periódicos procuraram, primeiramente, atuar na esfera privada da família. Demonstrando modelos pelos quais a família brasileira deveria seguir, esses homens de letras conseguiram exercer sua influência sobre o seio familiar. Exemplo disso são os médicos higienistas que, através de suas colaborações nos periódicos, conseguiram demonstrar formas consideradas cientificamente corretas de alimentação, cuidado com as crianças, vestimentas para mulheres e recém-nascidos, modelos arquitetônicos que estavam de acordo com a higiene, etc.

Assim como os periódicos literários, os jornais e revistas de vulgarização científica foram fundados por iniciativa de homens de letras que atuavam em distintos campos. Muitos deles eram escritores, médicos, professores e/ou advogados e exerciam simultaneamente suas profissões com a atividade escritora.

O jornal *Academia Popular*. *Semanário de instrução e recreio para o povo* é um exemplo de como os redatores da época enxergavam a imprensa como um mecanismo de instrução e educação para o povo. Além disso, também pode servir de modelo para exemplificar o perfil dos redatores da época. A *Academia Popular* foi um

periódico publicado em Recife ao longo do ano de 1863, sob a direção de Cicero Odon Peregrino da Silva (1838-1896). Seu diretor era formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, foi o primeiro vice-presidente do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, foi deputado provincial, lecionou no Ginásio Pernambucano (que depois modificou o nome para Instituto Benjamin Constant), no qual foi vice-reitor e depois diretor e também foi professor na Escola Normal. Cicero Odon ilustra a maneira pela qual muitos intelectuais atuavam nos periódicos do século XIX. Homem, advogado e que exerceu diversas atividades para além do cargo e diretor de um periódico. É claro que não se pode esquecer que no século XIX a categoria jornalistas ainda não estava consolidada como área de formação e de atuação, o que nos leva a compreensão de uma das razões da diversidade de atuação desses intelectuais.

No primeiro número da *Academia Popular*, Cicero Odon expressou a aspiração de utilizar a imprensa como meio para a instrução:

A nossa sociedade ressentese um grande defeito: a falta de instrucção, não já recreativa, porem necessária aos usos da vida (...) A ignorância degrada e degenera o homem; a instrucção o exalta e o regenera. E pois esse estado de degradação é um mal. Para sana-lo ha dous meios: a imprensa e a palavra; mas entre nós nem nem outro exerce a sua poderosa influencia, como conviera exercer: a imprensa, porque até hoje não appareceo ainda um jornal dedicado á esta especialidade, sendo que os que existem ou são de grande preço ou só tratam de assumptos políticos; a palavra, porque não temos cursos especiaes destinados ao proveito do povo, que não pode subir os degráos das Faculdades. Era preciso por consequência derramar por entre a classe do povo esses conhecimentos geraes mais ou menos elementares, que em outras partes circulam de casa em casa.

(...)

Por tanto, para o povo é que escrevemos; e desde já declaramos que não pretendemos instruir os doutos, nem escrever para elles. Sirva isto de razão justificativa da linguagem vulgar e do estilo commum que empregarmos, e da escolha de assumptos fáceis que se notar nestas columnas².

Neste trecho a perspectiva da vulgarização científica apareceu de modo bem explícito. Cicero Odon definia de modo bem claro o seu público alvo, ele possuía a pretensão de dialogar com aqueles que não desfrutavam de uma formação superior. Ele gostaria de transmitir os conhecimentos para aqueles que não possuíam uma formação específica e que, portanto, não participavam da produção do conhecimento científico, ou seja, os leigos.

² SILVA, Cicero Odon Peregrino. Ao Publico. *Academia popular. Semanário de instrucção e recreio para o povo*, Recife, ano 1, n. 1, 3 de maio de 1863, p. 1-2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/822612/1> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Mais um exemplo da presença de um homem de letras no periodismo voltado para a vulgarização, pode ser encontrada no periódico *Imprensa Industrial. Revista de literatura, sciencias, artes e industrias*, cujo editor proprietário era Lino d’Almeida (1836-1888), jornalista e secretário da Sociedade Propagadora das Belas-Artes. Publicado no Rio de Janeiro, seu primeiro volume saiu em 1876, e o segundo, em 1877. Este periódico tinha um perfil parecido com o de uma enciclopédia, na medida em tratava dos mais diversos assuntos, como história, ciências, religião, artes, gramática, literatura, etc., como podemos ver no extenso índice de matérias, em ordem alfabética que apresentava. Para era Lino d’Almeida, os principais objetivos da revista eram:

Pretendendo passar em revista o movimento litterario e occupar-se de belas-artes, poderosos elementos de força e expressão característica do gosto e progresso intelectual na compreensão e apreciação do bello; aspirando á vulgarização das conquistas da inteligência humana, acomodando-as ao alcance de todas as compreensões; o seu particular designio é o desenvolvimento material do paiz, estudar as vantagens que resultam da applicação da sciencia a todas as industrias uteis pelo augmento da produção com a diminuição e facilidade do trabalho, multiplicação do tempo com o encurtamento das distancias, do melhoramento do produto com o aperfeiçoamento dos processos³.

Lino d’Almeida salientou a principal aspiração do periódico: o desenvolvimento material do país. Para tal, entendia que era necessário tornar acessíveis, por meio de uma linguagem amena a todas as inteligências, conhecimentos científicos que pudessem ser úteis para a população e para o país. É justamente por estes aspectos que Lino d’Almeida pode ser considerado um vulgarizador do XIX.

A *Revista Popular. Noticiosa, scientifica, industrial, histórica, litteraria, artística, biográfica, anedoctica, musical, etc.* é um outro exemplo de como os redatores utilizaram a imprensa como meio educativo. Publicada no Rio de Janeiro entre 1859 a 1862, esse periódico tinha como principal redator e proprietário Baptiste Louis Garnier (1823-1893), um editor e livreiro de origem francesa. A respeito dos objetivos da *Revista Popular*, Garnier disse o seguinte:

Escrevemos de tudo para todos.

(...)

Outr’ora quem aprêndera a ler e a escrever e as quatro operações, tinha completado a sua educação. Quem podia dizer que tinha “andado no latim” e se sahia ás vezes com sua rajada dele, que talvez só comprehendia por tradição, tinha jus á admiração geral. Hoje não é assim. Ao advogado não basta saber de cór as suas pandectas, nem ao

³ ALMEIDA, Lino de. Introdução. *Imprensa Industrial. Revista de litteratura, sciencias, artes e industrias*, Rio de Janeiro, v. I, 1876. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/700568/5> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

médico dar quináo em Hippocrates ou Hahnemann, nem ao astrónomo predizer o momento preciso da volta de um cometa. É preciso que saiba um pouco de tudo, e que em nenhum ramo de conhecimentos seja totalmente hospede. Aprofunda-los todos é impossível, mas desconhecer os princípios geraes de algum, quase é vergonha.

Lisongeamo-nos pois que nenhum dos artigos que apresentarmos aos nossos leitores, será para alguns delles inteiramente destituído de interesse. Quando tratarmos de um assumpto scientifico ou artístico, e nos embrenharmos no domínio de uma sciencia especial, fa-lo-hemos em termos que todos nos entendão. Não teremos mysterios reservados para os iniciados. Quando fallarmos ao lavrador queremos que o financeiro nos comprehenda, quando nos dirigirmos ao engenheiro, que o philosopho não fique em jejum⁴.

Se formos realizar uma comparação entre Garnier e os outros dois editores-proprietários dos jornais citados anteriormente, podemos pensar que era mais fácil para Garnier publicar um jornal como esse, pois nessa época ele já tinha consolidado sua fama como livreiro-editor. Entretanto, o que chama a atenção é o expressivo número de obras de instrução, de ciência e de livros didáticos no rol de publicações realizadas pela Casa Editorial Garnier. Desta forma, podemos entender que Baptiste Louis Garnier tinha grande uma preocupação com a propagação da instrução e das ciências no Brasil. Tamanho foi o seu empenho nesses quesitos, que no ano de 1867 lhe foi conferido o título de Oficial da Ordem da Rosa, o qual era conferido àqueles que contribuían para o progresso das letras e do conhecimento no país.

Cerca de uma centena de jornais voltados para a vulgarização das ciências foram publicados no século XIX, tendo diversos redatores, proprietários, gerentes e colaboradores.

No Censo de 1872, os diversos tipos de profissionais eram identificados em duas grandes categorias, as ‘profissões liberais’ e as ‘profissões manuais ou mecânicas’, de acordo com Maria Rachel F. da Fonseca. No grupo das ‘profissões liberais’ se encontravam categorias como professores e homens de letras, médicos, artistas, advogados. Ainda segundo a autora, o conjunto dos editores, redatores e colaboradores a maioria de se encontrava enquadrado na categoria ‘professores e homens de letras’, seguido por ‘médicos’, ‘advogados’ e ‘artistas’. Em suas atividades como escritores de jornais de vulgarização, “esses intelectuais, com distintos perfis profissionais,

⁴ GARNIER, Baptiste Louis. Introdução. *Revista Popular. Noticiosa, scientifica, industrial, histórica, litteraria, artística, biográfica, anedoctica, musical, etc.* Rio de Janeiro, ano 1, tomo 1, 1859, p. 2-3. Disponível online <http://memoria.bn.br/DocReader/181773/4> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

procuraram, como mediadores, colocar a ciência ao alcance de todos, por meio de seus periódicos e demais atividades de vulgarização” (FONSECA, 2018: 647).

Débora El-Jaick Andrade (2015), ao estudar o caso da revista *Guanabara*, demonstra estratégias utilizadas por seus redatores para propaganda e divulgação da revista. Neste caso, seus redatores procuraram ampliar seu público para um leitor de novo perfil que surgia oriundo de setores proprietários, que possuíam pouca instrução escolar e participante da “boa sociedade”. De acordo com a autora, a revista não conseguiu expandir seu público leitor para além de um segmento da classe senhorial com quem os redatores se relacionavam e conviviam em espaços de sociabilidade.

O caso do próprio Pires de Almeida é um exemplo de intelectual que atuou de forma importante no periodismo no século XIX, seja como gerente, redator ou colaborador de diversos periódicos. De acordo com Carlos Antonio de Paula Costa, que era o redator principal do jornal *A Mãe de Família*, Pires de Almeida teria sido convidado para ser colaborador nesta publicação, por conta das relações de amizade que mantinha desde a infância, e das afinidades decorrentes de suas profissões, pois ambos eram médicos. Já como colaborador de *A Mãe de Família*, Pires de Almeida anunciou e publicou em fascículos sua obra, o “Guia da Mulher Pejada”, assim como outras matérias de cunho médico ou de assuntos diversos. Pires de Almeida também foi convidado a ser um dos colaboradores do jornal *A Estação*, no qual publicou estudos e textos sobre higiene, e igualmente trechos de sua obra “Guia da Mulher Pejada”. O que estamos tentando afirmar é que a indicação de colaboradores e redatores de um periódico era definida, em grande parte, a partir de redes de sociabilidade.

Esses homens de letras que eram editores, redatores ou colaboradores dos jornais e revistas de vulgarização, partiam da crença de que estariam imbuídos de uma missão pedagógica, cujo principal objetivo era a transformação da sociedade por meio da educação e da ciência. Para esse fim, esses homens de letras procuraram traduzir o conhecimento científico para os mais diversos segmentos sociais.

1.2.2 – Leitores e leitoras

Ao longo do século XIX, graças ao desenvolvimento de técnicas tipográficas e ao aparecimento de novas gráficas e tipografias, a leitura de jornais e revistas passou a estar cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas letradas. De acordo com informações publicadas no estudo de Morel e Mariana de Barros, para 1840 podiam ser

contabilizadas a venda, no Brasil, de 5 mil periódicos vendidos anualmente; em 1860, foram 20 mil vendidos por ano; e em 1870, 30 mil (MOREL; BARROS, 2003: 54).

O folhetim foi, sem sombra de dúvida, uma das razões que impulsionou esse aumento no número de leitores. Era a própria maneira de publicação que atraía mais leitores. Publicavam-se obras aos pedaços, em fascículos, fazendo com que o leitor, instigado pela curiosidade, comprasse diariamente o periódico. No “Jornal do Commercio”, por exemplo, entre 1839 e 1842 (MOREL; BARROS, 2003: 55), os romances-folhetins eram cotidianos nesse jornal.

Desta forma, a obra de Pires de Almeida foi publicada em fascículos no jornal *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, ao longo dos anos 1881 a 1883. Com o título “Hygiene da mulher pejada”, Pires de Almeida foi aos poucos tratando dos temas pertinentes a manutenção da mulher grávida e, no ano de 1884, publicou em formato de livro a sua obra, que saiu com o título “Guia da mulher pejada”.

A literatura era o meio mais atrativo para o público leitor do século XIX. Diversas obras estrangeiras foram traduzidas e publicadas, em formato de folhetim, nos jornais brasileiros, como *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo. A partir da década de 1850, diversos escritores nacionais também começaram a publicar suas obras nos jornais. Em 1857, José de Alencar publicou *O Guarani*, no “Diário do Rio de Janeiro”; *Memórias de um sargento de milícias*, foi publicada entre junho de 1852 a julho de 1853, no “Jornal do Commercio”.

A literatura, além de ser um meio de entretenimento, possuía o atributo de educar os leitores nos valores morais da época. Principalmente por meio das revistas, a literatura nacional foi difundida para diferentes estratos da população, “compostas de textos ligeiros e amenos, acessíveis a uma população pouco acostumada à leitura” (ANDRADE, 2015: 18). Assim como afirma Maria Lúcia Pallares-Burke, em relação à educação no século XIX, no Brasil, não se pode falar apenas de escola, pois existiam outras formas que impactavam no processo educativo:

(...) é, sem dúvida, um erro descrever a educação brasileira do século XIX unicamente em termos de escola, seria igualmente um erro descrevê-la tão-somente em termos de jornais culturais/doutrinários. Há toda uma rede de outros agentes em plena atividade, como o romance e folhetins, por exemplo, que, ao lado de escolas mais ou menos isoladas, competiam pela transmissão dos valores culturais em

circulação e que devem ser considerados atentamente se se quiser recuperar, com maior fidelidade, a história da educação brasileira do século passado (PALLARES-BURKE, 1998:158).

Vários lugares foram pontos de venda de periódicos. As tipografias, livrarias, boticas, lojas de tecidos, etc. comercializavam jornais e revistas para os mais diversos públicos. Como Morel e Mariana de Barros nos lembram, os impressos eram uma mercadoria ao lado de outras. Livros, jornais e revistas eram vendidos em lojas de azulejos, por exemplo. Em muitos pontos de venda e em locais públicos, a leitura coletiva era incentivada e se tornava um local de sociabilidade. Assim como indica Carlos Costa:

Ao lado dessas sessões de leitura coletiva houve ainda a convivência e superposição das tradições orais, das narrativas que se transmitiam de boca em boca, com a leitura dos textos escritos. A senhora que na reunião de leitura ouvia um conto ou tomava conhecimento de uma nova prática ou ensinamento contaria mais tarde para as comadres e vizinhas a novidade ou as peripécias do herói. Provavelmente muitas das proezas narradas nos folhetins se disseminavam entre o público e se tornavam populares nesse recontar, em que a oralidade ainda contava com um peso específico⁵.

Muitos editores e livreiros se utilizaram de estratégias para atrair a atenção do público, tais como coleções de baixo custo e cupons de desconto, que acabava por agradar e atrair o público leitor. Uma das publicações que obteve um grande número de leitores foi o *Almanak administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*, que teve início em 1839. O *Almanak Laemmert*, como ficou conhecido, era um guia que cobria notícias relacionadas ao Império e listava lojas, estabelecimentos e serviços oferecidos. Entretanto, importa lembrar que a assinatura dos periódicos era feita principalmente por um público que possuía poder econômico para custear esse objeto de consumo.

Os leitores e leitoras dos periódicos eram, em grande parte, integrantes da elite intelectual. Por outro lado, a leitura de livros e periódicos em voz alta, que era comum na cidade do Rio de Janeiro, fazia com que os demais setores da sociedade tivessem acesso aos temas e assuntos tratados nos periódicos.

Como Pires de Almeida publicou o “Guia da mulher pejada”, dedicado às mulheres, em um periódico voltado para mulheres, consideramos que seja relevante

⁵ COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX. A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

uma discussão acerca do que consideramos como imprensa feminina. Cabe esclarecer que Pires de Almeida não escreveu apenas em jornais femininos, pois sua produção também se estendeu a periódicos que tinham um público alvo diverso.

Dulcília Buitoni assevera como desde o surgimento da imprensa feminina no fim do século XVII, temas como moda e literatura sempre foram recorrentes. É preciso salientar que, nesta dissertação, entende-se imprensa feminina como aquela produzida ou não por mulheres. O que a define é o seu público alvo. Tal como nos termos de Buitoni, “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres” (BUITONI, 1986: 16). A imprensa feminista se diferencia da imprensa feminina, pois sua pauta é basicamente a luta por direitos civis e políticos. Ela já nasce com esse intuito e suas sessões tratam basicamente sobre esses temas.

O fato de desde o início da imprensa feminina assuntos como moda e literatura terem sido recorrentes, é um indicativo, segundo a autora, de como esta imprensa tratava da questão do novo. Como a moda é algo que está sempre em constante mudança, Buitoni indica como os periódicos femininos procuravam sempre estar atualizados, neste sentido, de modo que os “jornais e revistas femininos funcionam como termômetro dos costumes de época. Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada” (BUITONI, 1986: 24).

Aos poucos outras temáticas foram sendo incorporadas por esta imprensa. Decoração, arquitetura, trabalhos manuais, conselhos de saúde, economia doméstica, utensílios domésticos, dicas de beleza, etc., foram muitos dos assuntos tratados pela imprensa feminina.

Em nossa análise, adotaremos a perspectiva de Dulcília Buitoni (1986), compreendendo a imprensa feminina como aquela que tinha como seu elemento definidor o seu público alvo. Portanto, entende-se que ela poderia ser produzida tanto por mulheres quanto por homens, mas seu objetivo era alcançar as mulheres.

No caso brasileiro, o primeiro jornal feminino de que se tem notícia é “O Espelho Diamantino”, publicado no Rio de Janeiro, em 1827. O segundo é “O Espelho das Brasileiras”, publicado em Recife, em 1831. A esses se seguiram outros, editados sob os mais diversos fins. Constância Lima Duarte realizou um levantamento de todos os periódicos femininos publicados no século XIX, dos quais identificou um total de 143 periódicos publicados no Brasil ao longo desse período (DUARTE, 2017).

Destes, o maior número foi publicado no Rio de Janeiro: 45 periódicos. Se sucedendo no Recife, com 25; São Paulo: 14; Salvador: 9; e Fortaleza: 4.

Entre os assuntos das publicações, a autora constatou uma grande variedade de temas e de estilos, passando por ficções, poesias, crônicas, ensaios, memórias, escritos militantes, conselhos sobre saúde, economia doméstica, etc. A este respeito a autora afirma:

E os periódicos são surpreendentemente múltiplos em sua diversidade. Há os assumidamente feministas; os assumidamente conservadores; os que não se comprometem; os que se limitam as passatempo; os que visam certos segmentos, como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante; e os que se dedicam a temas específicos: literatura, educação, política, lazer, moda, humor (DUARTE, 2017:22).

Para trabalhar a ideia de imprensa feminina, Constância Duarte buscou apoio teórico em Dulcília Buitoni. Por isso, sua concepção de imprensa feminina é a de uma imprensa pensada e produzida para mulheres, seja ela dirigida pelas próprias ou não.

Uma perspectiva relevante para pensar a imprensa feminina no século XIX é a partir de sua relação com a instrução. Por conta do escasso acesso que as mulheres tinham à educação nesta época, a imprensa foi um meio pelo qual muitas mulheres puderam ter acesso à ciência de uma maneira geral. Dessa forma, a imprensa também pode ser compreendida neste contexto, como um instrumento pedagógico de (in)formação.

Vários textos e periódicos direcionados à vulgarização dos conhecimentos se destinavam especificamente às mulheres. Estas, enquanto leitoras de periódicos e de livros de vulgarização, pertenciam a determinados segmentos sociais, ou seja, aqueles que detinham algum poder aquisitivo. Neste sentido, tendo em vista o fato do “Guia da Mulher Pejada” ser uma obra voltada para o público feminino, e ter sido publicado num periódico igualmente direcionado às mulheres, é importante conhecer um pouco mais do perfil deste público leitor.

De acordo com June Hahner, o *status* social das mulheres do século XIX era derivado de suas famílias e não de si mesmas, fossem elas esposas ou não de homens que possuíam alguma importância no período. Poucas eram as mulheres da época que possuíam acesso às letras, mesmo as de classe alta eram limitadas nesse quesito. A educação dessas mulheres de classe alta consistia basicamente em assuntos que deveriam ter como finalidade a atuação de mãe e de esposa. Além de aprenderem a ler, também era ensinado a elas aulas como a de costura, e como gerenciar uma casa, por exemplo (HAHNER, 2018).

Questões como honra feminina e familiar eram ligadas à hierarquia social. Boa parte das mulheres da elite passava parte do seu tempo confinadas no interior de suas casas, e isso era um demonstrativo de status social. Mesmo restritas ao lar, muitas dessas mulheres aprendiam administrar o ambiente doméstico. June Hahner reitera que:

Nas cidades, mulheres da elite, mesmo permanecendo restritas ao lar, chegaram a dirigir o cotidiano de casarões, as chamadas “casas-grandes”, cheios de parentes, agregados e escravos. Elas supervisionavam pessoalmente a produção de roupas, alimentos, utensílios domésticos, sabão, velas e bebida alcoólica, enfim, as necessidades de um lar bastante autossuficiente neste aspecto. Encarregavam-se de uma grande quantidade de obrigações religiosas e ainda instruía seus dependentes. Como era grande o movimento de ambulantes à sua porta, as senhoras também podiam participar de pequenas transações comerciais sem pisar fora de casa. Apesar de alguns visitantes homens descreverem as donas de casa como pessoas que passavam seus dias bordando, fazendo renda, arrumando flores, tocando música ou preparando sobremesas que deliciavam os convidados, elas tinham muito mais o que fazer no cotidiano de seus lares (HAHNER, 2018:47).

Dessa forma, as possibilidades de atuação dessas mulheres estavam relacionadas às questões que envolvessem a família e o ambiente doméstico. A Igreja Católica foi uma instituição que, no período, também restringiu a atuação da mulher ao ambiente privado. Como boa parte dessas mulheres eram educadas, desde crianças, nos preceitos cristãos, o ideal de esposa submissa era um aspecto evidente na educação dessas mulheres.

O casamento entre os membros da alta sociedade seguia o padrão de serem “arranjados”, pois assim facilitava a continuação da linhagem e a garantia de terras. Sendo assim, as mulheres não detinham o poder de escolha sobre seus parceiros. Hahner declara que, pelo casamento, a mulher passava da autoridade do pai para a do marido: “Como esposas, elas tinham de submeter-se à autoridade do marido em decisões relativas à educação e criação de seus filhos, além da escolha do local de residência” (HAHNER, 2018: 50).

Um ponto interessante de observar é como, no século XIX, existia uma diferenciação das mulheres de elite da corte e das mulheres de elite das outras províncias. Muitos dos costumes, da vestimenta, do comportamento das mulheres da corte se diferenciavam bastante se comparados com as mulheres de outras regiões do Império. Em termos de mudanças sociais, o Rio de Janeiro, especialmente na segunda

metade do século, trouxe muitas alternativas de atuação para essas mulheres. Era esperado delas um comportamento que também se refletisse no ambiente público:

A intensificação a vida comercial e a efervescência política no Rio de Janeiro (...) levaram à promoção de eventos sociais maiores e mais complexos. Em tais eventos, assim como nas recepções formais de convidados, esperava-se que as mulheres de classe alta demonstrassem habilidades sociais adequadas e talentos que promovessem o nome da família – como entreter os convidados, conversar polidamente, tocar instrumentos, cantar de modo agradável, demonstrar maneiras refinadas, falar línguas. Até mesmo exibir joias e vestidos elaborados e decotados, cheios de laçarotes e babados, nos bailes e nas festas, assinalava a posição de suas famílias (HAHNER, 2018:54-55).

Neste contexto de modificação dos costumes na vida das mulheres, especialmente para aquelas que residiam no Rio de Janeiro, a valorização da maternidade foi um dos aspectos defendidos por muitos homens e mulheres de letras nesse período. Ser mãe, nessa conjuntura, passou a ser sinônimo de missão, que deveria praticada a partir de um conhecimento transmitido pelos médicos:

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representava o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível⁶.

O discurso higienista teve grande papel na valorização da maternidade nessa época. A mãe, baseada no conhecimento científico, deveria seguir com sua gestação e depois com a criação dos filhos. Neste contexto, apesar de os médicos se direcionarem para as mães, o foco central deles era nos filhos. O índice alto de mortalidade infantil no período era muitas vezes explicado como fruto da negligência materna. E os filhos eram vistos como futuros cidadãos da pátria e, por isso, deveriam ser bem cuidados e educados. E sobre isso a imprensa teve um papel relevante na medida em que procurava educar a mulher para o seu papel de mãe e de guardiã do lar.

Poucas mulheres nesse período se dedicaram ao mundo das letras. Algumas colaboraram em jornais e também assumiram a posição de redatoras. Everton Barbosa demonstra o caso do “Jornal das Senhoras”, publicado no Rio de Janeiro entre 1852-1855, que era dirigido por mulheres. Esse jornal era comercializado em

⁶ DÍNCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. De textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10 ed., 2015.

estabelecimentos que ficavam localizados na R. do Ouvidor, que era um espaço de grande fluxo feminino (BARBOSA, 2018).

Uma temática que aparecia nesse jornal e que era comum nos jornais femininos era a de moda e de literatura. No caso do “Jornal das Senhoras” era costume a inserção de uma peça com estampas de modas ou moldes de bordados. Outros jornais como “A Estação” também utilizavam essa estratégia para atrair mais assinantes.

Nessa época, o acesso das mulheres à educação ainda era pequeno. Entretanto, Maria Helena Camara Bastos lembra que neste período, o surgimento de escolas femininas, e a ampliação do mercado editorial de livros e periódicos, de gabinetes de leitura e de bibliotecas, possibilitaram um aumento do público leitor feminino e masculino (BASTOS, 2002). Foram justamente as mudanças de hábitos nos centros populacionais brasileiros, principalmente do Rio de Janeiro, que permitiram um acesso maior das mulheres à educação.

A partir de meados do XIX, a mulher adquiriu um status social maior. Seu aparecimento em público era percebido em salões, gabinetes de leitura, livrarias, cafés. Diversos jornais do período enfatizavam a necessidade de aconselharem modos de comportamento social para mulheres. A mulher que aparecia em pública deveria ser educada para isto e instruída. Sendo assim, portanto, foi se ampliando aos poucos a entrada das mulheres nas escolas, o que acabou por ampliar o número de alfabetizadas. Conforme afirma Gabriella Lopes:

A escolarização, alfabetização das meninas, a leitura dos livros, jornais, revistas e seções femininas ficou evidenciada (...), pois tornou-se mais comum ver as mulheres lendo. Os salões, bailes e serões já não testemunhavam apenas as últimas invenções da moda e as danças, eram espaços onde elas realizaram leituras em voz alta, indicaram livros e periódicos umas às outras, se informavam sobre as novidades literárias, consolidando assim práticas de leitura. A prática de leitura em voz alta realizada nos saraus, serões e até mesmo no interior dos lares em meio aos afazeres domésticos, o bordado e a costura (LOPES, 2019: 48).

De acordo com Gabriella Lopes (2019), foi regulamentada, no Rio de Janeiro, em 1837 a Lei Provincial que definiu os princípios da instrução primária e secundária, determinando os currículos para as escolas de meninas e meninos. Para as meninas, os conteúdos estabelecidos foram os saberes como ler, escrever, contar, história nacional, religião católica, alguns elementos de matemática, e os saberes destinados ao ambiente doméstico. Mesmo que fosse um currículo ainda muito restrito, a possibilidade de escolarização permitiu com que muitas mulheres tivessem acesso aos livros e aos

periódicos, e aos poucos foi se formando um público leitor feminino. Por isso, periódicos como *A Estação*, e o *Jornal das Senhoras*, entre outros, foram aparecendo impulsionados por temáticas que atraíam o público feminino, como modas e literatura.

Em diversos periódicos do período, principalmente aqueles que tinham uma preocupação em vulgarizar os conhecimentos científicos, havia a publicação de matérias nas quais continham “conselhos” sobre maneiras de conservar melhor a saúde, de como cuidar dos filhos, como produzir uma alimentação saudável.

No caso estudado nesta dissertação, o foco será na ciência médica, em como ela aparece na imprensa para mulheres a partir dos escritos de José Ricardo Pires de Almeida. Essa ideia de *conselhos* foi apropriada pelo próprio Pires de Almeida e por outros médicos do período. A ideia adotada era a de que, apoiados em um conhecimento obtido a partir de sua formação, os médicos poderiam aconselhar essas mulheres, para que estas, informadas, pudessem assim ter uma garantia de vida melhor para si e para sua família.

O que chama a atenção é a própria ideia de “conselhos”. A partir de uma forma amigável os médicos buscavam uma aproximação com as mulheres. Dar um conselho pressupõe que se esteja dando uma opinião, sem a pretensão de ser imposta ao outro. Dessa forma, era através de uma linguagem adaptada e de uma maneira específica de tratamento que os médicos procuravam estabelecer uma proximidade com o público feminino.

Além da medicina, um dos aspectos pelos quais as mulheres se aproximaram da imprensa foi a literatura. Principalmente por meio dos folhetins, o público feminino manteve estreita relação com a imprensa no XIX. De acordo com Cláudia de Oliveira, os folhetins são uma invenção francesa que foi transportada para o Brasil nos Oitocentos (OLIVEIRA, 2011). Desde seu surgimento, sempre se configurou como um espaço de entretenimento, no qual a notícia de menor importância ou gêneros ficcionais era publicada. Segundo a autora, os folhetins foram um importante instrumento para o aparecimento do romance brasileiro, e acompanharam o advento da literatura nacional.

Assim sendo, não tem como, no século XIX, falar de imprensa feminina sem pensar nesta relação com a literatura. Muitos jornais femininos, às vezes, para tratar de temas de ciência, por exemplo, não descartavam de suas páginas os folhetins, que eram um caminho e uma estratégia para atrair essas mulheres. Assim como afirma a autora, “Inegavelmente, as mulheres tornam-se sujeitos fundamentais na construção da

literatura e da imprensa nacional. Elas eram suas consumidoras mais vorazes” (OLIVEIRA, 2011:166).

Decoração era outro assunto bastante abordado nos periódicos femininos. No século XIX, a decoração do ambiente doméstico passa a ser símbolo de status social. A partir de inspirações francesas, muitos jornais e revistas brasileiros passaram a representar ambientes de acordo com os padrões franceses. Marize Malta aponta para o fato de que a decoração, tal como foi representada no jornal *A Estação*, deveria ser uma extensão da beleza feminina:

A partir de tantas sugestões de trabalhos manuais, de tantos riscos de bordados, de tantas ideias para objetos, uma casa não poderia deixar de estar desprovida dos encantos decorativos, delegando às mulheres o dever de embelezar seus lares. (...) A habilidade empregada para o trabalho de bordado era considerada natural das mulheres (MALTA, 2011:100).

A medicina do período procurava aproveitar o interesse feminino pela decoração para abordar as questões higiênicas. Dessa forma, dava para se falar de ciência através de temas como a decoração.

Desta maneira, a partir de diferentes matérias, os jornais femininos procuravam (in)formar essa mulher na ciência da época, nos padrões de beleza, de comportamento, de vestimenta, de decoração e nos costumes. Assim como reitera Marize Malta:

Como a maioria dos jornais destinados ao belo sexo, os contos, as poesias e as histórias ligeiras procuravam distrair a leitora, enquanto os informes buscavam deixá-la atualizada quanto aos assuntos de interesse social: economia doméstica e moda, trabalhos manuais, comentários de festas e espetáculos em cartaz, biografias de senhoras ilustres, episódios da História e relatos de viagem (MALTA, 2011: 92).

Daniela Magalhães da Silveira chama a atenção para um ponto que não se pode esquecer ao pensar sobre mulheres leitoras e imprensa no século XIX. A autora ao tratar do gênero dos leitores do jornal *A Estação*, indica que, apesar de ter sido um periódico voltado principalmente para o público feminino, este não era seu único público. A família, como um todo, também participava da leitura, isto porque era comum, na época, o costume de uma leitura compartilhada e discutida entre os membros da família. Portanto, a leitura individualizada não era hábito (SILVEIRA, 2015).

Um dos jornais em que essa ideia apareceu de modo explícito foi *A Mãe de Família*. Seu principal redator, Carlos Antonio de Paula Costa, pedia para que as

mulheres, que tinham acesso àqueles conhecimentos divulgados pelo jornal, os compartilhassem com outras mulheres que, por ventura, não tivessem acesso à leitura.

Carlos Costa (2012), em sua obra “A revista no Brasil do século XIX”, elenca alguns periódicos da imprensa feminina que foram fundados no século XIX, entendendo imprensa feminina como aquela produzida, por ambos os sexos, e direcionada para mulheres. Entre os periódicos, destacamos alguns: *Correio das Modas: jornal critico e litterario das modas, bailes, theatros* (Rio de Janeiro 1839-1840); *O Ramallete de Damas* (Rio de Janeiro, 1850); *O Bello sexo: periódico litterario e recreativo* (Pernambuco, 1850-1851); *Novo Correio de Modas: jornal do mundo elegante consagrado às famílias brasileiras* (Rio de Janeiro, 1852-1854); *Marmota Fluminense* (Rio de Janeiro, 1852-1857); *O Jardim das Damas: periódico de instrucção e recreio, dedicado ao bello sexo* (Recife); *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro, 1852-1855); *O Espelho: revista semanal de litteratura, modas, industria e artes* (Rio de Janeiro, 1859-1860); *Espelho das Bellas: periodico litterario e recreativo* (Bahia, 1860-1861); *O Sexo feminino: semanário dedicado aos interesses da mulher* (Campanha, MG, 1873-1874); *A Mãe de Familia. Jornal scientifico, litterario e illustrado* (Rio de Janeiro, 1879-1888); *A Estação: Jornal Illustrado para a Familia* (Rio de Janeiro, 1879-1904).

Sendo assim, vários foram os periódicos fundados com o fim de alcançar o público feminino. Através deles, diversas mulheres procuraram se instruir sobre os mais diversos assuntos, desde moda à medicina. E, além de ter sido um instrumento de informação, os periódicos também foram um meio de deleitar essas mulheres através dos contos, das poesias e dos romances.

Portanto, o público leitor de periódicos do século XIX era constituído principalmente por homens e mulheres com certo poder aquisitivo para custear as assinaturas dos periódicos. Embora não se deva esquecer que em locais públicos as leituras poderiam ocorrer em voz alta, o que fazia com que pessoas de diferentes camadas sociais tivessem acesso aos conteúdos publicados. Os periódicos para mulheres seguiam uma linha na qual eram publicados textos que trabalhavam questões como beleza, moda, decoração, higiene das crianças, higiene da mulher, medicina doméstica, etc. No caso dos periódicos para mulheres, claramente era identificado o seu público-alvo no subtítulo, diferentemente dos jornais e revistas voltados para o público masculino. Em sua maioria, tratavam de temas da política e os subtítulos não eram direcionados. Não existia um periódico para o ‘sexo masculino’, como acontecia no caso dos femininos.

1.3 - A figura do vulgarizador

Para os homens de letras do século XIX, a educação era vista como o único caminho para o desenvolvimento do país. Pela concepção da época, era pela ciência que a sociedade poderia ser modificada. De acordo com Maria Rachel F. da Fonseca, Rui Barbosa defendia o “protagonismo da educação, da importância da formação de uma inteligência popular, e da importância do ensino científico” (FONSECA, 2018:657). Além disso, destacou, em seu parecer sobre o ensino primário e as instituições de instrução pública, a importância da Reforma Ministro Carlos Leôncio de Carvalho (decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879) por ter introduzido a metodologia das *lições de coisas* no ensino no país. Esse método consistia em propor um aprendizado pelas coisas, pelos sentidos, e não mais pela memorização.

Todos esses aspectos defendidos por Rui Barbosa foram assumidos como uma missão por diversos intelectuais que buscavam unir ciência e educação para a transformação do país. A educação era vista como uma maneira de superar o atraso deixado pelo passado colonial. Assim como afirma Dominichi Sá:

Nesse contexto, ‘instruir’ e ‘se instruir’ tornaram-se mesmo um apostolado. A crença de que o paralelismo entre o ‘progresso da instrução’ e o bem-estar de todos propiciaria o nascimento de um mundo novo foi uma das motivações para o ditame da produção de ideias que tomou a intelectualidade brasileira da segunda metade do século XIX (SÁ, 2006:40).

Desta maneira, diante do contexto educacional brasileiro, do século XIX, no qual poucos possuíam o acesso à instrução, os vulgarizadores se imbuíram da ideia de que era preciso, a partir de ações coletivas e individuais, propagar o conhecimento a todos, independente da origem social. Assim como afirma Maria Rachel F. da Fonseca: “Os vulgarizadores das ciências tinham o propósito de comunicar os conhecimentos científicos ao grande público, às classes trabalhadoras e às crianças, por meio de vários instrumentos e suportes, como livros, revistas, periódicos, conferências e exposições” (FONSECA, 2018:662).

O fato de estarem apoiados no conhecimento científico era o que conferia autoridade aos vulgarizadores. Os mais diversos assuntos que eram tratados por eles,

eram aceitos perante o grande público por conta também da formação que esses vulgarizadores possuíam. Como afirma Kaori Kodama:

Não obstante o intuito de propagar a informação, o fato era que os textos dos vulgarizadores também serviam como fiéis da balança – pela autoridade que passava a ser reconhecida através de sua atividade – para assuntos que mexiam com interesses diversos e se prestavam a muitas apropriações (KODAMA, 2018: 617).

No processo de divulgação do conhecimento, os vulgarizadores assumiam a posição de mediadores. Muitas vezes se encontravam entre o especialista e o não especialista. Entretanto, poderiam ser, ao mesmo tempo, homens de letras e vulgarizadores. São as análises particulares que evidenciam estes diferentes perfis que os vulgarizadores assumiam. Como afirma Kodama, existia uma dupla entrada dos vulgarizadores: no mundo científico e no mundo dos leigos (KODAMA, 2018).

Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen classificam esses intelectuais que buscavam, de diversas maneiras, divulgar o conhecimento, de mediadores culturais, e suas ações como práticas de mediação cultural (GOMES; HANSEN, 2016). As autoras indicam como os produtos oriundos das práticas de mediação são criações novas. Não é mais o conhecimento ‘original’, existe uma reelaboração no processo de criação do mediador. O mediador faz suas escolhas e, então, deixa suas marcas neste novo produto. A este respeito, as autoras garantem que:

(...) o intelectual mediador, neste aspecto específico da produção e atribuição de sentidos dos bens e práticas resultantes de sua atividade, não se distingue do intelectual “criador”. Podemos pensar, inclusive, como o mediador cultural, em especial aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de *experts*, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo (GOMES; HANSEN, 2016:18-19).

As autoras entendem como intelectuais mediadores tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, quanto aqueles que se voltam para um público não especialista. Nesta dissertação, o nosso foco será na produção de um intelectual para um público não especializado, que no caso, são as mulheres.

Uma perspectiva interessante de pensar é como, a partir dos escritos dos vulgarizadores, o conhecimento científico era amplamente divulgado para os mais distintos indivíduos. A imprensa foi um importante espaço de propagação desses escritos. Diversos vulgarizadores escreviam nas páginas dos jornais e das revistas para

trabalhadores, mulheres, crianças, etc. Neste período, a imprensa era um dos poucos espaços de profissionalização dos intelectuais, por isso muitos homens de letras produziam e publicavam textos de diversas naturezas nos periódicos. Entre estes textos, daremos destaque aos de cunho científico. Kodama indica como a ciência, no período, estava se transformando em objeto de consumo através dos vulgarizadores: “É possível ainda dizer que, nas páginas da imprensa, através dos “vulgarizadores”, a ciência como consumo começava a se delinear, como notícia cotidiana e fonte de riquezas para a indústria e o comércio, atraindo novos públicos” (KODAMA, 2018: 633).

CAPÍTULO 2 - José Ricardo Pires de Almeida, um intelectual mediador

A princípio, as informações que acessamos a respeito da produção intelectual do médico José Ricardo Pires de Almeida foram obtidas a partir do levantamento que o historiador da medicina, Lycurgo de Castro Santos Filho realizou sobre obras de medicina popular do século XIX e publicou em sua obra “História Geral de Medicina Brasileira” (SANTOS FILHO, 1991). Entre as obras de autoria de Pires de Almeida, selecionamos o “Guia da Mulher Pejada”, que será analisado de forma mais detalhada no terceiro capítulo desta dissertação. Nosso interesse no “Guia da Mulher Pejada” decorreu especialmente do fato de tratar-se de um guia, elaborado por um médico que estava escrevendo sobre ciência para mulheres. Com o fim de localizarmos mais informações a respeito do autor, iniciamos um levantamento em periódicos e, para nossa surpresa, encontramos informações sobre uma infinidade de publicações de autoria de Pires de Almeida.

Muitas informações sobre a trajetória deste médico foram extraídas de artigos, de jornais de época, e de fontes secundárias como teses e dissertações. As notas biográficas de Pires de Almeida, que surgiram a partir do levantamento de fontes por nós realizado, por vezes não analisaram de forma abrangente o contexto no qual o autor estava inserido, e sua trajetória como vulgarizador de conhecimentos. Por exemplo, custou-nos a entender porque, em um determinado momento, Pires de Almeida se tornou chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Da mesma forma, muitos estudos não atentaram para sua extensa produção literária, que chegou a ser maior que sua produção de cunho médico. Neste ponto, os jornais de época fizeram toda a diferença, pois nos ajudaram a compreender este intelectual, que falava sobre tantas coisas distintas e, além disso, também nos permitiu mapear suas redes de sociabilidade, o ambiente no qual ele estava inserido e que buscava se afirmar como autoridade.

É por isso que fizemos a escolha de analisarmos Pires de Almeida a partir da ideia de 'trajetória intelectual'⁷. Pensar a dimensão de uma trajetória intelectual foi uma ideia pertinente à análise, pois ela induz a uma reflexão sobre o intelectual em uma

⁷ Estou baseada na ideia de trajetória intelectual apresentada por Gomes e Hansen na apresentação da obra: GOMES, Angela de Casto; HANSEN, Patricia Santos. “Apresentação – Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo”. GOMES, Angela de Casto; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

dimensão maior, ou seja, para além de sua individualidade, para além de um relato que apresente local de nascimento e morte, ano de formação, etc. A ideia é que o que estava a sua volta, o ambiente, as tradições do conhecimento e as ideias em que estava ancorado, o círculo de pessoas com as quais mantinha contato, também esteja presente na análise.

Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen definem como intelectuais mediadores aqueles indivíduos que atuam como mediadores culturais (2016). As autoras reconhecem que existem diversas situações de mediação cultural realizadas por diferentes indivíduos nas mais diversas situações sociais. Entretanto, essas pessoas não se reconhecem ou não são reconhecidas como intelectuais. Portanto, para fins de delimitação, as autoras definem dessa maneira a categoria de 'intelectual':

(...) são homens de produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Sendo assim, tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (GOMES; HANSEN, 2016: 10).

No caso de Pires de Almeida, pensá-lo como um intelectual mediador é um modo significativo de investigação para a compreensão de sua trajetória. Ele que, com uma formação específica, atuou em vários campos do conhecimento e falou para diversos públicos, fossem esses compostos por sujeitos do seu campo profissional, ou mesmo para outras audiências, como as mulheres e os trabalhadores. Foi essa capacidade de Pires de Almeida, de conseguir traduzir o conhecimento científico para distintos públicos, que faz dele um intelectual mediador e um vulgarizador das ciências.

Assim como Gomes e Hansen destacam, analisar a figura de um intelectual mediador é uma atividade interessante, pois, no processo de análise o pesquisador acaba se deparando com as diferentes versões ou atuações do seu objeto de estudo. No caso, o indivíduo, ao longo de sua trajetória e a partir de seus interesses e escolhas, aprende a ser um mediador. Ele assume e "se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo" (GOMES; HANSEN, 2016: 19). Especificamente no caso do século XIX, as atividades de mediação realizadas para um público leigo, passavam pela escolha do uso de uma linguagem mais amena, sem expressões de cunho mais científico. E neste período, os periódicos foram lugares privilegiados para ações de mediação. Médicos,

advogados, literatos, entre outros, utilizaram-se da palavra escrita para alcançar públicos do seu meio profissional e de fora dele.

Em função de tudo isso, a ideia de trajetória intelectual é uma chave importante para a análise. Ela possibilita que se atente para o fato de que "os intelectuais estão sempre imersos nas sociabilidades que os situam, inspiram, demarcam e deslocam através do tempo/espaço". (GOMES; HANSEN, 2016: 24). Sendo assim, torna-se necessário entender as redes nas quais o intelectual estava inserido e explicá-las para uma melhor compreensão a respeito de sua dinâmica profissional.

2.1. Trajetória

Filho do médico Joaquim Pires Garcia de Almeida e de Maria Luiza Pires, José Ricardo Pires de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de dezembro de 1843. Realizou três anos do curso da Faculdade de Direito de São Paulo, mas efetivamente doutorou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1871, com a tese "Paralelo entre as escolas hystologicas, franceza e allemã; Secção accessoria, Applicaçãõ da electricidade á therapeutica; Secção medica, Medicaçãõ anesthesica; Secção cirurgica, Do aparelho da visãõ".

Sua atuação profissional na área da saúde se iniciou no Instituto Vaccinico, e tornou-se, em 1883, delegado e comissário vacinador da Junta Central de Higiene Pública, tendo atuado nas freguesias de Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá. Posteriormente, foi médico adjunto da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Exerceu a função de chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal. Exonerou-se da direção do Arquivo em 25/02/1890, quando já se encontrava vinculado à Intendência de Instrução e Estatística do Distrito Federal. Ainda em fevereiro deste ano assumiu o cargo de Bibliotecário/Arquivista da Inspetoria Geral de Higiene.

No ano de 1892 integrou, como médico higienista, a Comissão Construtora da Nova Capital, comissão de estudos responsável para analisar a escolha do local para a nova capital do Estado de Minas Gerais, e presidida pelo engenheiro Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936). O relatório da comissão, que designou o arraial de Belo Horizonte como local para ser instalada a capital, foi apresentado a Affonso Penna, então presidente do Estado em junho de 1893 e aprovado pelo Congresso Mineiro em 17 de dezembro de 1893. A Comissão Construtora da Nova Capital, concluiu em 1895 o plano da nova capital.

Faleceu aos 70 anos, em 24 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro. Seu filho Ernesto Pires de Almeida doou, em junho de 1914, ao Arquivo do Distrito Federal, a coleção de litografias de José Ricardo Pires de Almeida, que incluía obras de Rugendas e Debret⁸, os artigos e crônicas sobre temas científicos e históricos de sua autoria, e revistas do Rio de Janeiro⁹.

José Ricardo Pires de Almeida foi um dos autores que, no século XIX, publicaram obras dos mais diversos gêneros literários. Sua produção foi muito extensa, abrangendo formas como os livros, partituras, poesias, peças de teatro, artigos científicos, artigos sobre história do Brasil, e folhetins.

Alguns aspectos da vida cotidiana de Pires de Almeida foram noticiados nos jornais do Rio de Janeiro, o que pode ser um indício de suas relações sociais e de seu status na sociedade carioca oitocentista. Um exemplo disso foi a notícia sobre o casamento de Pires de Almeida com Ernestina da Silva Lima, publicada na *Gazeta da Tarde* e em *A Folha Nova*¹⁰.

Outros eventos, como o aniversário de sua esposa, foram divulgados no *Diário de Notícias*¹¹ e na *Gazeta da Tarde*¹². A simples presença do médico na Rua do Ouvidor também era motivo para aparecimento em jornal¹³. No ano de 1892, recebeu o prêmio Barão do Rio Doce¹⁴.

Seu ingresso como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi igualmente noticiado. Seu ingresso foi motivo de crítica, a qual retomou os estatutos do IHGB, de 1838, para afirmar que os estatutos exigiam maiores reflexões sobre a entrada dos membros, o que não estaria mais ocorrendo na década de 1880. Pires de Almeida

⁸ PENA, José Ygor Silva; FERREIRA, Luiza. PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. Chefe do Arquivo da Sec. da Câmara Municipal / Arquivo da Intendência de Instrução e Estatística. In *Dicionário de verbetes (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro)*. Disponível em <http://expagcrj.rio.rj.gov.br/jose-ricardo-pires-de-almeida/> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

⁹ A obra de um polygrapho. *O Paiz*, Rio de Janeiro, anno XXIX, n.10.845, p.2, 17 de junho de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/23374 Acesso em 11 fev. 2020.

¹⁰ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, anno IV, n. 115, 21 de maio de 1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/2913> Acesso em 04 de fevereiro de 2020; *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e agricola*, Rio de Janeiro, anno II, n. 178, 20 de maio de 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/701> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹¹ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno III, n. 917, 13 de dezembro de 1887, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/3715> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹² *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 286, 13 de dezembro de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9168> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹³ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno IV, n. 1013, 19 de março de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4112> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 2646, 10 de outubro de 1892, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/11203> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

apresentou, para seu ingresso no IHGB, uma memória justificativa dos costumes dos Países Baixos¹⁵.

Esses aspectos da vida de Pires de Almeida, noticiados em jornais de grande circulação, podem ser indícios de seu reconhecimento social e profissional na época. Pires de Almeida foi autor de vários artigos, publicados em diferentes periódicos, de vários livros e, também, exerceu sua profissão como médico, atendendo inclusive em consultório. Suas atividades como clínico eram sempre publicadas nos jornais, inclusive o endereço de seu consultório, assim como foram muitos os anúncios de suas obras igualmente publicados.

Pires de Almeida foi, sobretudo, um intelectual preocupado com as questões de seu tempo. Oriundo de uma geração que viveu o Império e a transição para a República, boa parte de suas reflexões podem ser resumidas na questão de pensar uma ideia de nação. A diversidade de seus escritos mostra que, no fim das contas, o que o movia era um sentimento patriótico. Seja na medicina, na literatura, na história, nos textos sobre questões educacionais, o que Pires de Almeida procurava demonstrar a todo o momento é que estava contribuindo para a construção de uma memória, de uma história, de uma medicina e de uma literatura nacional:

Essa produção cultural esteve marcada por uma espécie de função histórica e de compromisso com a vida nacional. Era como se, ao escrever e pensar, os letrados estivessem tomados pelo sentimento de dignidade, distinção e excelência da reflexão intelectual, ‘fazendo também um pouco de nação’ e contribuindo para o desenvolvimento dos seus padrões de civilidade (SÁ, 2006: 36).

A geração da qual Pires de Almeida fez parte era caracterizada como uma geração que ‘sabia um pouco de tudo’, predominava a cultura do conhecimento enciclopédico. Vale a pena retomar a afirmação de Garnier, que dizia:

É preciso que saiba um pouco de tudo, e que em nenhum ramo de conhecimentos seja totalmente hospede. Aprofunda-los todos é impossível, mas desconhecer os princípios geraes de algum, quase é vergonha¹⁶.

¹⁵ Grãos históricos. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 260, 25 de novembro de 1887, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/7902> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹⁶ GARNIER, Baptiste Louis. Introdução. *Revista Popular. Noticiosa, científica, industrial, histórica, litteraria, artística, biográfica, anedoctica, musical, etc*, Rio de Janeiro, ano 1, tomo 1, 1859, p. 2-3. Disponível online <http://memoria.bn.br/DocReader/181773/4> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

Era habitual, no século XIX, que os homens de letras cultivassem mais de um gênero de estudos. Por isso, encontram-se nesse período muitas figuras que, apesar de possuírem uma formação específica, se dedicaram a diversas áreas e assuntos. As palavras de Dominichi Sá são, portanto, emblemáticas do reconhecimento social que esses homens de letras adquiriram nesse período:

Não causa surpresa, portanto, que doutores, bacharéis e ‘homens de letras’ fossem, então, alvo de grande reverência pública; o que, aliás, só corroborava e estimulava ainda mais as ‘benesses’ que o epíteto lhes garantia na ocasião: imenso prestígio social, bons casamentos e boas colocações na política, na diplomacia e na administração pública (SÁ, 2006: 40).

Portanto, Pires de Almeida foi um intelectual do período, que atuava em várias áreas, um típico intelectual mediador. Os homens de letras do século XIX atuavam em diversas áreas, e poderiam ser ao mesmo tempo, funcionário público, jornalista, médico, pois estes eram os lugares do intelectual no séc.XIX. Pires de Almeida, foi, portanto, um médico que transitava em vários lugares.

2.2. Na Literatura e na História

O teatro foi o gênero literário mais presente na produção intelectual de Pires de Almeida. De acordo com o levantamento feito pela Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa¹⁷, foi principalmente no gênero teatral que Pires de Almeida pôs em prática seu talento de escritor. Ao todo, foram contabilizadas 23 peças de teatro escritas por ele, que podem ser vistas no seguinte quadro:

Quadro 1 -Peças de teatro de José Ricardo Pires de Almeida	
A educação	Teatro
A Estátua de Carne - 1876	Teatro
A Festa dos Crânios - 1882	Teatro
A liberdade	Teatro
Amor... e lágrimas	Teatro
Cecília - 1884	Teatro
Centenário do Sr. Sempre-viva	Teatro

¹⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=4420> Acesso em 02 de outubro de 2019.09

Fernando	Teatro
Frineia	Teatro
João Brandão - 1876	Teatro
Mártires da liberdade	Teatro
O Coração e a Espada - 1870	Teatro
O Filho do Erro	Teatro
O mulato	Teatro
O tráfico	Teatro
Os espinhos de uma flor	Teatro
Páscoa	Teatro
Primor e penhor	Teatro
Retrato à Bico de Pena - 1869	Teatro
Sete de Setembro	Teatro
Tempestade do coração	Teatro
Tiradentes - 1861	Teatro
Três Casamentos Felizes - 1871	Romance ou novela
Um batizado na cidade nova - 1881	Teatro

A influência do teatro na vida de Pires de Almeida talvez possa ser explicada pelo ambiente familiar no qual cresceu. Seu irmão, Joaquim Garcia Pires de Almeida (1844-1873) era poeta e dramaturgo, autor do drama “A Republica dos Pobres”.

Em muitos jornais de época foram encontrados anúncios das peças de Pires de Almeida, que estavam sendo publicadas em livros ou encenadas. Na Livraria Enciclopédica de A. Fauchon, localizada Rua Gonçalves Dias nº 72, na cidade do Rio de Janeiro, foi anunciada a venda da peça “Retratos a bico de pena”, que tinha acabado de sair em formato de livro¹⁸. “A festa dos Craneos” foi outra peça anunciada e foi descrita pelo jornal como sendo uma comédia escrita por Pires de Almeida, que era “vantajosamente conhecido no nosso theatro”¹⁹. Em notícia de abril de 1884, foi noticiado que a peça “Tempestades do Coração” foi encenada na Sociedade Particular Recreio Dramático Riachuelense, sendo considerada “um drama filiado á escola

¹⁸ *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno 1, n. 68, 20 de outubro de 1870, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369357/262> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

¹⁹ A festa dos Craneos. *Diario do Brazil*, Rio de Janeiro, anno II, n. 277, 06 de dezembro de 1882, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/225029/1708> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

romântica. Escrito para commover, preencheu cabalmente o seu fim”²⁰. Essa sociedade foi fundada em 11 de junho de 1875, no Rio de Janeiro, sendo inaugurado o teatro apenas em 02 de dezembro de 1887 (PENNA-FRANCA, 2018).

Em os "Typos Fluminenses" Pires de Almeida escreveu sobre alguns personagens que haviam nascido no Rio de Janeiro e que, segundo sua maneira de pensar, eram dignas de serem louvadas na sua escrita. A *Gazeta da Tarde* noticiou que esta peça seria representada em um teatro da época: "Cinira Polonio, a talentosa artista brasileira, escreveu para a Italia mandando vir a sua opereta em 3 actos *Os typos Fluminenses*, libreto do Dr. Pires de Almeida. Esta opereta, dizem-nos, vai ser representada na Phenix Dramatica"²¹.

Outra peça de Pires de Almeida foi encenada em um teatro do Rio de Janeiro. "João Brandão" foi o drama representado no teatro São Pedro de Alcântara no dia 09 de março de 1895, cujos figurantes foram Celina Bonheur, Alves da Silva e Alfredo Peixoto²².

Um "Baptizado na Cidade Nova" foi publicado no jornal *A Mãe de Família*. Nela, é retratado o nascimento de uma criança e seu posterior batizado. Pela leitura da peça é possível perceber a maneira pela qual a figura da parteira era retratada:

Scena XIII

Os mesmos, e a PARTEIRA, *ridiculamente vestida*.

PARTEIRA: Uff! Sou um vapor... sem canudo. Cá estou.

GERTRUDES – E como vem cançadinha...

PARTEIRA – Poderá! Não tive tempo nem de tomar *suspiração*. Mas, cá estou. Uff!

BARNABÉ – Vmcê. quer tomar um golinho de qualquer cousa?

PARTEIRA – Paraty, sim; de qualquer cousa não.

(...)

GERTRUDES – (...) Vou acabar de vestir o innocente, enquanto vmcê. se refresca com este refrigerio. Ouve, Barnabé: dize á mulher do Innocencio barbeiro que se vista para levar o pequeno á pia... Embora não sejam cazados na Igreja, sempre é *senhora* de uma pessoa estabelecida no lugar.

PARTEIRA – Que é lá? Quer vmcê. tirar-me as attribuições!... quem leva o *anjo* á pia é esta sua criada... Faço questão de vida e de morte!²³

²⁰ Noticiario. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, Rio de Janeiro, ano II, n. 82, 08 de abril de 1884.

²¹ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno II, n. 27, 31 de janeiro de 1881, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/687> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

²² *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XVI, n. 67, 09 de março de 1895, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/13720> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

²³ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Um Baptizado na Cidade Nova. Quadro de costumes em um acto, original brasileira do Dr. Pires de Almeida. *A Mãe de Família*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 11, 15 de junho de 1884, p. 86-87. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/832> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

Em o “Baptisado na Cidade Nova”, Gertrudes e Barnabé representavam os pais da criança. Dois aspectos chamam a atenção neste trecho. Primeiro, Pires de Almeida descreveu a parteira como *ridiculamente vestida*. Segundo, a parteira, por ter realizado o parto de Gertrudes, havia se sentido na obrigação de levar a criança para ser batizada, o que demonstraria a proximidade que as parteiras tinham com as famílias. Neste trecho ainda não é possível notar uma imagem depreciativa da parteira. Entretanto, em alguns estudos médicos de Pires de Almeida, o embate com as parteiras apareceu de forma mais contundente, surgindo diversas referências a uma imagem negativa da parteira.

A extensa produção de Pires de Almeida, em diversos gêneros literários, levou a seu reconhecimento como autoridade literária, e médica, no Rio de Janeiro e em outras províncias do Império. Pires de Almeida teve, igualmente, uma extensa e diversa participação em importantes periódicos da época, muitos dos quais serão referidos ao longo dessa dissertação. Para apontar alguns, podemos nos referir a *A Mãe de Família. Jornal Científico, litterario e illustrado*; *A Estação. Jornal illustrado para a família*; *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, entre outros.

Pode ser que, tendo em vista seu reconhecimento no mundo literário, e também suas relações com figuras importantes da sociedade na época, entre elas, o próprio Imperador Pedro II, Pires de Almeida tenha sido designado como arquivista da Câmara Municipal. O então vereador Roberto Haddock Lobo (1817-1869) foi encarregado pelo presidente da Câmara Municipal, Miguel de Frias e Vasconcelos, para organizar os livros e documentos do Arquivo da Câmara Municipal. Haddock Lobo constatou a necessidade de se restaurar o serviço de tombamento dos bens municipais e de se reorganizar aquele arquivo. Para tanto, nomeou em 1855, Pires de Almeida para o cargo de chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal. Pires de Almeida, em um relatório no ano de 1887, relatou que, embora o Arquivo apresentasse, então, melhores acomodações, ainda era importante continuar com o trabalho de higienização, organização e conservação dos documentos, enfim que fossem adotados os procedimentos que possibilitassem um tratamento adequado ao acervo abrigado no Arquivo (FERNANDES, 2011, p.82-84). Permaneceu nesta função por mais de três décadas, até 1890. Nos documentos e matérias sobre a trajetória de Pires de Almeida não foi encontrada nenhuma informação mais detalhada sobre sua nomeação para este cargo. Podemos, entretanto, entender que sua nomeação pode ter ocorrido em decorrência ao seu reconhecimento social e profissional.

Sua atuação como arquivista certamente influenciou sua produção intelectual. Foi atuando na Câmara Municipal que Pires de Almeida teve contato com documentos históricos. Além de ter produzido obras de cunho histórico que enalteciam o Império e a figura do Imperador, também foi autor de pequenas biografias de médicos, publicadas em periódicos. É o caso, por exemplo, da seção dedicada a tratar sobre isso nos *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*²⁴. Pires de Almeida escreveu sobre Oscar Adolpho de Bulhões Ribeiro (1846-1898), professor de clínica cirúrgica da Faculdade Medicina do Rio de Janeiro, João Vicente Torres Homem (1837-1887), professor de clínica interna da mesma faculdade, e o Pedro Affonso de Carvalho Franco (1845-1920), professor de patologia, figuras que, para Pires de Almeida, mereciam ser louvadas:

A geração nova tem glorias que não póde sacrificar á que vae passando, posto n'esta se levantem muitos vultos respeitáveis, que merecem da mocidade sympathia e admiração; n'aquella, porém, vemos com certo orgulho os heroes das nossas fileiras, e por isso os saudamos e applaudimos com dobrado fervor²⁵.

Pires de Almeida também procurou elaborar obras como tributo à monarquia. Em notícia publicada, em 08 de maio de 1888, no jornal *A Provincia do Espirito Santo*, foi noticiada a ideia de publicação em homenagem a Pedro II:

(...) Os Srs. conselheiros Franklin Doria e barão de Paranapiacaba e dr. Pires de Almeida projectam organizar uma *Polyanthéa Historica do Segundo Reinado* para o fim de tributar a S. M. o Imperador, por occasião de regresso da sua viagem, justissima homenagem ás suas altas virtudes civicas. O volume será formado por paginas ineditas e manuscriptas, ás quaes poderão commemorar, em prosa ou em verso, qualquer episodio do segundo reinado²⁶.

No século XIX, organizar uma obra em homenagem ao imperador não era uma simples atitude. Buscava-se com isso reconhecimento de sua autoridade. Jean Luiz Neves Abreu argumenta que, até fins do século XVIII, os paratextos eram um meio de legitimar a autoridade do autor e de resguardar o leitor contra possíveis más interpretações (ABREU, 2013). Além disso, homenagear monarcas também era uma

²⁴ Todos os números desse periódico não estão disponíveis na Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional. Está disponível somente o ano 1880 (números 1, 2, 3 e 5) e de 1881 (número 7).

²⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. O Dr. Oscar Bulhões. *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*. Rio de Janeiro, anno I, n. 3, 15 de novembro de 1880, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/23> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

²⁶ Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo*, anno VII, n. 1647, 08 de maio de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/6529> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

prática que, segundo o autor, ajudava a divulgar as obras e a aumentar o prestígio e autoridade do autor. Pelo que podemos perceber neste estudo, este costume permaneceu ao longo do século XIX. Pires de Almeida projetou organizar uma obra como a “Polyanthéa” para agradecer a figura do imperador.

Da mesma maneira, no “Compêndio de percussão e escuta”²⁷, cuja primeira edição foi em 1881, apresentou em sua segunda edição, em 1897, ou seja, oito anos após a Proclamação da República, apresentava ainda uma dedicatória ao Imperador Pedro II: “Á sua Magestade o Imperador, o senhor D. Pedro II a quem muito se deve o progresso moral e material do paiz”.²⁸

A manifestação de apreço pela figura do imperador, por parte de Pires de Almeida, não era apenas a busca de prestígio. Pires de Almeida era claramente um simpatizante da monarquia. Em 12 de outubro de 1888, no *Diário de Notícias*, foi noticiado que Pires de Almeida, juntamente com os barões de Loreto e de Paranapiacaba, iria fundar-se um jornal que abertamente defenderia a monarquia²⁹.

Pires de Almeida foi autor de duas obras, publicadas em 1885, que exaltaram a monarquia, enquanto sistema de governo, e a figura de monarcas: “D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico”³⁰; “D. Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico”³¹. Pires de Almeida desejava que esta última obra fosse distribuída para professores de escolas do Rio de Janeiro, por ocasião da comemoração do 64º aniversário da Independência³².

No jornal *Diario de Noticias*, em sua edição de 16 de dezembro de 1885, publicou-se um comentário sobre a obra “D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico”. Neste, afirma-se que a obra foi publicada por ocasião da abertura de uma exposição sobre documentos históricos,

²⁷ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Compendio de percussão e escuta*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881. Essa obra encontra-se a disposição para consulta no Real Gabinete Português de Leitura (RJ) e na Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (RJ).

²⁸ *Ibidem*, p. 01.

²⁹ *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno IV, n. 1.217, 12 de outubro de 1888, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4937> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

³⁰ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1885. Esta obra encontra-se a disposição para consulta na seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

³¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *D. Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1885. Esta obra encontra-se na seção Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

³² *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno I, n. 34, 10 de julho de 1885, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/116> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

realizada pela Câmara Municipal. Sobre o conteúdo da obra, comentou-se que, "Em boa linguagem analisa o distincto escriptor o character d'esse monarcha irresoluto, mas intelligente e cheio de bom senso, a quem o Brazil, e particularmente o Rio de Janeiro, tanto devem".³³

Em reconhecimento a sua extensa produção literária, foi concedida a Pires de Almeida, em 1889, "a Commenda da Ordem da Rosa, por serviços prestados ás letras"³⁴. A Ordem da Rosa foi fundada por D. Pedro I para manter a memória de seu casamento com D. Amélia de Leuchtenberg e Eischstaedt. Mesmo após a independência, esta comenda ainda continuou sendo concedida aos "benemeritos, tanto nacionaes como estrangeiros, que se distinguirem por sua fidelidade á Minha Augusta Pessoa, e serviços feitos ao Império"³⁵. A ordem era organizada da seguinte maneira: primeiro, Grã-cruz, somente o Imperador seria o Grão-Mestre, sendo o herdeiro da Coroa Grã-Cruz e Grande Dignitário Mor. Todos os outros príncipes também eram considerados Grã-Cruzes; segundo, Dezesseis Grandes Dignitários, que passariam a receber o tratamento de Excelência; terceiro, Dignitários; e quarto, os Comendadores, Officiais e Cavaleiros, os primeiros que passavam a desfrutar do tratamento de Senhoria, os segundos das honras de coronéis e os terceiros dos capitães.

Pires de Almeida foi contemplado com o grau de Comendador, o que, de acordo com o decreto, lhe permitia desfrutar do tratamento de Senhoria. Isto representava o prestígio e o reconhecimento social do próprio Imperador àqueles que de alguma maneira tivessem mostrado lealdade à Coroa e tivessem trazido benefícios ao Império.

É interessante observar a relação medicina-literatura-história-nacionalidade na produção de Pires de Almeida. No século XIX diversos intelectuais se engajaram no projeto de construção de uma história nacional e para isso a disciplina histórica assumiu um lugar privilegiado, ao buscar determinar o que seria ou não nacional. Manoel Luís Salgado Guimarães indica como as gerações que se sucederam ao movimento de Independência procuraram traçar um perfil que identificasse a "nação brasileira", de modo que procuraram delinear uma identidade própria frente às outras nações do XIX (GUIMARÃES, 1988). Pires de Almeida se apoiou na disciplina histórica como um

³³ *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno I, n. 193, 16 de dezembro de 1885, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/751> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

³⁴ Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo*, anno VIII, n. 2.006, 08 de agosto de 1889, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/7939> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

³⁵ Decreto de 17 de outubro de 1829 - Crêa uma ordem militar e civil com a denominação de - Ordem da Rosa. In: PINHEIRO, Artidóro Augusto Xavier. *Organização das Ordens honoríficas do Império do Brazil*. São Paulo: Typographia a vapor de Jorge Seckler & C., 1884.

meio de indicar o que seria próprio do Brasil. Esta sua preocupação se estendeu aos seus estudos sobre a medicina, pois buscou também defender uma medicina que fosse nacional.

Ainda no ano de 1889, Pires de Almeida foi indicado para integrar o quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A recomendação ocorreu graças aos trabalhos dele na área de História, mas não só. Sua nomeação também foi um reconhecimento a sua dedicação ao mundo das letras. Para a proposta de admissão, Pires de Almeida apresentou as obras: “D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico”, e “Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico”. A comissão responsável por analisar os trabalhos históricos dos indicados para o Instituto fez o seguinte comentário a respeito das obras de Pires de Almeida: "(...) enriquecidas com documentos acima de toda exceção, e onde se expoem os factos de modo condigno e verdadeiro"³⁶.

Sua atuação como arquivista da Câmara Municipal também teria sido relevante para seu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como sinalizaram Augusto Victorino Sacramento Blake e José Alexandre Teixeira de Mello, membros da comissão de trabalhos históricos da instituição:

No lugar, que exerce, de archivista da camara municipal, o Dr. Pires de Almeida salvou do esquecimento e provavelmente da ruina, o archivo historico, já promovendo uma exposição da sociedade de geographia.³⁷

Também foi manifestado reconhecimento de outras obras de Pires de Almeida:

Ainda sobre a historia patria escreveo em francez por destinar-se a dar fóra do paiz a medida exacta de nosso adiantamento em materia de instrucção a *História e legislação da instrucção pública no Brazil*, livro que acaba de ser publicado com 1138 páginas - in 8º e que está sendo distribuido gratuitamente na Europa..³⁸

Em outra faceta da trajetória de Pires de Almeida podemos também observar este seu interesse pela história nacional. Refiro-me a sua participação como redator do periódico *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*. Este foi um periódico que

³⁶ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479, 1889. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVk/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

³⁷ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479-480, 1889. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVk/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

³⁸ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479, 1889. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVk/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

começou a ser publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1887, mas que também era vendido em outras províncias, como as de São Paulo e do Recife. Seus editores-proprietários eram Pinheiro & C., e seus principais redatores foram Felix Ferreira e o próprio Pires de Almeida. Esta publicação saía sempre duas vezes ao mês. Felix Ferreira resumiu da seguinte maneira os objetivos do periódico:

Não é um periodico litterario este, na mais restricta acepção do vocabulo, mas como bem diz o sub-titulo - um modesto archivo de conhecimentos uteis, isto é: consagrado á boa lição de tudo quanto póde instruir recreando, especialmente em relação ás cousas patrias, á historia, geografia, uso, costumes, flora, fauna, paisagem e obras d'arte do Brazil.³⁹

Neste periódico, Pires de Almeida escreveu principalmente na seção "Varões illustres", que era dedicada a apresentar a vida de figuras importantes para a história do Brasil, e na seção "Sciencia no Lar". No primeiro número do periódico, Pires de Almeida apresentou, na seção "Varões illustres", a figura de D. João VI, com a imagem de um monarca forte, decidido e iluminado, que soube utilizar as circunstâncias a seu favor, e que havia trazido muitas melhorias e tornado o Brasil o centro do reino. Para o autor, D. João VI "lançou á terra próvida [do Brasil] os germens de uma brilhante nacionalidade"⁴⁰.

Em sua obra intitulada "D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico", de 1885, Pires de Almeida já havia destacado o papel de D. João VI na criação da ideia de nação brasileira: "(...) D. João foi inquestionavelmente o fundador da nação brasileira, o iniciador do nosso progresso e da nossa prosperidade, o legislador dessa liberdade que temos gozado sem limites e sem graves perturbações"⁴¹.

Pires de Almeida também chegou a integrar a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, que havia sido criada em 8 de julho de 1883. De acordo com Daniele Cabral, o *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, primeira publicação dessa sociedade "nasceu num momento em que o meio letrado e político debatia a formulação de uma história da nação e tentava identificar os elementos constitutivos da identidade

³⁹ *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1887, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/4> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1885, p. 14.

brasileira"⁴². No *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, o nome de Pires de Almeida apareceu na edição de 1889, referido como terceiro secretário da instituição⁴³, e, nas edições posteriores, de 1891-1893, integrava a lista de "sócios contribuintes"⁴⁴. Foi significativo o fato de Pires de Almeida ter integrado uma associação como essa, tendo em vista seu interesse pela história e nacionalidade brasileiras.

No ano de 1906, Pires de Almeida publicou, na *Kosmos. Revista artística, científica e litteraria*, o artigo intitulado "Uma lauda de História Pátria – 3 de maio de 1500-1906"⁴⁵, por ocasião da comemoração da descoberta do Brasil. Pires de Almeida relatou o percurso que Pedro Álvares Cabral havia realizado desde que havia saído de Portugal até chegar à América portuguesa. A narrativa seguiu a ideia de apresentar o reconhecimento de uma figura que, segundo ele, tinha sido ofuscada pela História:

Cabral morreu quasi no esquecimento; e attribui-se esse proposital menosprezo ás dolorosas perdas sôffridas, n'essa expedição, por suas constantes luctas com os mares e com os inimigos do seu rei; nós outros, os brasileiros, porém, o consideramos tão sobranceiro á humanidade, como mesquinhos aquelles que condemnaram ao ostracismo um dos mais altivos argonautas portugueses, ao tempo em que a marinha de sua pátria dominava o Oceano, acumulando descobertas sobre descobertas⁴⁶.

A análise da trajetória de Pires de Almeida, cuja principal formação era na área da medicina, mas que fora também autor de vários estudos sobre assuntos literários, históricos, e científicos, nos permite refletir sobre o papel do intelectual no século XIX. Pires de Almeida foi um médico com elevado prestígio social, que ultrapassou os limites de sua profissão e atuou em outras áreas, como a literatura, a história e a educação, e pensou a sobre a nacionalidade.

De acordo com Dominichi Miranda de Sá, pensar sobre questões da nacionalidade brasileira foi o que motivou a geração de 1870 no Brasil (SÁ, 2006). Nesse contexto, reflexões sobre o que era próprio ao país, fez com que muitos intelectuais estudassem a cultura, a raça, a natureza, a literatura e história do país.

⁴² CABRAL, Daniele. *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/boletim-da-sociedade-de-geographia-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em 05/09/19.

⁴³ Directoria para o anno de 1889. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, tomo IV, 4º Boletim, 1889.

⁴⁴ Socios contribuintes. *Ibidem*, tomo VII, 4º Boletim, Rio de Janeiro: Typ. De Leuzinger & Filhos, 1891; Socios contribuintes. *Ibidem*, 1893.

⁴⁵ *Kosmos. Revista artística, científica e litteraria*, Rio de Janeiro, anno III, n. 5, maio de 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/146420/1563> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

⁴⁶ *Ibidem*.

Compreende-se, neste sentido, a razão de a história ter sido uma das áreas de maior produção nesta época, pois esta geração estava construindo um passado e uma ideia de nação para o Brasil.

2.3. Na Medicina

Pires de Almeida iniciou seus estudos na área de Direito, na Faculdade de Direito de São Paulo, mas não concluiu sua formação. Mudou-se para o Rio de Janeiro e, em 1867, e iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina nesta cidade⁴⁷. Doutorou-se em medicina em 1871, com a tese intitulada “Parallelo entre as escolas hystologicas, franceza e allemã; Secção accessoria, Applicação da electricidade á therapeutica; Secção medica, Medicação anesthesica; Secção cirurgica, Do aparelho da visão”.

Na área dos periódicos direcionados para o campo da medicina, Pires de Almeida foi gerente dos *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*⁴⁸ entre os anos de 1880 e 1881. O objetivo do periódico era apresentar as descobertas e conquistas das áreas de medicina, cirurgia e farmácia no Brasil. Para Pires de Almeida, era necessária a existência de uma publicação com aquele perfil, que pudesse demonstrar o avanço das ciências no país, pois o que se verificava à época era um atraso em vários ramos do conhecimento no Brasil:

Letras, artes, industrias, a própria administração publica, tudo-enfim – quanto constitue os elementos do progresso moral e material deste grande paiz, tudo se resente – infelizmente – da ignorância ataviada com as lentejoulas da prosápia e da pabrice⁴⁹.

Um ponto interessante de ser observado, nos objetivos dos *Archivos*, foi a preocupação de Pires de Almeida em realizar uma espécie de inventário da produção médica, cirúrgica e farmacêutica em relação às riquezas naturais do Brasil que poderiam ser utilizadas para fins de cura. Acreditamos que o trabalho que ele realizou como arquivista o fez perceber a importância da realização de procedimentos de organização de informações. Em quase todas as produções de Almeida, uma ideia perpassava suas

⁴⁷ Decreto n. 1280, de 01 de junho de 1867, no qual autorizou o governo a mandar matricular no 1º ano da Faculdade de Medicina da Corte o estudante José Ricardo Pires de Almeida. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro para o ano de 1867*, Rio de Janeiro, anno XXIV, segunda serie XVII, supl. p. 07, 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/26976> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁴⁸ *Archivos de medicina, cirurgia e pharmacia no Brazil. Publicados sob a gerencia do Dr. Pires de Almeida*. Rio de Janeiro, anno I, n.1, 15 de outubro de 1880. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/1> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

⁴⁹ *Archivos de medicina, cirurgia e pharmacia no Brazil*, Rio de Janeiro, anno 1, n. 1, 15 de outubro de 1880, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/4> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

obras: a de que ele estaria contribuindo com o conhecimento da nação. Para ele, o país poderia se desenvolver por meio da educação e da ciência. Por isso, buscava apresentar os bens que o Brasil possuía por meio da medicina, da história e da literatura. Assim se compreende sua ideia para os *Archivos*:

(...) simples archivo onde se registrem, não só todas as nossas conquistas nos campos da medicina e cirurgia, como as fórmulas e investigações therapeuticas dos velhos práticos, umas e outras se perdendo, infelizmente, já nos livros das antigas pharmacias que se extinguem, já na apagada memória de seus próprios autores e contemporâneos⁵⁰.

Sua ideia de compor uma publicação que reunisse diferentes registros a respeito da medicina, cirurgia e farmácia, além da publicação de receitas e fórmulas dos práticos, resultou no “Formulario officinal e magistral Internacional”, publicado em 1897. Nos *Archivos*, Pires de Almeida enfatizou a importância de tal iniciativa:

E se – como esperâmos – vierem em nosso auxilio os homens de bôa vontade; se – como é de crêr – nos forem remettidos os artigos, notas, apontamentos e observações que os há por ahi, de nota e quilate abandonados ao pó das gavetas, os *Archivos* poderão ainda vir a ser um precioso thesouro, tão indispensavel ao medico como ao pharmaceutico, ao boticário como ao simples curioso, - não passando sequer indifferente ao próprio povo, que nelles verá o inventario de todas as nossas riquezas florestaes⁵¹.

Esse interesse de Pires de Almeida em criar algo por meio do qual pudesse ser reconhecida uma medicina especificamente brasileira, manifestou-se claramente nos *Archivos*. Ainda em 1880, o médico publicou uma circular na qual solicitava a colaboração dos médicos e farmacêuticos do Brasil para compor a obra:

Num paiz, onde o reino vegetal apresenta tantas variedades de espécies inteiramente novas e desconhecidas dos percusores da sciencia botânica, e que – por consequência – tão vasto campo offerece á medicina para a conquista de novos agentes therapeuticos; n’um paiz como este, onde o culto da sciencia caminha na vanguarda do progresso, parece-nos que – de há muito – deveria existir um inventario de nossas riquezas vegetaes e mineraes, embora deficiente no começo, mas que – de dia para dia – se fôsse augmentando e completando, - um guia seguro, pratico, - um livro, enfim, onde se archivasse um receituário especialmente nosso, - o formulário brasileiro; que não fosse particularmente de summa utilidade para a medicina e pharmacopéa, como geralmente de muito proveito ao engrandecimento pátrio⁵².

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Circular. Projeto de um Formulario internacional e pharmacopéa brasileira. *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, Rio de Janeiro, anno I, n. 5, 31 de

E como ocorria em todas as publicações de Pires de Almeida, a questão do patriotismo também apareceu nessa circular:

Convencidos, portanto, de que os ilustrados mestres e colegas reconhecem, como reconhecemos, a necessidade dessa obra, baseados no espírito altamente generoso e patriótico que – felizmente – preside ainda a classe medica e pharmaceutica no Brasil, ousamos tomar sobre nossos débeis hombros a grandiosa tarefa, esperando leval-a a effeito tão satisfactoriamente quanto nos seja possível⁵³.

Pires de Almeida foi nomeado, logo após a epidemia de febre amarela, para a Inspetoria-Geral de Higiene em 1886⁵⁴, instituição que sucedeu a Junta Central de Higiene Pública, que havia sido criada por decreto n. 598, de 14 de setembro de 1850⁵⁵, para ser fiscalizar e propor medidas para a salubridade nas cidades. Além disso, devia se fiscalizar os mais diversos estabelecimentos, que pudessem causar algum impacto na saúde da população, como as boticas, mercados, armazéns, etc. A Inspetoria-Geral de Higiene, criada pelo decreto n. 9.554, de 3 de fevereiro de 1886⁵⁶, tinha, além das atribuições originárias da Junta de Higiene, atuar com delegados nas províncias. Continuou a fiscalizar o exercício da medicina e da farmácia e os estabelecimentos que possuíam alguma relação com a saúde das pessoas. Os serviços ampliados se direcionaram mais `produção de estudos sobre as epidemias e os diversos tipos de doenças, incluindo a organização de estatísticas como um instrumento para a prevenção.

Diversas atividades cotidianas da Inspetoria-Geral de Higiene eram noticiadas. Em 26 de janeiro de 1886, Pires de Almeida realizou uma visita, em nome da instituição, a uma fábrica⁵⁷. Também elaborou um relatório, juntamente com José de Souza Lima, a respeito das condições de higiene no Asilo de Mendicidade. Em 1890

dezembro de 1880, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/42> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno II, n. 246, 07 de fevereiro de 1886, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/977> Acesso em 05 de fevereiro de 2020; Mala da Côrte. *A Província do Espírito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*, Vitória, anno V, n. 1002, 02 de fevereiro de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/3997> Acesso em 5 de fevereiro de 2020.

⁵⁵ CABRAL, Dilma. Junta de Higiene Pública. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/357-junta-de-higiene-publica>. Acesso em 07/11/2019.

⁵⁶ CABRAL, Dilma. Inspetoria-Geral de Higiene. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/358-inspetoria-geral-de-higiene>. Acesso em 07/11/2019.

⁵⁷ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno II, n. 234, 26 de janeiro de 1886, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/927> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

vetou o uso de uma substância, a anilina, usada para colorir doces⁵⁸, e neste mesmo ano foi nomeado também arquivista e bibliotecário da Inspetoria⁵⁹.

Algumas das críticas à atuação de Pires de Almeida nessa instituição também foram veiculadas nos periódicos. Em 1886, o médico Arthur Fernandes Campos da Paz escreveu, na *Gazeta da Tarde*, sobre o parecer que Pires de Almeida havia feito a respeito da fábrica de vinhos dos Srs. Tavares, Sindo & C., que ficava localizada à Rua do Areal. O parecer havia permitido o funcionamento da fábrica de vinhos o que, de acordo com o autor da crítica, Campos da Paz, não condizia com a realidade da fábrica. Campos da Paz ainda afirmava que o parecer de Pires de Almeida era um parecer padrão, o que indicava que ele não havia visitado o local de produção do vinho para a inspeção. Diante disso, Campos da Paz afirmou que:

Bem dizia eu que era um parecer modelo. S. S. póde mandar imprimi-lo á maneira das circulares de annuncio, e, quando tiver que dar pareceres é só juntar ao requerimento um impresso, seja que o supplicante queira fabricar chapéus, manteiga, queijo, marmelada, ou outra qualquer cousa ⁶⁰.

Campos da Paz ressaltou, ainda, que para elaborar aquele parecer, Pires de Almeida nem precisara “sahir do seu archivo e de saber hygiene”⁶¹. Os comentários de Campos da Paz ainda se estenderam em mais dois números do periódico. Na última matéria, Campos da Paz afirmou que Pires de Almeida deveria ao menos ter demonstrado que teria procurado “verificar si não estavam envenenados os produtos que licenciou”⁶².

Ainda na Inspetoria-Geral de Higiene, Pires de Almeida foi nomeado comissário vacinador das freguesias de Inhaúma, Jacarepaguá e Irajá. Nesses locais, também foi um grande estimulador do crescimento econômico da região, por meio de seus produtos agrícolas. Para isso, Pires de Almeida procurou realizar exposições nestas localidades, e também na Corte, com o intuito de apresentar as riquezas naturais provenientes daquelas regiões. Alguns jornais divulgaram estas ações do médico, como o *Brazil*.

⁵⁸ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 1811, 10 de junho de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/7360> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁵⁹ *O Brazil-medico. Revista semanal de Medicina e Cirurgia*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 4, 01 de fevereiro de 1890, p. 58.

⁶⁰ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VII, n. 165, 22 de julho de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6296> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁶¹ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VII, n. 165, 22 de julho de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6296> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁶² *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VII, n. 170, 28 de julho de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6316> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Orgão do Partido Conservador, que, em notícias do ano de 1883 e 1884⁶³, tratou sobre sua exposição realizada no vestíbulo do Paço Municipal, com produtos provenientes destas freguesias. Segundo o periódico, Pires de Almeida realizou a exposição com o fim de atrair indústrias e pequenos lavradores para a região.

Foi noticiado no periódico *A Provincia do Espirito Santo – Diario consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*, na edição de 16 de dezembro de 1884, que Pires de Almeida teria apresentado, na rua do Ouvidor, em 1884, uma amostra na qual havia exposto alguns aspectos da cultura do trigo, que havia sido cultivada nas freguesias de Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá, com o objetivo de que fosse mostrado “como n’aquellas desaproveitadas terras se póde cultivar este cereal e faser d’elle uma fonte de riqueza para o publico, que ali vive na mais triste inércia”⁶⁴.

Como comissário vacinador da Inspeção Geral de Higiene, Pires de Almeida atuou na vacinação da população das freguesias de Inhaúma, Jacarepaguá e Irajá. Buscou, então, promover o desenvolvimento daquela região, tendo publicado, em 15 de agosto de 1883, um artigo denominado "A pequena lavoura do Municipio Neutro" no jornal *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e agricola*⁶⁵, dedicado "À sua Magestade o Imperador". Nele, Pires de Almeida expôs seu pensamento a respeito do país, o qual, segundo ele, apresentava um bom desenvolvimento em certos ramos do conhecimento, e atraso em outros:

Nas industrias somos um povo completamente nullo; na agricultura, estacionarios, se não retrogrados, e a causa de tudo isto provem inquestionavelmente da falta de ensino profissional".⁶⁶

A solução proposta por Pires de Almeida, para modificar este cenário, seria, no caso das regiões de Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá, sua reunião em um único distrito agrícola e a instauração de um Centro Industrial Agrícola. Pires de Almeida expôs quais seriam os objetivos mais relevantes deste Centro:

⁶³ Exposição Agrícola-industrial. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, Rio de Janeiro, anno I, n. 37, 26 de agosto de 1883, p.2; Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/1388> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

Noticiário, *Ibidem*, ano I, n. 42, 01 de setembro de 1883.; Noticiário, *Ibidem*, ano II, n. 30, 05 de fevereiro de 1884.

⁶⁴ Mala da Corte. *A Provincia do Espirito Santo – Diario consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*, Vitória, anno II, n. 682, 16 de dezembro de 1884, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2722> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

⁶⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A pequena lavoura do Municipio Neutro. *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e Agricola*. Rio de Janeiro, anno II, n. 265, 15 de agosto de 1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/1051> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁶⁶ *Ibidem*.

(...) manter uma escola theorico-pratica de industria agricola com a sua respectiva bibliotheca e laboratorio;

Animar a cultura dos productos naturaes do logar e ensaiar outras inteiramente novas, e que encontram n'elle favoravel condições;

Distribuir sementes, plantas, instrumentos, etc., bem como vulgarizar por meio de folhetos impressos processos de cultura, de melhoramento de terrenos, e de industrias que tenham applicação ou aproveitem aos productos locais;

(...)

promover uma completa transformação no modo de alimentar-se a população, fazendo-a adoptar o pão em vez da farinha de mandioca, que tanto concorre para empobrecer-lhes o sangue;

(...)

Assim é que a Escola Agricola-industrial será diurna e nocturna; n'esta serão dadas as aulas oraes e n'aquella, as aulas praticas, servindo de professores os mestres ou agronomos das secções agricolas e industriaes.

O medico do logar terá a seu cargo não só a clinica, que será gratuita para operarios e pequenos lavradores, como tambem o laboratorio de chimica applicada á agricultura e á industria⁶⁷.

Entretanto, não encontramos outras informações sobre a criação desse Centro Industrial Agrícola. A *Gazeta da Tarde* comentou, em 1885, a atuação de Pires de Almeida como incentivador da agricultura da região:

O Sr. Dr. Pires de Almeida, que tão bons serviços ha prestado ao paiz estudando, praticando e discutindo interessantes assumptos de hygiene e de agricultura (merecendo a mais especial menção a sua intelligente e útil propaganda em favor da pequena cultura nos nossos arrabaldes), escolhendo diversas plantas para um proveitoso trabalho de nossas populações sem recursos, mencionou ha dias (*Gazeta de Noticias* de 11 do passado) a do *cacaueiro*, como tantas outras, já ensaiada por S. S. e com excellentes resultados práticos⁶⁸.

Outro projeto de Pires de Almeida, que foi anunciado por diversas vezes no *Diario de Noticias*, foi o de uma Cooperativa de Ensino. Sua proposta era criar uma empresa, juntamente com o engenheiro e literato Nuno Alvares Pereira e Sousa (1836-), mediante pagamento de 6\$000 no intervalo de três anos, que pudesse garantir para:

seus filhos, afilhados ou protegidos, o ensino primario, secundario, superior e até profissional, em escollas e collegios creados nos diferentes Estados brasileiros ou internacionaes, em Paris, Londres, Vienna, Bruxellas, Leipzig, Nova-York, etc., garantindo mais áquelles que se educam aqui o aperfeiçoamento de seus estudos, por meio de pensões, na Europa e nos Estados Unidos, com a permanencia minima de tres annos.⁶⁹

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ SOUZA, Ennes de. A cultura do cacáu (Ao Sr. Dr. Pires de Almeida). *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VI, n. 228, 05 de outubro de 1885, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/5340> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁶⁹ Cooperativa de Ensino. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 1827, 26 de junho de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/7448> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Um dos resultados dos esforços que Pires de Almeida, no sentido de divulgar os recursos destas freguesias, foi publicada na *Folha Nova*, em 10 de julho de 1884⁷⁰, que noticiou a realização de uma reunião de alguns acionistas que buscavam estabelecer uma companhia, naquelas freguesias, para o cultivo da abelha, anil e lúpulo. Outro resultado dos esforços de Pires de Almeida foi a realização do 3º Comício Rural de Irajá, no dia 01 de junho de 1890, na Penha. Este comício consistiu na inauguração de uma fonte, de uma exposição agrícola, da escola prática agrícola e de instrumentos de arar a terra para a região⁷¹. Pires de Almeida estava entre os convidados do comício.

Em 26 de fevereiro de 1887, o *Diario de Noticias* publicou uma avaliação sobre a obra “Hygiene das Habitações”, que havia sido publicada por Pires de Almeida neste ano. O jornal comentou que esta obra tinha sido produzida a partir de um relatório sobre as construções municipais, que havia sido apresentado à Inspeção Geral de Higiene:

Não limitou-se o autor a apontar os males, procurou-lhes as origens, investigando a historia da fundação d'esta cidade; estudou os elementos naturaes, a agua, as montanhas, o ar, os pantanos, o mar e o clima, pôz em evidencia as causas efficientes das epidemias e endemias, que nos flagellam, e finalmente demonstrou com a analyse os graves erros das obras feitas pela mão do homem, taes como a tortuosidade das ruas e seu pessimo nivelamento, o incompleto systema de esgotos, os aterros feitos com lixo, a posição reprovada dos cemiterios, e a má distribuição do ar e da luz nas casas em que geralmente moramos.⁷²

Em 1897 publicou o “Formulario officinal e magistral Internacional comprehendendo cerca de trinta mil formulas colhidas da pratica dos therapeutas e pharmacologistas mais distinctos, quer nacionaes, quer estrangeiros, e extrahidas das pharmacopéas legaes dos differentes paizes da Europa e da America. Acompanhado de indicações pharmaceuticas, doses das substancias simples ou compostas, modos de ministral-as, emprego dos novos medicamentos; e seguido de um Memorial Therapeutico”⁷³. Com o fim de tornar conhecidos os estudos feitos no território brasileiro, Pires de Almeida publicou notas em jornais solicitando que farmacêuticos lhe

⁷⁰ A *Folha Nova*, Rio de Janeiro, anno III, n. 594, 10 de julho de 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/2361> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁷¹ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 150, 31 de maio de 1890, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10911> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁷² *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno III, n. 627, 26 de fevereiro de 1887, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/2553> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁷³ Esta obra foi publicada no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional, em 1889. Encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Nacional e no Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro).

enviassem cópias de seus estudos, para que os mesmos fossem incluídos no “Formulario oficial”. Assim, foi publicado no jornal *A Provincia do Espirito Santo*:

Desejando o Dr. Pires de Almeida archivar n'este *Formulario* tudo o que mais notavel e efficaz tem modernamente produzido a materia medica brasileira pede aos seus collegas e aos pharmaceuticos lhe enviem com presteza copia dos seus estudos sobre agentes therapeuticos brasileiros, bem como as suas formulas, quer originaes quer predilectas, os seus preparados especiaes com todos os esclarecimentos.⁷⁴

Igualmente, no prefácio do “Compêndio de percussão e escuta”, Pires de Almeida manifestou seu anseio por uma medicina baseada nas pesquisas e estudos nacionais:

Pretende-se que o ensino seja um e unico, e que a sciencia das cousas não tenha patria; assim parece realmente em absoluto, mas não o é discutidamente.

A medicina que, por mais de um pretexto, deve-se n'esta occasião ser trazida para exemplo, considerada embora sciencia universal na theoria, é multipla e particular na prática; comquanto o modo de entendel-a seja o mesmo em toda a parte, o de practical-a é peculiar a cada região. Cada paiz tem seu clima, e os differentes climas imprimem feicções novas a uma mesma enfermidade.

Como, pois, póde o ensino d'essa sciencia, de indole tão variavel, ser um e unico para todos os paizes?⁷⁵

No *Jornal do Commercio*, no ano de 1900, apareceu a notícia que o Ministro da Marinha, José Pinto da Luz, que exercera o cargo entre 19 de agosto de 1899 e 15 de novembro de 1902, havia mandado adotar o “Formulário Internacional”, de Pires de Almeida, para o serviço da Armada⁷⁶.

A obra “A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes e a moral” foi uma das últimas de Pires de Almeida sobre medicina, que se tem notícia. Foi primeiramente publicada no periódico *Brazil-medico. Revista semanal de Medicina e Cirurgia*, no ano de 1902⁷⁷. Posteriormente, em 1906, essa obra foi publicada em formato de livro, com o título “Homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro).

⁷⁴ Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo*, anno VI, n. 1471, 27 de novembro de 1887, p. 2-3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/5825> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁷⁵ ALMEIDA. *Compendio de percussão e escuta. Op. Cit.*, p. 7-8.

⁷⁶ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, anno 80, n. 80, 27 de março de 1900.

⁷⁷ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes e a moral. *Brazil-medico. Revista semanal de Medicina e Cirurgia* (anno XVI, n. 1, 01/01/1902; anno XVI, n. 4, 22/01/1902; anno XVI, n. 7, 15/02/1902; anno XVI, n. 10, 08/03/1902; anno XVI, n. 12, 22/03/1902; anno XVI, n. 13, 01/04/1902; anno XVI, n. 16, 22/04/1902; anno XVI, n. 21, 08/06/1902; anno XVI, n. 38, 08/10/1902; anno XVI, n. 40, 22/10/1902; anno XVI, n. 42, 08/11/1902; anno XVI, n. 46, 08/12/1902; anno XVI, n. 47, 15/12/1902).

Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital”⁷⁸. O livro era dividido em quatro partes. Na primeira, Pires de Almeida fez um apanhado de caráter histórico com o fim de apresentar a homossexualidade ao longo da história. Em seu relato, iniciou com os gregos, e seguiu apresentando a homossexualidade em outros lugares como a China, países da África, da Europa, e entre os índios, e no período colonial brasileiro. Na segunda parte, foram apresentados estudos médicos com relação ao tema. Na terceira, a profilaxia. E, na quarta parte, o tratamento para a homossexualidade.

Conseguimos localizar diversos anúncios publicados em jornais sobre a clínica de Pires de Almeida e este é o único indicativo que nos faz afirmar que Pires de Almeida possuía um consultório e realmente clinicava.

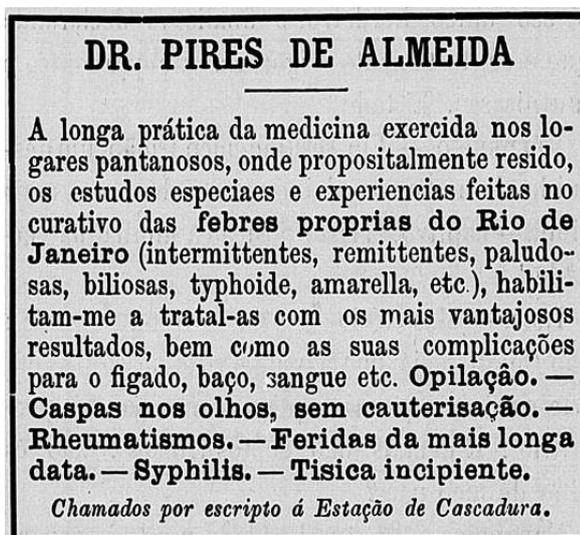


Imagem 1: Anúncio. *A Mãe de Família*, Rio de Janeiro, anno 7, n. 16, 31 de agosto de 1885, p. 128.

Cabe ainda destacar que, não existem indícios de que Pires de Almeida atendia mulheres peçadas ou crianças. Por isso, nestes assuntos, que eram publicados por ele nos jornais ou em suas obras, ele se destacou mais por seus conhecimentos, pelos conhecimentos que vulgarizava, do que por experiência. Era um médico que transitava em vários lugares, e isto é que lhe conferia reconhecimento.

Concluindo, apresento a lista das obras de Pires de Almeida na área da medicina:
 - Informações prestadas á Junta Central de Hygiene Publica acerca da ultima epidemia de sarampão que grassou nas freguesias de Inhauma, Irajá, e Jacarépaguá pelo Dr. José Ricardo Pires de Almeida. *Diario Official*, n.13 e seg. de 1880.

⁷⁸ Essa obra foi publicada pela editora Laemmert & C., 1906.

- Analyse médico-pratica dos generos alimentícios: modos de reconhecer as falsificações, adulterações e sanidade dos generos que entram para o consumo e de fiscalizar os fornecimentos das repartições publicas e estabelecimentos particulares. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, lib. Edit., 1887.
- Hygiene das habitações: parecer sobre as posturas de construcções e reconstrucções no Municipio Neutro. Posturas adoptadas em sessões de 8 de junho de 1881 e 14 de dezembro de 1883. Rio de Janeiro: Imp. a vapor de Lombaerts & comp., 1886.
- Compendio de percussão e escuta, adaptado do original francez de Barth e Roger ao ensino da medicina no Brazil e acrescentando de valiosas observações e notas extrahidas das lições do professor Torres Homem. 2ª edição correcta e melhorada com 50 gravuras no texto. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881.
- A tísica e os tísicos. Hygiene e tratamento. Rio de Janeiro: Imp. Lombaerts & C., 1891.
- Analyse clinico-chimica das ourinas e exame dos esscarros ... Rio de Janeiro: Livraria Internacional E. Briguier & Comp., 1895.
- Indicações Medicinaes das Águas Mineraes de Caxambu. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1895.
- Lambary e Cambuquira: clima e aguas mineraes; suas indicações; hydro-estações ao sul do Estado de Minas-Geraes, Brazil. Rio de Janeiro: Lenzinger 1896.
- Esgoto das materias fecaes, nos subúrbios. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, anno VI, n.12, p.1-2, 12 de janeiro de 1897.
- Hygiene moral – homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro). Estudo sobre as perversões do instinto genital. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1906.

2.4. Na Educação

Pires de Almeida manifestou, ao longo de sua trajetória, uma grande preocupação com a educação e a instrução, como foi com a ideia de criação de um Centro Industrial Agrícola. Foi de sua autoria a obra “L’instruction publique au Brésil: histoire – législation”⁷⁹, publicada em 1889, na qual se propôs a tratar sobre a história da educação no Brasil, desde o período colonial, referindo-se às instituições e às personagens que se empenharam pela educação, e às ações do governo para promover a instrução no país. Ainda, no ano de 1886, o projeto para a elaboração dessa obra

⁷⁹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *L’instruction publique au Brésil: histoire – legislation*. Rio de Janeiro: Imp. G. Leuzinger, 1889.

apareceu na edição de 6 de novembro do *Diario de Noticias*⁸⁰. Este livro, segundo a notícia do *Diario de Noticias*, de 19 de junho de 1888, teria sido elaborado para ser exposto na Exposição Universal de Paris, de 1889⁸¹.

De acordo com notícia publicada no *Diario de Noticias*, o livro havia sido traduzido para o francês, "por dous francezes eruditos"⁸², com o fim de ser distribuído gratuitamente na Exposição Universal de Paris (1889). Esta seria uma das razões pela qual a obra foi publicada inicialmente em francês. No prefácio da obra, Pires de Almeida justificou a importância da escrita daquela obra:

A ideia de escrever um livro e publicá-lo numa língua universalmente conhecida nasceu do legítimo sentimento de orgulho nacional, como também do patriótico desejo de suprir uma sensível lacuna existente nos livros dos escritores que se ocuparam do estado da instrução em diferentes países do globo. Quase todos, com efeito, passaram em silêncio o mais importante, mais vasto, mais rico e populoso estado da América do Sul – o Brasil.

(...)

O Brasil é, certamente, dentre todos os países da América do Sul, aquele que maiores provas deu de amor ao progresso e à perseverança na trilha da civilização. O novel império assimilou o que há de mais completo nas nações avançadas da Europa, adaptando ao seu gênio nacional.⁸³

Dois aspectos interessantes se destacaram nesta citação. Primeiro, o fato de Pires de Almeida ter considerado o francês como uma língua “universalmente conhecida”, o que significava que sua obra era para ser lida não apenas por brasileiros, mas, sim, e principalmente por autores estrangeiros. O segundo aspecto se referia à questão da nação. Um sentimento patriótico teria motivado Pires de Almeida neste empreendimento, ou seja, estava querendo mostrar ao mundo a grandeza do Brasil em termos educacionais.

A crença no progresso e no poder transformador da educação foi uma das grandes ideias que atravessaram o século XIX. As invenções, resultantes dos processos iniciados com a Revolução Industrial, como a invenção do automóvel, da eletricidade, das grandes máquinas, etc., criaram a ideia de uma história linear, de que a humanidade caminhava em direção ao progresso. Aos que se dedicavam a reflexões sobre o mundo, neste momento, não se percebia ser possível uma história cíclica, que em algum

⁸⁰ *Op. Cit.*, anno II, n. 516, 06 de novembro de 1886.

⁸¹ *Ibidem*, anno IV, n. 1.102, 19 de junho de 1888.

⁸² *Ibidem*, anno IV, n. 1295, 29 de dezembro de 1888.

⁸³ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

momento pudesse retornar a um período obscuro. As ideias que fervilhavam, nesta conjuntura, eram as de que a humanidade estava saindo da minoridade e estava alcançando a maioria através das luzes. As luzes eram o conhecimento e, por meio da educação a humanidade alcançaria o progresso.

Dessa forma, compreende-se o motivo pelo qual, um médico como Pires de Almeida estava escrevendo sobre educação nesse período. Além do mais, era próprio dos homens de letras dessa geração escreverem sobre as particularidades do país, na busca de construir uma concepção de nação para o Brasil. Frente às outras nações da América ou da Europa, o Brasil também deveria se mostrar como um ambiente no qual o progresso e a educação estavam modificando os aspectos do país. O Brasil, nesta época, buscava “uma equivalência com os padrões ocidentais” (SÁ, 2006: 35).

Um pequeno exemplo da preocupação de Pires de Almeida com a instrução, pôde ser percebida na maneira pela qual ele procurava difundir o conhecimento, como ocorrera, por exemplo, em 1889, quando o médico "percorreu diversas estalagens e tavernas, aconselhando meios higienicos" ⁸⁴.

Na Exposição Preparatória para a Exposição Universal de Paris, realizada em 10 de dezembro de 1888, nas dependências do Liceu de Artes e Ofícios, foi também exposto o livro “L’instruction publique au Brésil: histoire – législation”. De acordo com a *Gazeta da Tarde*, este livro também estava programado para ser exposto na de Paris⁸⁵.

A publicação de “L’instruction publique au Brésil: histoire – législation” foi amplamente noticiada nos periódicos. A obra foi reconhecida como um importante serviço prestado à pátria:

O sr. dr. Pires de Almeida acaba de prestar relevantissimo serviço á patria, publicando interessante volume, escripto em lingua franceza, com a historia e legislação completa de tudo o que se prende á instrucção publica no Brazil.

(...)

É o trabalho mais completo que se ha publicado no Brazil sobre esse importante assumpto e por isso o dr. Pires de Almeida só merece elogios⁸⁶.

Em 1890, Pires de Almeida publicou a obra "L'agriculture et les industries", cujo objetivo era, assim como ocorrera com a publicação de “L’instruction publique au

⁸⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno V. n. 1321, 24 de janeiro de 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/5350> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁸⁵ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 299, 28 de dezembro de 1888, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9220> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁸⁶ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno X, n. 197, 23 de julho de 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9883> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Brésil: histoire – législation”, tornar conhecido o Brasil no exterior. O médico foi reconhecido como uma figura que prestava grandes serviços à pátria:

O sr. dr. Pires de Almeida é um trabalhador modesto e patriota que esforça-se para servir ao seu paiz na medida de suas forças, sem contar com especie alguma de remuneração e até recebe ou a injustiça de uns, ou a indiferença de outros.

Ele, porém, adoptou a maxima do Setimo Severo, e trabalha sempre pela patria porque julga cumprir um dever⁸⁷.

Sobre a "L'agriculture et les industries" a nota no jornal afirmou que:

Nesse livro utilissimo o sr. dr. Pires de Almeida passa uma revista no estado actual da nossa agricultura, mostrando o que ella já foi, e ha de ser, aproveitando-se dos recursos naturaes do paiz.

Segue o mesmo methodo no estudo sobre as industrias e mostra os elementos complexos que esta póde cortar para se desenvolver n'um paiz onde abunda materia prima de toda a especie.

Em summa, o sr. dr. Pires de Almeida, com o seu novo trabalho, util, methodico, verdadeiro e systhematico, prestou relevante serviço ao Brazil, habilitando o estrangeiro a conhecer de perto a nossa situação agricola e industrial; prestou assim maior serviço ao Brazil do que a maioria dos nossos diplomatas, principalmente os nomeados pelo governo actual⁸⁸.

Pires de Almeida ofereceu 3.000 exemplares desta obra a Rui Barbosa. Na *Gazeta da Tarde* foi noticiado que este, por sua vez, ofereceu “ao seu collega da agricultura”⁸⁹, que provavelmente era Francisco Glicério de Cerqueira Leite⁹⁰, ministro da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, os exemplares para serem distribuídos na Europa, com o fim de divulgar a agricultura e a indústria do Brasil.

Moema Vergara assinala o fato de que a geração de 1870 sentia-se imbuída pelo desejo de construir uma ideia de nação para o Brasil (VERGARA, 2008). Um dos caminhos pelos quais esses intelectuais procuraram pôr essa noção em prática foi a partir da defesa de um melhoramento na educação do país. Por isso, muitos deles sentiram-se na obrigação de, a partir de diversos meios, como os periódicos, os livros,

⁸⁷ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 146, 27 de maio de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10896> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁸⁸ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 146, 27 de maio de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10896> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁸⁹ *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 150, 31 de maio de 1890, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10911> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

⁹⁰ Francisco Glicério (Campinas, SP 1846- Rio de Janeiro 1916). Atuou como ministro da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas entre 31 de janeiro de 1890 até 22 de janeiro de 1891. Também foi deputado federal de São Paulo (1891-1899) e senador de São Paulo (1902-1916).

as palestras, as exposições, etc., ajudarem na instrução de diversas camadas da população. A educação era vista, por esses homens de letras, como uma maneira de sanar o atraso recebido do passado colonial. Por isso, o anseio de Pires de Almeida por mostrar o país e seu nível educacional, no ramo da indústria, da agricultura para o exterior, está inserido nesse movimento, iniciado no pós-independência, de definição de uma identidade nacional.

2.5. Nos Periódicos

Pires de Almeida foi colaborador em diversos periódicos, como o *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*⁹¹, que começou a ser editado no Rio de Janeiro no ano de 1887. Encontrava-se à venda na Livraria Laemmert, localizada na R. do Ouvidor, n. 66, e também nas províncias de São Paulo e do Recife. Seus redatores eram Felix Ferreira e o próprio Pires de Almeida. Seguiu uma periodicidade de publicação de duas vezes no mês.

O *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis* foi um periódico dedicado “á boa lição de tudo quanto póde instruir recreando”⁹². Tratava de temas de história, geografia, flora, fauna, obras de arte, costumes e ciência. A colaboração de Pires de Almeida se deu em três seções desse jornal: “Varões ilustres”; “Sciencia no lar”; e “Physionomias fluminenses”.

Pires de Almeida iniciou sua participação na seção “Sciencia no lar” com uma discussão sobre botânica. O modelo de lição apresentado foi em formato de diálogo, no qual duas figuras estavam presentes: o mestre e uma menina. Através da apresentação do que existia no jardim, o mestre ensinava a menina sobre a ciência botânica, retirando suas dúvidas, e esclarecendo as perguntas. Vale a pena a transcrição do trecho, que segue:

Quando entrei no jardim, Lulú acabava de colher as ultimas flôres para o ramalhete que ia offerecer a uma camarada de collegio, cujo aniversario celebrava-se nesse dia.

- Bons dias, doutor: disse-me ella.
- Bons dias, queridinha repeti.
- Achas bonitas estas flôres?
- Como achal-as fêias se você as escolheu!
- (...)

⁹¹ A coleção do *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis* consultada foi a disponibilizada na Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional, que disponibiliza apenas os números referentes ao ano de 1887. Desta forma, o levantamento de matérias e notícias foi restringido a este período.

⁹² FERREIRA, Felix. *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, ano I, n. 1, 1887, p. 3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/4> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- Realmente! A corolla desta rosa é tão fresca quão perfumada.
- O que disse?
- A corolla.
- O que é corolla?
- O conjunto das pétalas, ou – mais claro ainda – das folhas coloridas, que – para você – constituem a flôr.
- Para mim?! Então, para o senhor, isto não é a flôr?
- Para mim, não; porque não o é também para a sciencia.
- Que sciencia?
- A botânica.
- O que é então a flôr?
- Vê, no meio das pétalas, esses pequenos corpos amarellos que cercam um filamento alongado?
- Sim, vejo perfeitamente.
- Pois bem, estes corpúsculos de fórmula variável, porque a forma varia com a espécie, constituem propriamente a flôr; as pétalas cuja junção denominamos *corolla*, são apenas o berço da flôr.
- E eu que ignorava.
- Não core disso; há muitas pessoas nas suas condições, quando – aliás – com pequeno esforço e um pouco de boa vontade – poderiam ter noções elementares de botânica e de medicina domestica, tantas quantas bastassem para distinguir as plantas, suas famílias e principais gêneros, sua utilidade, applicação, etc.
- Se eu pudesse aprender...
- E sem custo, bella menina. Antes que se arrependa, comecemos. Botânica é o ramo da historia natural que ensina a conhecer os vegetaes, e a descrevel-os e classifical-os⁹³.

No diálogo, apresentado entre o doutor e a menina, eram apresentadas algumas plantas, como o capim da Angola, o trigo, a cana, e o milho. Sobre esse diálogo, é importante destacar alguns pontos. Primeiro, a própria maneira como Pires de Almeida escolheu para tratar o assunto em questão. Lendo o diálogo na íntegra, pode-se perceber que a narrativa seguiu uma linha na qual a personagem - o doutor - passeava no jardim com a menina e, neste caminho ia mostrando o que encontrava e ensinando sobre as utilidades das plantas, como expressou nesse trecho:

Do capim da Angola, por exemplo, tão commum e tão conhecido, fácil é conduzir-nos o estudo do trigo, seu primo, o qual fornece – como a menina não ignora – a bela farinha que o padeiro transforma em saboroso pão; á sua prima, a canna doce, cujo caldo agradável fornece o assucar; ao outro primo, o milho, com o qual se prepara uns bolinhos, cuja formula proporcionarei á menina no dia em que classificar uma flôr á primeira vista; ao outro primo ainda, o arroz; etc⁹⁴.

⁹³ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. “Sciencia no lar”. *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, Rio de Janeiro, anno I, n. 1, 1887, p. 10-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/11> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

⁹⁴ *Ibidem*.

Essa maneira de ensinar seguia uma fórmula própria nesse período do século XIX, que era o método intuitivo. Surgido na década de 80 do século XIX, o método intuitivo se configurou como uma renovação na maneira de ensinar. A partir de uma concepção que buscava ter por fundamento do ensino a observação, a educação pelos sentidos, o método intuitivo forneceu uma metodologia completamente nova na educação da época.

A principal ideia era a de que o aprendizado do estudante se realizasse a partir de uma proposta que o conduzisse da prática à teoria. Inicialmente o estudante seria apresentado ao conteúdo, assim como apareceu no trecho destacado da matéria de Pires de Almeida. A partir da flor encontrada no jardim, o doutor explicou para a menina o que a ciência definia como flor e, assim ia introduzindo a menina no ensino da botânica e em suas aplicações no dia a dia. Era uma proposta que seguia do concreto para o abstrato.

Outro ponto importante de observar no trecho acima referido, é a forma da linguagem utilizada por Pires de Almeida. Baseado em uma linguagem simples, com a utilização de apenas um termo científico ('corolla'), o autor procurou tratar sobre ciência. A escolha da personagem Lulú pode também ter um propósito. Era uma menina que ainda estava em idade colegial, pois ele indicou que ela estava colhendo flores para serem oferecidas a uma colega do colégio, que estava comemorando a data de aniversário. Acreditamos que a preferência por esse tipo de personagem estava baseado em uma ideia de um indivíduo, que por sua idade, ainda possuía uma grande curiosidade para buscar e aprender diversos tipos de conhecimentos.

E, por último, um trecho chama a atenção pela maneira como é posto: “há muitas pessoas nas suas condições, quando – aliás – com pequeno esforço e um pouco de boa vontade – poderiam ter noções elementares de botânica e de medicina domestica”. O que parece é que, para Pires de Almeida, conhecer a ciência, mesmo que fosse para possuir noções elementares de muitas áreas de ensino, cabia unicamente ao indivíduo. Era ele que, a partir de seus próprios esforços, deveria procurar adquirir conhecimento.

No jornal *A Província do Espírito Santo*, Pires de Almeida publicou, em 1886, um artigo cujo assunto era a beleza feminina. Intitulado de “Hygiene da beleza. A moça bonita”, o médico procurou demonstrar a visão da ciência sobre certos costumes femininos relacionados a padrões de beleza da época. Assim transcrevo:

(...) Para produzir, em um paiz, filhos bonitos, e – por conseguinte – bellos homens tanto no physico como no moral, não é preciso – como aconselham os médicos – purgar regularmente a espécie humana, basta tornal-a physica e moralmente feliz. Cumpre afastar todos os motivos de desgosto, não excitando paixões perigosas como acontece ás crianças perdidas de mimo, antes – inversamente – impedindo que se entreguem com excesso ás paixões, que lhe são próprias, as quaes fervilham na alta sociedade; e principalmente não inspirando-lhes paixões mais damnosas além d’aquellas com as quaes nos dotou a natureza, taes como estudos sem proveito, inúteis e enfadonhos, as emulações, as rivalidades, etc.

Quanto ao mais, os que acham-se desfigurados pelos effeitos viciosos de nossa educação e máos hábitos pódem perfeitamente reformar as suas funcções; refiro-me principalmente ás moças que usam de carmin e de branco de perola ou ainda dos differentes pôs de toilette, para obter physionomias mortas ou sem typo determinado.

(...)

Essas moças têm um meio, aliás bem evidente, de converterem-se em bellezas de commovedora expressão; é de se tornarem interiormente boas, dóceis, compassivas, sensíveis e benfazejas. Essas affecções de uma alma virtuosa imprimirão nos traços de seu rosto caracteres celestes, conservando o bello até a extrema velhice.

(...)

A belleza moral é, pois, o que todos devemos aspirar para que se espelhem em nossas feições os seus raios divinos. Debalde se louva, até mesmo n’um príncipe, o nascimento, as riquezas, o conceito, a estima, o espirito, - o povo, para julgal-o, quer ver-lhe o rosto. O povo só delibera pela physionomia, - ella é, em todo o mundo, a primeira e ás vezes a única carta de recommendação”⁹⁵.

Algumas questões apareceram neste trecho que valem a pena serem comentadas. Toda a argumentação de Pires de Almeida estava baseada na ideia de que eram os maus hábitos que corrompiam o indivíduo. Portanto, cabia afastar de si tudo aquilo que podia ser causa para sua degradação.

O padrão de beleza que Pires de Almeida imprimiu para as mulheres era o de uma beleza moral e não física. As qualidades que apresentou como sendo da verdadeira beleza - boa, dócil, compassiva, sensível e benfazeja – indicavam também um padrão de comportamento social que se esperava das mulheres. Ana Paula Vosne Martins salienta a questão de como os médicos, no século XIX, passaram a serem autoridades para tratarem de assuntos referentes ao corpo feminino. O status social da figura do médico se modificou bastante nesta época a ponto de, segundo a autora, ter se equiparado ao status de padres de pastores. Dessa forma, os médicos não eram apenas especialistas em

⁹⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Hygiene da belleza. A moça bonita. A Provincia do Espirito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais filiado a Escola liberal*, Vitória, Espirito Santo, anno V, n. 1081, 16 de maio de 1886, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/4317> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

temas relacionados à saúde ou as doenças. Por conta desse reconhecimento social que passaram a ter, tornaram-se “conselheiros da arte de bem viver” (MARTINS, 2004: 15).

Sendo assim, não é de estranhar que um médico, como Pires de Almeida, estivesse tratando de assuntos relacionados à beleza, ao comportamento social, à vestimenta, enfim.

Pires de Almeida publicou alguns artigos no periódico *A Estação. Jornal ilustrado para a família*. Esta revista era uma versão brasileira de uma publicação francesa – “La saison” -, cujo intuito era o de atualizar o público feminino sobre as questões de moda. Apesar de ter como seu público alvo as mulheres, era uma revista que possuía a intenção de abranger todos os membros da família (MALTA, 2011). A partir de 1896 o periódico passou a ser referido como *Jornal de Modas Parisienses dedicado às Senhoras Brasileiras* (DUARTE, 2017).

A versão brasileira surgiu no Rio de Janeiro em 15 de janeiro de 1879. Apresentava duas partes: “Jornal de Modas” e uma parte dedicada à literatura. Na parte literária, predominavam “folhetins, poesias, pautas musicais, notícias, comentários acerca de espetáculos em cartaz, coluna social, passatempos, dicas de higiene, etiqueta e economia doméstica” (MALTA, 2011: 94). Tendo como seus editores-proprietários os Lombaerts, a revista possuía uma periodicidade quinzenal, saindo sempre nos dias 15 e 30 do mês, variando de oito a dezenove páginas, ao preço de 12.000 réis a assinatura anual para a corte, e 14.000 réis para as províncias.

No periódico *A Estação*, Pires de Almeida publicou artigos referentes à higiene da maternidade e à higiene do lar. Seus artigos encontravam-se na parte literária da revista e são dedicados ao público feminino.

A primeira matéria de Pires de Almeida neste periódico, intitulada de “Higiene da maternidade”, saiu em 30 de março de 1884, ano em que foi publicada a obra “Guia da mulher pejada”. Nesta matéria, que depois foi integrada ao “Guia”, Pires de Almeida indicou como no período da gestação a mulher devia procurar cuidar de sua saúde, e como devia seguir os preceitos higiênicos ditados pelo médico para ter um bom andamento da gestação:

Si a mulher vive ordinariamente conforme esses preceitos, e mantém ou acautela sua saúde, precavendo-se de tudo quanto possa modificarlhe maleficamente o organismo, pouco mais terá a acrescentar quando o novo estado se desenvolva de modo normal; - porém o mais certo e commum é esquecerem-se os preceitos higienicos, porque – não só a mulher como também o homem – muito pouco cuidam de prevenir os resultados de qualquer incidente orgânico enquanto gozam saúde, e

nada ameaça interromper a perfeita harmonia que parece reinar na marcha das funções fisiológicas⁹⁶.

À mulher cabia procurar a informação antes que iniciasse o período de gestação, pois assim quanto estivesse nesse estado saberia como manter a sua saúde e a de seu filho. Essa era a principal ideia desse trecho. Pires de Almeida procurou também frisar sobre o papel do próprio indivíduo na conservação de sua saúde.

E seguindo nessa linha de pensamento, o médico publicou diversos artigos na revista sobre a alimentação:

O número de refeições e a quantidade alimentícia, sólida e líquida, deve ser regrada conforme a idade do indivíduo, o apetite e a força digestiva do estomago.

As crianças, que crescem e se desenvolvem, comem mais amiudadamente do que o homem, o roceiro activo, mais do que o morador da cidade, que se entrega ao ócio ou á vida sedentária e inactiva.

Em todos os casos deve estabelecer-se certo equilíbrio proporcional entre os alimentos que entram para o corpo e as excreções que d'elle sahem.

A primeira cousa a recomendar é a completa mastigação dos alimentos; quanto mais triturados e penetrados de saliva, tanto mais fácil se torna o estomago digeril-os.

(...)

Deve-se comer para satisfazer o apetite, e não ir além d'isso: mais vale levantar da mesa ainda com alguma vontade de comer, do que completamente farto.

(...)

Duas ou três refeições, nas 24 horas, bastam para os indivíduos no gozo de perfeita saúde...⁹⁷.

Ainda seguindo nesta reflexão sobre a maneira como o indivíduo podia agir para prevenir sua saúde, Pires de Almeida indicou caminhos para alimentar-se de forma saudável. Esse foi um artigo voltado para a família, como um todo, e não apenas para as mulheres. O artigo ainda seguiu ao longo de alguns números da revista, continuando com o tema, sobre como se deviam mastigar os alimentos e se alimentar, e sobre o processo digestivo.

Em outro artigo Pires de Almeida iniciou com o questionamento “Como se deve comer?” e seguiu explicando, de forma bem didática, a forma correta de se alimentar:

Como se deve comer?

⁹⁶ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Hygiene da maternidade. A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIII, n. 6, 30 de março de 1884, p. 27. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/1414> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

⁹⁷ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. “A hygiene no lar”. *A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 20, 31 de outubro de 1890, p. 164. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/3400> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

Pergunta fácil que tem a sua resposta muito ao pé da letra: *mastigando*. Nisto justamente é que consiste uma das maiores dificuldades, porquanto nem todos sabem ou podem *mastigar*.

A outra dificuldade equivalente está no limite da alimentação; em geral, comemos demais, sem regra, sem preceito, - comemos enfim para encher o estomago.

E é por isso que continuamente ouvimos queixarem-se de incommodos desse órgão, enfermidades estas compatíveis com a vida, é certo, mas incompatíveis com o gôso de perfeita saúde.

Geralmente, quando se vae para a mesa não se consulta o appetire, não se attende á delicadeza e tolerância do estomago. Sopa, sopa muito gorda. Soffre-se do figado? Qu'importa? Tome-se sopa bem gorda, porque o luxo é sorver todo aquelle unto, que sobre nada. Mas, o figado? Qu'importa as funcções, o figado? Há *cosido*? Venha o cosido: toucinho, fiambre, carne do peito com bastante gordura... Depois, feijão; e com elle ainda toucinho e carne secca... Mas, o figado? O estomago?

(...)

Os sábios dão sete vezes com a língua em volta da bocca antes de falar; pois bem: a prudência hygienica aconselha que se mastigue o bolo alimentício mais de vinte vezes antes de engulir.

Quem mastiga bem digere perfeitamente, come muito menos e satisfaz mais depressa o appetite. Levanta-se da mesa como se tivesse comido bem, e - com effeito - si se absorveo menos assimilou-se melhor, o que é uma grande vantagem...⁹⁸

É notável observar como, nos oitocentos, um médico possuía um espaço em uma revista que, em tese era para mulheres, mas que também tratava de assuntos que abrangiam toda a família. Embora essa revista não fosse especializada, pois se destinava ao público em geral, os temas da ciência estavam presentes. Era emblemática a figura de um médico que escrevia nesse tipo de revista, pois a partir de uma linguagem simples e acessível tratava-se de temas, como os referidos acima. A partir de revistas como essa, a ciência e a medicina adentravam em muitos lares brasileiros no século XIX.

Um dos periódicos no qual Pires de Almeida colaborou de forma mais expressiva foi a *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*. Este jornal foi fundado no Rio de Janeiro, em 1879, e circulou até o ano de 1888. Possuía oito páginas e era de periodicidade quinzenal. Seu principal redator foi o médico Carlos Antonio de Paula Costa. No primeiro número do jornal, Carlos Costa expôs o principal objetivo do jornal, que era bem característico do pensamento médico da época. De acordo com ele, era necessário o surgimento de um veículo que comunicasse e informasse às mães sobre tudo o que dissesse respeito à educação física das crianças,

⁹⁸ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A hygiene no lar. *A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 23, 15 de dezembro de 1890, p. 110-111. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/3446> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

pois as mães, por diversos motivos, como vaidade, pobreza e ignorância, não estavam cumprindo o seu principal dever. Dessa forma, era necessário que o médico aconselhasse essas mulheres, de forma que tornassem “vulgarizados todos os conselhos que tiverem por fim mostrar os males que nos cercam”⁹⁹.

Uma temática relevante, que também apareceu no discurso de Carlos Costa, foi sobre as crianças e como estas eram compreendidas na época. Segundo Carlos Costa, estas eram vistas como sendo os futuros cidadãos e, por isso, deveriam receber maior cuidado e atenção, principalmente das mães e dos médicos. O pano de fundo desta visão era a discussão acerca dos altos índices de mortalidade infantil da época. Conforme indica Constância Duarte:

O médico pretendia contribuir para alterar uma situação que, como as altas taxas mortalidade infantil, começava a preocupar os governantes e os médicos: a indiferença materna e comportamento fútil da elite feminina. Daí a criação de um jornal para aconselhar e orientar as mulheres no bom desempenho da função materna (DUARTE, 2017: 228).

Em *A Mãe de Família*, Pires de Almeida publicou primeiramente, entre os anos de 1881 e 1883, os artigos intitulados “Hygiene da mulher pejada”¹⁰⁰, que no ano 1884 foram reunidos em um livro e saíram com o título “Guia da mulher pejada”. Com o tempo, foram sendo publicados outros artigos, com temas variados. Uma seção que aparecia em quase todos os números era “Medicina – Enquanto o médico não chega”; “Hygiene”; e “Pharmacia de urgência”. Mas além destas, Pires de Almeida também publicou suas peças de teatro, folhetins, conselhos sobre moda beleza e casamento.

Intitulado “Do amôr e do ciúme”, o artigo publicado, em 1883, por Pires de Almeida, tinha como principal objetivo demonstrar as atitudes e sentimentos que deveriam ser cultivados no interior da família. Em sua maneira de pensar, o amor seria “o móvel de todas as cousas”¹⁰¹ e, por isso, seria necessário preservá-lo. Pires de Almeida ainda enalteceu o valor da maternidade e da família:

Uma vez effectuada a união com todas as condições que constituem sua perfeita harmonia, surgem a cada passo – sob o tecto conjugal – mil diferentes prazeres e voluptuosidades moraes que nascem do coração. A jovem esposa que chega a ser mai, que guia os primeiros

⁹⁹ COSTA, Carlos Antonio de Paula. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 1, n. 01, janeiro de 1879, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/2> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

¹⁰⁰ Esses artigos serão analisados no capítulo 3.

¹⁰¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Do amôr e do ciúme. A Mãe de família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 5, n. 5, março de 1883, p. 39. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/714> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

passos de seu filhinho, que recebe suas primeiras caricias, que ouve-o balbuciar as primeiras palavras, que o vê sorrir-se para ella, que prazer não experimenta! Que maior felicidade póde desejar neste mundo? E o pai, igualmente, a testemunha constante dessas commovedoras scenas, que chega dos seus affazeres, sequioso de descanso para as fadigas do dia, ao encontrar – á porta – a esposa e os filhos que acolhem pressurosos á recebê-lo com os braços abertos, não é por ventura o mais feliz dos homens? Não deve aquelle momento fazê-lo esquecer todos os incommodos e todos os sacrificios que lhe custa a manutenção da família?¹⁰²

A família com pai, mãe e filhos era o princípio ideal concebido para a época. Ao homem, a missão de prover a família; à mulher, a missão de cuidar da casa e dos filhos. A mulher solteira, para os padrões da época, era vista como uma mulher incompleta, assim como afirma Pires de Almeida:

Vós, mulheres que ficastes solteiras, que faltastes ao dever mais sagrado que o mundo vos impõe, preferindo a esterilidade do celibato á fecundidade do matrimonio, eu vos compadeço! Tendo sempre desconhecido os ineffaveis prazeres da maternidade, cuja doçura é-vos impossível apreciar extranha como sois á nobre missão de mai de família, não vos é dado comprehender nem os seus gozos, nem as suas afflições. Como mulheres incompletas, vosso coração está seco; o raio de amor que devia tê-lo animado apagou-se para sempre... Sois bem digna de lástima!¹⁰³

Estes conselhos de Pires de Almeida demonstraram de forma expressiva a forma pela qual os médicos se apresentavam à época. Os médicos não apenas praticavam a medicina, mas também se tornaram conselheiros do mundo familiar. Como afirmou Ana Paula Vosne Martins, no século XIX o status dos médicos pode ser comparado com o de padres e pastores (MARTINS, 2004). Isso quer dizer que a palavra do médico passou a ter um peso significativo no cotidiano de muitas famílias da época. E era pela própria maneira de exercer sua profissão que os médicos passaram a ter proximidade com as famílias e ter sua profissão reconhecida. Betânia Figueiredo chama a atenção para como os médicos, no século XIX, construíam sua reputação. No caso, não se tratava apenas de sua formação e aprovação pelos pares. Sua competência profissional era atestada por sua clientela. Sendo assim, era atuando principalmente como médicos de famílias que os médicos adquiriam status junto à sociedade (FIGUEIREDO, 2005).

Esse ideal de família e de maternidade que Pires de Almeida afirmou nestes trechos, foi um modelo que havia sido construído, aos poucos, no Brasil, desde o final

¹⁰² *Ibidem*, Rio de Janeiro, anno 5, n. 6, março de 1883, p. 46. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/721> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

¹⁰³ *Ibidem*.

da época colonial. Neste sentido, a medicina teve grande importância ao propagar uma imagem de família na qual a mãe e o pai possuísem como principal prioridade os filhos. É o que afirma Jurandir Freire Costa. Para o autor, este movimento de transformação do ideal de família, no qual a criança passa a ter mais atenção e cuidado dos pais tem início ainda no período colonial e se estende por todo o século XIX. Para a medicina da época, segundo Freire Costa, o casamento converteu-se em uma instituição higiênica, de modo que o cuidado com a prole se tornou a principal preocupação do casal. Dessa forma, a medicina pregava que a saúde do filho dependia não apenas do tratamento dado após o nascimento da criança, e sim do cuidado que os próprios pais deveriam ter com sua saúde e corpos anteriores ao nascimento da criança (COSTA, 1983).

Apesar de Freire Costa ter como recorte temporal o período colonial, esta afirmação sobre o casamento como instituição higiênica pode ser estendida para o século XIX, pois foi principalmente neste período que essa ideia foi reforçada e cada vez mais propagada através de periódicos, livros, conferências, etc. A partir desse empenho da medicina para popularizar um novo ideal de família, a maternidade passou a ser encarada como um ideal feminino a ser alcançado por qualquer mulher. Neste sentido, a mulher que escolhesse outro caminho que não fosse a maternidade era compreendida como um desvio ao percurso natural da vida.

A filósofa Elisabeth Badinter que estuda, historicamente, como se constituiu a ideia de que o amor materno seria algo intrínseco à mulher e que dessa maneira já nasceria predestinada à maternidade, afirma que foi uma concepção criada ao longo do tempo e que, portanto, não pode ser compreendido como algo natural. Para Badinter, o amor é construído nas relações entre mãe e filho, por isso ela sustenta que nenhuma mulher já nasce predisposta a ser mãe. Sendo assim, essa ideia de que a maternidade é algo almejado por todas as mulheres é uma construção social e histórica (BADINTER, 1985).

A obra de Badinter, embora centrada no contexto europeu, principalmente o francês, é bastante elucidativa, pois muitas das mudanças de mentalidade que ocorreram na Europa também foram verificadas no Brasil, tamanha a influência cultural que a França exercia sobre o país neste período. A autora põe como marco para a transformação da imagem da maternidade, de seu papel e de seu valor, o século XVIII, apesar de que na prática os comportamentos tardaram a se modificar. É, sobretudo neste século, que um novo valor associado à imagem da mãe aparece: o do amor materno.

Diversas publicações, principalmente de médicos e filósofos surgiram com o intuito de recomendar as mães que cuidassem pessoalmente de seus filhos, especialmente na questão da amamentação. Essas publicações “impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo” (BADINTER, 1985: 145).

Essas ideias que valorizavam o papel da maternidade também foram propagadas no Brasil. Assim se pode compreender o trecho de Pires de Almeida no qual o médico enfatiza o dever da mulher enquanto mãe. Nesse século XIX não apenas Pires de Almeida estava escrevendo sobre esses aspectos, mas muitos médicos do período publicaram obras e artigos em jornais e revistas nos quais divulgavam esses ideais.

Uma seção que permaneceu por vários números do jornal *A Mãe de Família*, foi “Enquanto o médico não chega”. Escrita e assinada por Pires de Almeida, esta seção possuía como principal objetivo munir as mães de conhecimentos que poderiam ser aplicados no dia a dia. Os assuntos eram, principalmente, relacionados a situações de emergência que poderiam ocorrer no ambiente doméstico, sendo a mãe, dessa maneira, chamada a agir antes que o médico chegasse.

O que se percebe com esta iniciativa de Pires de Almeida, é, a nosso ver, a busca de tornar as mulheres como aliadas dos médicos. Maria Martha de Luna Freire demonstra através da análise de revistas femininas do início do século XX, como se encontrava nestes periódicos um discurso em torno da construção de uma ideia que aprovava a aliança entre médicos e mulheres, a partir de uma educação formal que oferecesse conhecimentos de base científica para que a mulher soubesse cuidar de seus filhos a partir desses conhecimentos (FREIRE, 2009).

Da mesma forma que Luna Freire, percebemos em Pires de Almeida a defesa de uma maternidade que tivesse como base os conhecimentos científicos. Se observarmos o século XIX e compararmos com o contexto no qual Luna Freire trabalhou, percebemos que a maneira pela qual Pires de Almeida buscava fornecer elementos que tornassem a mulher mais informada se dava através dos periódicos. No caso de Pires de Almeida, não existia uma discussão em torno da defesa de uma educação formal para a mulher. Apesar de no final do século XIX algumas escolas voltadas para o sexo feminino terem sido fundadas, o maior meio de acesso ao conhecimento que as mulheres possuíam ainda eram os periódicos. Esta situação vai sendo modificada ao longo do século XX, período no qual muitas mulheres já possuíam acesso a uma educação escolar.

No primeiro artigo da seção “Enquanto o médico não chega”, Pires de Almeida tratou sobre como a mãe deveria agir no caso de algum objeto estranho cair na garganta do filho. Inicialmente, Pires de Almeida definiu o que considerava como objetos estranhos e, depois, indicou maneiras de extrair o objeto:

São quase sempre objectos finos e pontudos, como alfinete, agulha ou espinha implantados no céu da boca; seja elle qual for, cumpre quanto antes arrancar-o com os dedos ou com umapiça fina, á despeito dos vômitos que possa esse meio provocar. Si se trata, porém, de uma criança muito tenra ainda, raramente consente na extracção...

Mais facilmente chegaremos ao nosso fim apertando-lhe o nariz tanto quanto baste para interceptar completamente a passagem do ar; diante da necessidade urgente de respirar, a criança abre logo a boca sem mais demora – nos aproveitaremos da ocasião para introduzir geitosamente o dedo ou a pinça; uma vez lá dentro, extrahe-se sem dificuldade o corpo estranho porque manobra-se á vontade¹⁰⁴.

Para informar a mãe, Pires de Almeida sugeriu conselhos práticos, úteis, que poderiam ser aplicados em situações cotidianas da maternidade. A ideia era a de que as mães também poderiam ser úteis, de modo que, apoiadas em um conhecimento científico, pudessem exercer a maternidade conforme este conhecimento.

Algumas vezes, Pires de Almeida procurou variar os assuntos dos artigos publicados em *A Mãe de Família*. Em 15 de janeiro de 1884, por exemplo, o médico divulgou a receita de um pão de ló, cujo título do escrito era “Festas!”:

Em obediencia ao preceito, cumpre-me offerecer-lhes hoje o meo presentinho de festas, ó amáveis leitoras! E como, na genneralidade, as moças e as velhas gostam muito de doces, e até eu como mais bobo, tomo a liberdade de mimoseal-as com este pãozinho de loth de chocolate... quero dizer, com a receita para o fazer. Eil-a:

Desmanche-se n`um pouchinho d`ágoa dous páos de chocolate, sem assucar;

Misture-se depois á massa do pão de loth;

Bata-os juntos até se unirem bem; e –zás! No forno em temperatura branda, chamada de cosinhar suspiros.

De minha *formula e abuso*.

E para que a leitora tenha a certeza de haver de acertado, será prudente mandar-me um, ou mesmo dous, porque tenho de repartir com o nosso editor-proprietário, cujo estomago anda a pedir estimulantes... depois da viagem á Pariz¹⁰⁵.

¹⁰⁴ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Enquanto o médico não chega. *A Mãe de família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 5, n. 6, março de 1883, p. 42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/717> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

¹⁰⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Festas!. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 1, 15 de janeiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/743> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

Apesar deste trecho não apresentar nenhuma referência a conhecimentos científicos para mães de família, é relevante, pois traz algumas reflexões sobre a maneira pela qual um jornal de vulgarização científica procurava divulgar conhecimentos para mulheres no século XIX. Assim como afirmam Kodama e Fonseca, a linguagem utilizada pelos vulgarizadores era sempre simples, amena. Muitos deles procuravam não utilizar termos científicos para facilitar na compreensão do texto para um público que, em tese, não possuía formação na área científica (KODAMA, 2018; FONSECA, 2018).

Dessa forma, por meio de uma receita, Pires de Almeida procurou se aproximar ainda mais do público feminino, na medida em que adentrou em um assunto que era próprio de mulheres no século XIX. Sendo assim, Pires de Almeida estava buscando construir uma ideia do médico conselheiro para assuntos de família e amigo das mulheres. O fato de ele ter proposto que quem fizesse a receita poderia oferecer o pão a ele e ao Carlos Costa, já indicava a busca de uma maior aproximação com essas mulheres.

A segunda seção, sob a responsabilidade de Pires de Almeida na *A Mãe de Família*, foi a “Medicina – Pharmacia de urgência”. Para Pires de Almeida, era indispensável que as famílias possuíssem uma botica particular em suas casas, para nos casos de emergência, os medicamentos serem utilizados. Ao longo do periódico, Pires de Almeida, transcreveu, em ordem alfabética, diversas receitas para o preparo das medicações, apresentando seus ingredientes, a quantidade e o modo de preparo. Além disso, também divulgou os instrumentos de laboratório que a botica deveria possuir. Entre eles, Pires de Almeida indicou uma “balançazinha, com seus competentes pesos; espátulas de marfim, duas, de diferentes tamanhos; de ferro, uma. Uma faca com a lamina larga e arredondada”¹⁰⁶.

“A tísica e os tísicos – Higiene e tratamento”, de Pires de Almeida, editada em livro em 1887, havia sido publicada anteriormente no jornal *A Mãe de Família*. Entre os anos de 1884-1887, Pires de Almeida publicou, nesse periódico, diversos artigos que tratavam sobre o assunto. Pires de Almeida definiu a tísica como uma doença derivada de feridas que poderiam aparecer em vários órgãos dos seres humanos. As consequências dela eram diversas, levando o indivíduo à condição de degenerescência

¹⁰⁶ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Medicina – Pharmacia de urgência. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 1, 15 de janeiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/743> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

progressiva. Ao longo dos artigos, o médico indicou maneiras de prevenir e tratar a moléstia.

Outros escritos de Pires de Almeida foram publicados na seção “Hygiene – Banhos geraes ás crianças”, em a *A Mãe de Família*. que era dedicada a ensinar a mãe, conforme os preceitos científicos, sobre a maneira de dar banho nas crianças. A princípio, ele esclareceu que:

(...) o banho não é cousa tão fácil como á principio parece. Conforme o modo pelo qual é dado, póde fazer muito bem e pode fazer muito mal á criança. Existe, portanto, um termo médio para proportional-os sem perigo. Vou expôl-os com a máxima clareza e simplicidade¹⁰⁷.

A partir daí, Pires de Almeida realizou algumas observações que a mãe deveria levar em consideração no momento em que fosse dar o banho no filho. Entre estas, ele procurou esclarecer sobre a idade em que o banho deveria ser dado, as situações em caso de mudanças de estação, a temperatura da água, etc.

Os cuidados que as mães deveriam ter com seus filhos também aparecem em edição de 1885. Nesta, Pires de Almeida tratou sobre os soluços nas crianças e expôs soluções para o fim do problema. Entre estas, Pires de Almeida aconselhou distrações que a mãe deveria realizar para a criança:

(...) deve-se unicamente chamar a sua atenção para este ou aquelle objecto que a cerque, uma jarra, uma gaiola, o passarinho, o gato, o cachorro, uma arvore, procurando distrahil-a de modo a não assustar. Na maioria das vezes o soluço vae-se n’uma gargalhada¹⁰⁸.

É interessante observar que os conselhos de Pires de Almeida sempre procuravam demonstrar soluções simples e passíveis de serem concretizadas, como neste exemplo do soluço nas crianças. A ideia era que mesmo as mulheres que não tivessem conhecimentos médicos pudessem compreender o que Pires de Almeida estava informando.

Entre os jornais nos quais Pires de Almeida foi colaborador, *A Mãe de Família*, foi, certamente, o periódico no qual o médico teve maior espaço de atuação. Carlos Antonio de Paula Costa foi o principal redator de *A Mãe de Família*, sendo responsável pela seção “Palestra do medico”. Entretanto, em alguns momentos, na ausência de

¹⁰⁷ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene – Banhos geraes ás crianças. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 2, 31 de janeiro de 1884, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/753> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

¹⁰⁸ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Soluço nas crianças. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 7, n. 3, 15 de fevereiro de 1885, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/963> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

Carlos Costa, Pires de Almeida chegou a ficar responsável por esta seção no periódico. Percebe-se, então, que existia uma afinidade entre os médicos, como também o reconhecimento pela capacidade profissional de Pires de Almeida. O jornal *A Mãe de Família* já era, no ano de 1884, consolidado no Rio de Janeiro. Carlos Costa assim referiu-se a Pires de Almeida:

Espero que terei sempre o bom companheiro, como tem sabido ser o distinto collega Pires de Almeida, cujo nome tantas vezes tendes tido a ventura de ver n'estas paginas e que durante a forçada interrupção de meus trabalhos, tanto fez para que não fosse embaraçada a marcha de nossa propaganda. Agradecendo d'este lugar ao bom amigo de infância, estou certo que o encontrarei sempre prompto a auxiliarme¹⁰⁹.

Em 15 de fevereiro de 1884 Pires de Almeida assumiu, por um dia, a seção “Palestra do medico”. Nesta, procurou expor uma lembrança de juventude sobre um interesse que teve em relação a uma moça. Assim descreveu:

Eu era solteiro... e, se V. Ex. permite-me este arroubo de vaidade, moço e bonito. Vivia só. Telegraphava-me com uma linda visinha, por amor da qual passava todas as tardes debruçado ao peitoril da janella. Aquilo era mesmo uma cousa para dar de fallar ás velhas, que nos espreitavam, porque sempre há velhas que espreitam n'essas occasiões; mas, como a avó da moça cumprimentava-me, passava em julgado que a *isca tinha pegado*, e que em breve apertaríamos o doce nó. Aos olhares languidos succederam-se os sorrisos significativos, á cortezia outra cortezia, até que um dia – não sei porque artes da mocinha – recebi o convite para tomar uma chicara de chá com sequilhos.

(...)

Aceitei o convite, agradecendo logo da janella com uma graciosa mesura.

Á hora do crepúsculo, eu galgava dous á dous os degrãos da escada, com a ideia da moça e nos sequilhos.

Veio ella mesma até receber-me. Mas – oh decepção! O que pensa v. Ex. que aconteceu? A moça por quem me apixonára de longe, era deforme ao perto... por culpa própria.

Estendeo-me a mão, apertei-a; mas, que mão! Feia, grossa, áspera, com as unhas crescidas, mal aparadas. Olhei-a de face, - oh que horror! Dentes sujos, cobertos de limo, gengivas infectadas, mão halito; surda – era surda! Fanhosa por falta de certos cuidados próprios do nariz; as orelhas – oh, que abanos! Quando alias podia corrigil-as; os lábios rachados, brancos, muito brancos; os seios deprasados, cahindo sobre si mesmos, sem nada que os amparasse; os braços cheios de borbulhas... Enfim, era um monstrosinho¹¹⁰.

¹⁰⁹ COSTA, Carlos Antonio de Paula. O Dr. Carlos Costa ás suas amáveis leitoras. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 4, 29 de fevereiro de 1884, p. 26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/767> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

¹¹⁰ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Palestra do medico. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 3, 15 de fevereiro de 1884, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/758> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

Para Pires de Almeida, algumas das imperfeições que havia identificado naquela moça, poderiam ser corrigidas a partir da própria vontade e do esforço da mesma. O médico, quando escreveu sobre esse assunto, estava reproduzindo um padrão de beleza para a mulher leitora do jornal. Ao que parece, a ideia era que, para ser bonita, a mulher deveria se cuidar, tratar de suas unhas, mãos, utilizar vestimentas para certos lugares do corpo. Neste mesmo número do jornal, Pires de Almeida indicou algumas receitas para cuidados com as mãos, as unhas e com o rosto.

Em um artigo intitulado “Hygiene da beleza”, Pires de Almeida discutiu sobre como os dentes eram peças fundamentais para designar a beleza de uma mulher. Assim descreveu:

(...) ainda que a moça tenha olhos bonitos, a bocca primorosa, o nariz irreprehensível, fronte espaçosa e imponente, cabellos que enfeiticem e a cútis mimosa e fresca; ainda que tenha tudo isto, desde que os dentes são ruins, feios, escuros, corroídos pela carie, desalinhados, irregulares, falhados, cobertos de camadas de tártaro, de limo, difficilmente poderemos perceber de pronto que tal moça é bonita – só reparando muito, feição por feição, ou conservando-se ella toda a vida com a boca fechada, o que é materialmente impossivel¹¹¹.

Esses artigos nos quais Pires de Almeida discutiu sobre a beleza são fundamentais para a compreensão sobre a forma pela qual a medicina, no século XIX, procurou chamar a atenção de mulheres. Em um jornal, como *A Mãe de Família*, que a maior parte de seus artigos era dedicada à instrução sobre temas de higiene da infância, as discussões sobre maneiras de embelezar-se eram direcionadas especificamente para as mulheres. Era uma maneira de manter os padrões de beleza dentro de uma lógica médica.

Os periódicos foram um dos meios pelos quais os conhecimentos científicos conseguiram alcançar públicos distintos no século XIX. Ainda que grande parte das mulheres do período não tivesse uma formação, os jornais e revistas eram instrumentos de informação sobre diversos temas e assuntos relacionados ao mundo científico para as mulheres. Pires de Almeida foi um dos médicos da época que, através de sua atuação e colaboração, conseguiu popularizar a ciência médica. Os assuntos presentes em seus estudos e matérias variavam bastante, tratando sobre temas relacionados à infância, à mulher e à família.

¹¹¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene da belleza – A moça bonita. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 7, n. 15, 15 de agosto de 1885, p. 116. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/341703/1061> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

Importa registrar que a imprensa, além de representar um importante veículo para a vulgarização dos conhecimentos, era um dos poucos espaços de profissionalização dos intelectuais no séc. XIX. E neste sentido, cabe destacar a importância da atuação de Pires de Almeida na imprensa, como redator, gerente e colaborador.

A extensa colaboração de Pires de Almeida em *A Mãe de Família* foi um ponto que nos chamou a atenção, assim como o fato da historiografia ainda não ter realizado muitas análises sobre estes seus trabalhos. Em vários estudos (TURACK, 2008; CARULA, 2012; CARULA, 2013) sobre este periódico, a análise geralmente recai sobre o papel de Carlos Costa, que foi o principal redator do periódico. Entretanto, ao olharmos o jornal com mais calma, percebemos que a presença de Pires de Almeida foi, em alguns momentos, mais expressiva que a de Carlos Costa, com a publicação de um número maior de matérias. Dessa forma entendo que mereça um estudo mais aprofundado.

Além disso, vimos, igualmente, a relevância da trajetória de Pires de Almeida na diversidade de publicações, de vários gêneros literários, incluindo teatro, história, medicina, dedicados a temas variados, temas científicos, e a questões acerca da nacionalidade brasileira.

CAPÍTULO 3 - O médico e a mãe: o *Guia da mulher pejada*

3.1 – O Guia da Mulher Pejada no jornal *A Mãe de Família*

O jornal *A Mãe de Família* publicou a “Hygiene da mulher pejada”, obra escrita e publicada pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, ao longo dos anos de 1881 a 1883¹¹². Nesta, Pires de Almeida apresentou maneiras pelas quais a mulher grávida deveria proceder para manter a sua saúde e, desta maneira, a de seu filho.

A obra foi publicada no jornal em formato de fascículos, apresentado “Hygiene da mulher pejada” como título das seções. Os assuntos eram referentes às atitudes que a mulher grávida deveria ter para manter sua saúde e assim, evitar moléstias.

As discussões médicas da época acerca da mortalidade infantil procuraram alcançar as famílias, e mostrar, através de diversos meios, como os livros e os periódicos, que parte da responsabilidade pelo alto número de crianças que chegavam a óbito, antes dos dois anos de idade, era por conta de hábitos considerados nocivos à saúde da criança. Para isso, a medicina construiu um discurso que afirmava que cabia

¹¹² Em 1881 a “Hygiene da mulher pejada” saiu nos números: ano 3, n. 19, outubro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/440> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 20, outubro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/447> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 21, novembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/455> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 22, novembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/461> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 23, dezembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/469> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; Para o ano de 1882: ano 4, n. 5, março de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/521> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 7, abril de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/535> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 8, abril de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/540> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 9, maio de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/554> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 10, maio de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/560> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 11, junho de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/568> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 14, julho de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/593> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 15, julho de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/597> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 17, setembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/617> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 18, setembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/623> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 21, novembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/645> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 23, dezembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/662> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; Para o ano 1883: ano 5, n. 1, janeiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/677> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 2, janeiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/684> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 3, fevereiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/693> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 4, fevereiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/701> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 5, março de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/709> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 7, abril de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/725> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 8, abril de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/732> Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

aos pais e principalmente à mãe, zelar e cuidar dos filhos com base em um conhecimento científico.

Dessa forma, nesse período começaram a serem publicados diversos manuais com uma linguagem e conhecimento adaptados às mães, nos quais estas eram aconselhadas, com base nos conhecimentos científicos, sobre como deveriam agir com relação à alimentação, vestimenta, ambiente, banhos, passeios, brinquedos, etc. de seu filho.

A obra de Pires de Almeida se insere neste contexto. O médico direcionou sua obra especialmente para as mulheres, para a “higiene da mulher pejada, as moléstias que lhe são próprias, e seu tratamento”¹¹³. Apesar de o foco estar na saúde da mulher pejada, Pires de Almeida, em seu texto, manifestou grande preocupação com a criança. A criança era considerada como sendo o futuro da nação, e desta forma entendia que era necessário que a mãe gozasse de saúde e que fosse instruída para que pudesse criar e manter uma criança bem e saudável.

3.2 - Manuais de medicina popular no século XIX

Lycurgo de Castro Santos Filho, autor de *História geral da medicina brasileira*, identificou um conjunto de obras de medicina para uso popular, que circularam no Brasil ao longo do século XIX. Ao todo, segundo o autor, 35 manuais circularam no Brasil ao longo do século, além de periódicos que possuíam seções nas quais publicavam orientações sobre saúde e doença para o uso do povo (SANTOS FILHO, 1991).

Esses manuais eram, em sua maioria, escritos por médicos, cuja formação havia sido realizada, em sua maioria, nas faculdades de medicina do Império. Portanto, essas obras exerciam também a função de vulgarizar os conhecimentos médicos sistematizados nas academias. De acordo com Betânia Figueiredo, esses manuais de medicina popular partiam da premissa de que como para muitas pessoas era escasso o acesso aos médicos, essas obras se faziam necessárias, e desta forma estariam aonde os médicos não chegavam (FIGUEIREDO, 2005).

¹¹³ ALMEIDA, Pires de. *Guia da mulher pejada. Preceitos hygienicos. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do feto*. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1882. [1884]. p.9.

Essa também é a interpretação de Cotrim Guimarães, que enfatiza que graças à carência de médicos, que viviam em sua maioria nos centros urbanos, essas obras procuraram suprir essa necessidade (GUIMARÃES, 2005). Entretanto, não se pode esquecer-se da observação que Betânia Figueiredo realizou. Esta carência de médicos apontada por ambas as autoras não pode ser interpretada como algo que a população da época sentia da mesma forma que nós sentimos nos tempos atuais. Os séculos XX e XXI, no mundo ocidental, elevaram a medicina a um patamar tão alto que as populações são completamente dependentes da palavra do médico para questões de saúde e de doença. Um cenário muito distinto desse se dava no século XIX. Embora a medicina deste período já estivesse criando mecanismos que restringiam as artes de curar que somente poderiam ser exercidas por aqueles que possuísem formação na área médica, diversas regiões do Império estava acostumada a lidar com a inexistência deste profissional e com a atuação de diversos indivíduos, como os curandeiros, as parteiras, os boticários, os raizeiros. Como bem aponta a mesma autora, a dinâmica de atendimento dos médicos passava pela relação de confiança que estes construía com seus pacientes. Isso quer dizer que, boa parte da população brasileira, principalmente as de classes mais baixas, optava por recorrer a outros profissionais da arte de curar, pois estes, em muitos casos, faziam parte de seu convívio social.

Era pelo caráter “acadêmico, pedagógico, civilizador e higienista” dos manuais que muitas pessoas do interior recorriam aos primeiros socorros e à formulação de remédios (GUIMARÃES, 2008: 827). A ideia da ajuda nos primeiros socorros e a formulação de medicamentos era recorrente nos manuais. Em sua maioria, se divulgava o conhecimento de forma mais amena, mais resumida, como na ajuda aos primeiros socorros. Outra pessoa mais capacitada deveria ser chamada para que se prosseguisse com os cuidados. Nem tudo os médicos permitiam divulgar. Alguns termos e conhecimentos somente eram acessíveis àqueles que possuísem formação em medicina. Como reitera Cotrim:

(...) essas obras tinham como objetivo principal instruir seus leitores leigos em uma linguagem acessível, mas convincente, nos princípios científicos da medicina, buscando suprir a ausência de médicos no território brasileiro e afastar o povo do charlatanismo que se perpetuava na sociedade imperial (GUIMARÃES, 2016: 62-63).

Também era comum nestes manuais se incluírem receitas de medicamentos. Estas eram divulgadas detalhadamente, incluindo os ingredientes, o modo de preparo e a moléstia a que serviria.

Os manuais também podem ser interpretados como um mecanismo de inserção dos saberes médicos oficiais no cotidiano da população que os liam. Como eram obras escritas por médicos que estavam ligados de alguma maneira às instituições médicas do período, como a própria faculdade e a Academia Imperial, esses médicos procuraram adaptar à linguagem leiga os conhecimentos que eram ali produzidos. Sendo assim, essas obras também podem ser compreendidas a partir de uma relação entre uma medicina oficial e a população. Os médicos, seus autores, igualmente podem ser entendidos como mediadores culturais, tal como nos termos de Gomes e Hansen (GOMES; HANSEN, 2016).

Essas obras foram escritas a partir de uma perspectiva iluminista, de que era necessário levar as luzes e a verdade ao povo, de modo que fossem afastadas a ignorância e o conhecimento falso, considerado por esses médicos como aqueles produzidos por todos que não tinham formação em medicina.

Se atentarmos ao fato de que boa parte da população não tinha acesso à educação, no século XIX, podemos afirmar que estes manuais chegavam principalmente nas famílias com melhores condições sociais e econômicas. Entretanto, nem sempre ficavam restritos a este círculo, como ressaltou Regina Cotrim:

(...) faziam-se conhecidos nas conversas informais e nas trocas de receitas no ambiente doméstico, para a recuperação de parentes, vizinhos ou escravos doentes. Além disso, prestariam muitos serviços ao grande número de indivíduos leigos que sobreviveram à custa de um conhecimento médico informal (GUIMARÃES, 2008: 831).

A grande maioria dos manuais era igualmente escrita com o fim de propagar uma medicina acadêmica em oposição a uma medicina popular praticada por diversos indivíduos empenhados nas artes de curar. Como estratégia de convencimento, os médicos, autores destes manuais, utilizavam de uma linguagem depreciativa para caracterizar todos aqueles que não faziam parte da medicina acadêmica, como as parteiras, os curandeiros e outros. Ao mesmo tempo em que depreciavam outros praticantes de cura, os médicos firmavam sua profissão perante o grande público e afirmavam o conhecimento acadêmico como a única ‘verdade’, pois estaria baseado em fatos científicos. Dessa forma, se pode afirmar que pelos manuais o conhecimento médico oficial estava adentrando muitos lares brasileiros dos oitocentos, e os médicos eram apresentados como representantes da ciência e, portanto, da verdade perante o público leigo.

No Brasil, do século XIX, diversas foram as obras publicadas com o fim de tornar o conhecimento científico acessível a um público amplo, como os inúmeros manuais, que podemos observar na seguinte listagem¹¹⁴:

- LISBOA, Antônio José de Sousa Pinto. *Vade-mécum do cirurgião, ou tratado de sintomas, causas, diagnose, progresso e tratamento das moléstias cirúrgicas, e suas correspondentes operações*, Houve reimpressão no Rio de Janeiro, em 1816, e em Ouro Preto, em 1839.

- *Tratado das doenças dos negros*, 1818.

- MACHADO, João Lopes Cardoso. *Dicionário Médico Prático para uso dos que tratam da Saúde Pública onde não há professores de Medicina*, Rio de Janeiro, 2 volumes, Rio de Janeiro, Typ. de Silva Porto, 1823.

- CHAUSSIER, H. *Contravenenos, ou meios reconhecidos pelos mais eficazes nos diferentes casos de envenenamento postos ao alcance de pessoas que não sabem curar*. Rio de Janeiro, 1824, tradução de J. C. de Barros.

- BOMTEMPO, José Maria. *Esboço de um sistema de Medicina prática, pelo qual em qualquer parte do globo se podem curar todas as moléstias irritativas com um só e simples remédio, aplicação e formação deste e razão de sua simplicidade, bem como o modo pelo qual se podem conhecer tais enfermidades etc.*, Rio de Janeiro, Typ. nacional, 1825.

- SERPA, Joaquim Jerônimo. *Tratado de educação físico-moral dos meninos*, extraído da obra de médico francês e acrescentado de notas sobre práticas em uso no Brasil e remédios da terra. Dedicado às mães de família, Recife, Pernambuco : Typ. do Diario, 1828.

- IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Manual do Fazendeiro ou Tratado das enfermidades dos negros, generalizado às necessidades de todas as classes*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de Emile Seignot-Plancher & C^a., 2 volumes, 1834.

- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário ou guia médico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1841.

- BOISMONT, A. Brierre de. *Medicina domestica, ou, indicação dos primeiros*

¹¹⁴ O levantamento foi construído a partir de informações obtidas na obra, SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.v.2.

socorros. Rio de Janeiro: Typ. de R. Ogier, 1835.

- IMBERT, Jean Baptiste Alban. *Guia médico das mães de família*, Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1843.

- TISSOT, Samuel Auguste André David. *Aviso ao povo à cerca da sua saúde*; traduzido em portuguez e accrescentado com notas, ilustrações, por Manoel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa [Portugal]: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1796.

- BONJEAN, Louis. François. *O médico e o cirurgião da roça. Noovo tratado completo de Medicina e Cirurgia Doméstica adaptado à inteligência de todas as classes do Povo*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1847.

- SILVA, José de Almeida e. *Resumo de medicina prática, distribuídas as matériias pela ordem alfabética, seguido por dois formulários, um particular a esta obra, outro, geral; por um índice com os nomes vulgares das moléstias em referência aos clássicos, para facilitar a inteligência destes, e de um resumo de Medicina homeopática. Obra apropriada às pessoas que habitam longe dos recursos médicos*. Ouro Preto, dois volumes, 1848.

- Cadet-Cassicourt. *Primeiros socorros antes da chegada do médico, ou pequeno dicionário dos casos urgentes*. Recife, 1849, tradução de Joaquim d'Aquino Fonseca.

- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão *Dicionário de medicina popular*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1851.

- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Formulário ou guia médico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1852.

- *O livro das gentes: primeiro ensaio de Medicina para o curativo e regeneração dos doentes servindo de manual instrutivo ao povo, à nobreza, e ao clero, para o fim de evitar-se os males e perigos das grandes quantidades dos remédios farmacológicos da Medicina dos médicos, curando-se das moléstias pelos meios mais profícuos e inocentes*. Rio de Janeiro, 1854, reimpressão pelo farmacêutico Malaquias José Neto.

- PINTO, Antonio Ferreira. *O médico da primeira infância ou o conselheiro da mulher grávida e higiene da primeira infância*, Rio de Janeiro, 1860.

- RIBEIRO, Joaquim Antônio Alves. *Manual da parteira ou pequena compilação de conselhos na arte de partejar, escrita em linguagem familia*. Cidade da Fortaleza do Ceará: Leipzig, 1861.

- LANGGAARD, Theodor Joannis Henrique *Arte obstétrica ou Tratado dos partos, contendo a descrição anatômica da mulher; da gravidez com seus acidentes; do parto normal e anormal e dos meios de levá-los a bom êxito; tratamento e regime da mulher*

parida; os socorros aos recém-nascidos e as moléstias a que estão sujeitos nos primeiros tempos. Rio de Janeiro, 1861.

- LANGGAARD, Theodor Joannis Henrique. *Sucintos conselhos às jovens mães para um tratamento racional de seus filhos*, Rio de Janeiro, 1871.

- PEDRAGLIA, Carlos Augusto. *Noções de oftalmologia moderna ao alcance do povo, com considerações sobre o uso de óculos*, Rio de Janeiro, 1864.

- LANGGAARD, Theodor Joannis Henrique. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular, contendo uma terapêutica completa ou exata descrição de todas as moléstias internas e seu tratamento; a Cirurgia ou tratamento das moléstias externas e uma minuciosa instrução para as diferentes operações que repentinamente se possam tornar necessárias; conselhos práticos às mães no estado de gravidez etc.* Rio de Janeiro : Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.

- COSTA, Carlos Antonio de Paula. *Curso de Higiene Popular para as classes operárias.* Rio de Janeiro, 1877.

- SOUSA, Joaquim de Paula. *Guia médico do fazendeiro.* São Paulo, 1882.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada, contendo preceitos higiênicos, moléstias e acidentes, seu tratamento alopático pelo autor, homeopático, pelo dr. Castro Lopes e dosimétrico pelo dr. José de Góis. Precedido pelo calendário da prenhez com o qual se pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do feto.* Rio de Janeiro: Typ., lith. a vap. livr. e encade. Lombaerts & C, 1884.

- SANTANA, João José de Santana. *Manual das jovens mães ou higiene da gravidez, do parto e da primeira infância*, Rio de Janeiro, s/d.

- BARRETO, Luís Pereira. *Guia médico ou resumo de indicações práticas para servir aos senhores fazendeiros na falta profissionais*, São Paulo, 1887.

3.3. Conhecimento médico acadêmico

Todo o conhecimento divulgado nestes manuais, do século XIX, era fundamentado na medicina oficial, ensinada nas faculdades de medicina e debatida na Academia Imperial de Medicina. Por isso, se faz necessária uma apresentação sobre o ensino médico no Brasil no século XIX.

Até o final do período colonial, uma diversidade de pessoas exercia as práticas de cura no Brasil. Nesta época praticavam a medicina os físicos ou licenciados, os

cirurgiões-barbeiros, os cirurgiões aprovados, os cirurgiões examinadores, muitos dos quais haviam se formado em Coimbra ou em Montpellier, tendo em vista a inexistência de escolas médicas em terras brasileiras. Além desses, também estavam envolvidos nas práticas de cura, os sangradores, os curandeiros e as parteiras. E muitos daqueles aos quais era facultado o exercício de medicina, após concluírem sua formação na Europa, geralmente atuavam principalmente nos centros urbanos, deixando várias regiões desassistidas de médicos, fazendo com que esta população optasse pelos curandeiros, sangradores, etc. Com a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro, em 1808, este cenário, embora não tenha se alterado completamente, foram implementadas algumas ações que impactaram a saúde e a medicina no país.

Uma das primeiras ações que a Coroa realizou com relação à medicina foi criar em 1808, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, que funcionou inicialmente nas dependências do Hospital Militar e Ultramar, e a Escola de Cirurgia da Bahia, que ficou sediada no Hospital Real Militar da Bahia, antigo prédio do Colégio dos Jesuítas. Para ingressar em ambas as escolas, era exigido conhecimento em língua francesa, além do pagamento de uma taxa de matrícula. As lições compreendiam atividades teóricas e práticas. O curso de cirurgia tinha a duração de quatro anos e, ao final do curso o aluno estava habilitado a prestar exame e atuar na área da saúde.

A criação das escolas de medicina trouxe diversos benefícios para a medicina no Brasil, pois indicava o fim de muitas restrições que eram impostas pela metrópole. Desta forma, se possibilitava a formação de médicos aqui, e também possibilitava ampliar a atuação destes no país, pois até então estavam restritos realização de sangrias, à cura de feridas, à aplicação de ventosas, não podendo administrar e remédios internos, somente permitido para os formados em Coimbra¹¹⁵.

Na Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, novas cadeiras foram sendo criadas, como a de terapêutica cirúrgica e particular, criada em 20 de setembro de 1808, e a de medicina operatória e arte obstétrica, em 25 de janeiro de 1809. Durante os primeiros anos de funcionamento da Escola Cirúrgica da Bahia, entre 1808 e 1815, o ensino limitava-se a lições teóricas de anatomia humana, à cirurgia, e a

¹¹⁵ **Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro.** *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escancimerj.pdf> Acesso em 06 de janeiro de 2020.

elementos de fisiologia, patologia e clínica. Inicialmente, a escola não incluiu a cadeira de obstetrícia¹¹⁶.

Ao longo do século XIX as escolas de medicina da Bahia de do Rio de Janeiro passaram por diversas reformas, o que foi modificando o currículo do ensino médico. Como nosso foco de análise se restringe ao Rio de Janeiro, por conta da atuação médica de José Ricardo Pires de Almeida, acreditamos ser necessária uma exposição de como o ensino médico foi se institucionalizando no Rio de Janeiro ao longo do século XIX. O quadro abaixo apresenta as principais reformas do ensino médico entre 1813 e 1891¹¹⁷:

Quadro 2 - Reformas do ensino médico – 1813-1891		
Reformas	Nome da instituição	Disciplinas
Reforma de 1813: Manoel Luiz Alvares de Carvalho – implantada pelo decreto de 1º de abril de 1813, que aprovou o "Plano dos Estudos de Cirurgia" de Manoel Luiz Alvares de Carvalho, médico e diretor da Escola Anatômica Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro.	A Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro passou a denominar-se Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro.	1º ano – anatomia em geral (Joaquim José Marques), química, farmacêutica e noções de matéria médica e cirúrgica sem aplicações; 2º ano – anatomia (repetição) e fisiologia (Joaquim da Rocha Mazarém); 3º ano – higiene (Vicente Navarro de Andrade), etiologia, patologia e terapêutica; 4º ano – instruções cirúrgicas, operações e arte obstetrícia (Manuel Álvares da Costa Barreto); 5º ano – prática de medicina (José Maria Bomtempo); assistência às lições do quarto e obstetrícia.
Reforma de 1820: José Maria Bomtempo – a reforma consistiu na adoção dos estatutos elaborados por José Maria Bomtempo.	Não houve modificação.	1º ano – anatomia (Joaquim José Marques). 2º ano – fisiologia (Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto); patologia (Vicente Navarro de Andrade). 3º ano – matéria médica, higiene geral e particular, terapêutica geral. 4º ano – instruções cirúrgicas (Amaro Batista Pereira); medicina operatória (Jerônimo Alves de Moura). 5º ano – medicina clínica (Mariano José do Amaral).

¹¹⁶ Escola de Cirurgia da Bahia. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escirba.pdf> Acesso em 06 de janeiro de 2020.

¹¹⁷ Todas as informações contidas neste quadro foram retiradas do verbete: **Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro**. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escancimerj.pdf> Acesso em 06 de janeiro de 2020.

<p>Lei de 9 de Setembro de 1826 – implementou a autonomia das academias médico-cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, de modo que estas passaram a conceder os dois tipos de diploma, a carta de cirurgião e a carta de cirurgia formado.</p>	<p>Não houve modificação.</p>	<p>Não houve modificações.</p>
<p>Reforma de 1832 - Lei de 03 de Outubro de 1832, sancionada pelo Ministro do Império, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. A partir de então, as Academias (do Rio de Janeiro e da Bahia) passavam a ser designadas como Faculdades de Medicina. O curso médico-cirúrgico passava a ser de seis anos, havendo, também, um curso de farmácia (três anos) e um de partos, ao final dos quais, seriam concedidos, os títulos de Doutor em Medicina, de Farmacêutico e de Parteira.</p>	<p>Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</p>	<p>1º ano: física médica (Francisco de Paula Cândido); botânica médica e princípios elementares de zoologia (Francisco Freire Allemão de Cysneiros). 2º ano: química médica e princípios elementares de mineralogia (Joaquim Vicente Torres Homem); anatomia geral e descritiva. 3º ano: anatomia (Joaquim José Marques); fisiologia (Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto). 4º ano: patologia externa (Luís Francisco Ferreira); patologia interna (Joaquim José da Silva); farmácia, matéria médica, especialmente brasileira, terapêutica e arte de formular (João José de Carvalho). 5º ano: anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos (Manoel Feliciano Pereira de Carvalho); partos, moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém -nascidos (Francisco Júlio Xavier). 6º ano: higiene e história da medicina (José Maria Cambuci do Vale); medicina legal (José Martins da Cruz Jobim)</p>
<p>Reforma Bom Retiro - conhecida também como Reforma Couto Ferraz, foi levada a termo pelo decreto nº1.387, de 28/04/1854, assinado pelo Ministro do Império Luís Pedreira do Couto Ferraz (Visconde do Bom Retiro) e pelo Imperador D. Pedro II.</p>	<p>Não houve modificação.</p>	<p>1º ano – física em geral, particularmente suas aplicações à medicina; química e mineralogia; anatomia descritiva (demonstrações anatômicas). 2º ano – botânica e zoologia; química orgânica; fisiologia; anatomia descritiva (repetição). 3º ano – fisiologia (continuação); anatomia geral e patológica; patologia geral; clínica externa. 4º ano – patologia externa; patologia interna; partos. moléstias de mulheres peçadas e de recém - nascidos; clínica</p>

		externa. 5º ano – patologia interna (continuação); anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos; matéria médica e terapêutica; clínica interna. 6º ano – higiene e história da medicina; medicina legal; farmácia; clínica interna.
Reforma Leôncio de Carvalho - Em 19 de abril de 1879, por meio do decreto nº 7.247, o ministro aprovou a reforma que recebeu seu nome. Inspirada nas universidades alemãs, a reforma instituiu a frequência livre às aulas, e permitiu a realização de cursos não oficiais nos próprios recintos das faculdades. Também passou a ser uma obrigatoriedade as provas práticas.	Não houve modificação.	Com o fim de ampliar a reforma, foi estabelecido o decreto nº 3.141, no qual o número de disciplinas do curso médico foi aumentado para 26 com a incorporação das seguintes cátedras em seu currículo: anatomia e fisiologia; clínica oftalmológica; clínica médica de adultos; clínica cirúrgica de adultos; clínica de moléstias médicas e cirúrgicas de crianças; moléstias cutâneas e sifilíticas; moléstias mentais.
Reforma Sabóia - Em 25 de outubro de 1884, pelo decreto nº 9.311, foram implantados novos estatutos para as faculdades de medicina no Brasil, que em suas linhas gerais manteve o plano de Leôncio de Carvalho, com algumas modificações. Cada Faculdade deveria ministrar um curso de Ciências Médicas e Cirúrgicas e mais três cursos anexos, o de Farmácia, ainda em três anos, o de Obstetrícia e Ginecologia, em dois anos, e o de Odontologia, em três anos.	Não houve modificação.	Não houve modificações nas disciplinas.
Reforma Benjamin Constant – O decreto nº 1.270 de 10/01/1891, aprovado pelo Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca e referendado pelo Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Com este decreto, as escolas de medicina, do Rio de Janeiro e da Bahia, passaram a denominar-se Faculdade de Medicina e Farmácia.	Faculdade de Medicina e de Farmácia.	O curso médico passou a ser constituído por 29 cadeiras, distribuídas em 12 seções e seis séries. A frequência tornou-se obrigatória. As disciplinas classificavam-se da seguinte forma: - ciências físicas e naturais: física médica, química inorgânica médica, química orgânica e biológica, química analítica e toxicológica, botânica e zoologia médicas, farmacologia e arte de formular; - ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem: anatomia descritiva, anatomia médico-cirúrgica e comparada, fisiologia e histologia; - ciências que entendem com a

		estática e a dinâmica do homem doente: patologia cirúrgica, patologia médica, patologia geral e história da medicina, operações e aparelhos, anatomia e fisiologia patológicas, medicina legal, clínicas propedêutica, cirúrgica, médica, ginecológica, pediátrica, dermatológica e sifilográfica, oftalmológica, psiquiátrica e de moléstias nervosas; - ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem são e do homem doente: obstetrícia e clínica obstétrica, higiene e mesologia.
--	--	---

Outra instituição importante na institucionalização da medicina no país foi a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Fundada em 30 de junho de 1829, seu principal objetivo era impulsionar o crescimento da medicina no país e ampliar a atuação dos médicos frente a questões de saúde pública. O decreto imperial de 15/01/1830 reconheceu oficialmente a Sociedade, aprovando os seus estatutos com a devida assinatura do Ministro dos Negócios do Império, José Joaquim Carneiro Campos. Por decreto da Regência, de 8/05/1835, a Sociedade passou a denominar-se Academia Imperial de Medicina. A partir deste momento, o papel atribuído à Academia Imperial de Medicina foi ampliado, tanto em relação ao conhecimento médico, à prática da medicina, à comercialização de medicamentos e especialmente com relação às questões da saúde pública. Até o ano de 1850 a Academia Imperial de Medicina funcionou como consultora do Governo Imperial nos assuntos de saúde.

A Sociedade de Medicina teve grande influência no cenário médico brasileiro, pois, entre outros fatos, foi a responsável pela elaboração de um plano de organização das escolas médicas do Império, o qual foi aprovado e transformou as escolas médicas existentes, que passaram a ser, em 1832, respectivamente a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Faculdade de Medicina da Bahia. Entre as prerrogativas da Academia, cabia a ela definir e fiscalizar o exercício da medicina, especialmente daqueles considerados charlatães, procurando restringir a prática da medicina àqueles que possuíam formação na área.

A Academia Imperial de Medicina teve algumas publicações oficiais, como o *Semanário de Saúde Pública*, publicado entre 1831 e 1833, que teve como redatores Fidélis Martins Bastos e José Maria Cambuci do Valle. Em abril de 1835, foi lançada a

Revista Médica Fluminense, que circulou até 1841. Teve como redatores Joaquim Cândido Soares de Meirelles, José Martins da Cruz Jobim, Emílio Joaquim da Silva Maia, José Bento da Rosa e José Pereira Rego. A partir de maio de 1841, esta revista passa a chamar-se *Revista Médica Brasileira. Jornal da Academia Imperial de Medicina*. Em 1845, passa a publicar os *Annaes de Medicina Brasiliense*, impresso na Typographia de Francisco de Paula Brito. A partir de outubro de 1849, a publicação recebeu o nome de *Annaes Brasilienses de Medicina*, e entre 1885 e 1906, houve uma nova mudança na publicação que passou a denominar-se *Annaes da Academia de Medicina*¹¹⁸.

Assim como afirma José Gondra, a Faculdade, a Academia e o impresso médico:

concorreram para criar, identificar e combater o charlatanismo e o ocultismo, ao mesmo tempo que procuravam apresentar alternativas ao modo de intervenção dos cirurgiões, curiosos e feiticeiros existentes, representados pela ordem médica como charlatães (GONDRA, 2004: 44).

É importante dizer que, em se tratando de periódicos médicos, não existiam apenas os vinculados à Academia Imperial de Medicina. Outras publicações importantes, direcionados à medicina e à saúde circularam nos oitocentos, como *O Patriota* (1813); *O Propagador das Sciencias Medicas* (1827-1828); *Semanario de Saude Publica* (1831-1833); *Diario de Saude* (1835-1836); *Revista Medica Brasileira* (1841-1843). Monique de Siqueira Gonçalves reitera que essas publicações especializadas representaram veículos importantes para a atuação destes médicos no espaço público, porque na medida em que os artigos e as discussões publicadas nestes periódicos eram de médicos formados, estas publicações “deixariam de conferir a seus oponentes qualquer oportunidade de figurar nas páginas de suas publicações, calando-as ao menos neste espaço” (GONÇALVES, 2018: 77). Isso quer dizer que, as publicações foram um espaço no qual a medicina procurou se afirmar como profissão adequada para tratar da saúde e da doença.

Como o foco de análise desta dissertação é sobre um manual voltado para o público feminino, cabe ainda abordar com mais detalhamento a formação médica e as disciplinas no campo da ginecologia e obstetrícia no Brasil no período estudado. É importante tratar sobre isto, pois, assim como afirma Flavio Edler, “(...) muito mais que

¹¹⁸ Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/socmedrj.pdf> Acesso em 07 de janeiro de 2020.

a educação médica regular, esses manuais foram o principal instrumento de penetração de saberes e práticas sancionados pelas instituições médicas oficiais no cotidiano da maioria daquela população dispersa pelo imenso território” (EDLER, *Apud* GUIMARÃES, 2016: 9).

A institucionalização dos saberes no campo da ginecologia e da obstetrícia no Brasil, no período colonial, se deu de forma lenta em decorrência do pouco envolvimento de muitos médicos e, da inexistência de aulas práticas em Portugal e no Brasil. Como nesse período, o parto estava integrado à prática da cirurgia, e esta era considerada tarefa de homens rudes e ignorantes, o parto era considerado como uma tarefa de mulheres, e só se recorria aos médicos nos casos mais graves. De acordo com Fabíola Rohden, raros eram os estudiosos portugueses que se dedicavam ao tema. A primeira obra sobre o assunto foi o livro “De Formatione Hominis Tractatus”, de Pedro Julio, publicado em 1523. A segunda foi publicada em 1551, o “Centuriae Medicinalis”, do médico português João Rodrigues (1511-1568), conhecido como Amato Lusitano. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, este cenário foi aos poucos se modificando, de modo que questões referentes à saúde da mulher e ao parto começaram a serem incluídas nos tratados médicos (ROHDEN, 2001).

Fabíola Rohden assinala que as discussões sobre obstetrícia estavam presentes, desde 1832, em diversos espaços de sociabilidade médica:

Na antiga Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro há referências sobre o debate de casos obstétricos desde 1832. Na Academia Imperial de Medicina discutem-se temas tão variados como a primeira anestesia por clorofórmio praticada em parto natural, a utilização do fórceps, a cesariana, o aborto em consequência de onanismo conjugal, a regulamentação das amas-de-leite, casos de superfetação, eclampsia e vômitos durante a prenhez (ROHDEN, 2001: 79).

O ensino da obstetrícia e da ginecologia, como campos de conhecimento institucionalizados, só ocorreu no Brasil na década de 1880 do século XIX. De acordo com Ana Paula Vosne Martins, até então, prevalecia o estudo sobre a arte obstétrica, que reunia assuntos como gravidez, parto, puerpério, doenças dos recém-nascidos e doenças ginecológicas (MARTINS, 2004).

Na Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, em abril de 1808, iniciou o ensino da cadeira de “ligaduras, partos e operações de cirurgia”, lecionada por Joaquim da Rocha Mazarem (1775-1849). A partir de 1809, Mazarem passou a ser o responsável pela cadeira de medicina operatória e arte obstétrica na mesma instituição.

Na Escola de Cirurgia da Bahia, somente em 1818 aparecem registros do ensino da obstetrícia (MARTINS, 2004).

Em 1813, quando a arte obstétrica passou a ser ensinada no quarto ano do curso, a disciplina era lecionada por Manoel Alves da Costa Barreto (1770-), que havia se especializado, na Europa, com Jean-Louis Baudeloque (1745-1810) e Thomas Denman (1733-1815), ambos obstetras de referência na época.

Em decorrência do plano que havia sido proposto pela comissão da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, foi promulgada a Lei de 3 de Outubro de 1832, que transformou as escolas médicas do Rio de Janeiro e da Bahia em Faculdades de Medicina. Por esta lei, o curso médico-cirúrgico teria seis anos, e haveria também um curso de farmácia e um de partos. Concluído estes cursos, os alunos recebiam os títulos de Doutor em Medicina, de Farmacêutico e de Parteira.

Inserido no curso médico-cirúrgico estava a disciplina “partos, moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos”. No Rio de Janeiro essa disciplina era lecionada por Francisco Júlio Xavier (1809-1850), e na escola na Bahia por Francisco Marcelino Gesteira (1796-1875). De acordo com Rohden, Francisco Júlio Xavier teve grande atuação como parteiro e deixou como discípulos Luiz da Cunha Feijó e Mme. Durocher (ROHDEN, 2001). Por ocasião do falecimento de Francisco Julio Xavier, assumiu a disciplina Domingos Marinho de Azevedo Americano (1813-1851), que permaneceu como tal por apenas seis meses.

Luiz da Cunha Feijó (1817-1882) sucedeu a Azevedo Americano na disciplina “partos, moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos”, e permaneceu como professor até 1872. Em 1859 foi nomeado médico da Casa Imperial, em 1881 tornou-se diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na década de 1850, Cunha Feijó foi o primeiro médico a ter praticado a cesariana no Brasil.

Segundo Rohden, nesse período “passou-se a propagar a ideia das parteiras com certificado concedido pelos médicos. Estas tornam-se as mais legítimas e requisitadas pelas famílias mais poderosas e civilizadas” (ROHDEN, 2001: 73). Foi nesta época que começaram a chegar as parteiras francesas no Brasil. De acordo com a autora, foi a partir da criação do curso de partos e da chegada das parteiras francesas que a atividade da obstetrícia no Brasil começou a se modificar. A partir daí:

Gradativamente, o cuidado das mulheres se firmava como um domínio específico e mais valorizado. Alguns médicos passavam a incluir entre as suas especialidades o tratamento das doenças de senhoras e a assistência aos partos (ROHDEN, 2001: 74).

É importante esclarecer que o ensino da obstetrícia não se modificou apenas pelo fato da vinda das parteiras francesas. No século XIX, a influência da cultura francesa foi marcante em vários aspectos no Brasil. A cultura, a educação, a vestimenta, os costumes, as publicações expressavam claramente esta influência. Com o ensino médico não foi diferente. O ensino médico seguiu a orientação francesa, estando presente em seu currículo inúmeros tratados médicos franceses.

Em 1854, com a Reforma Bom Retiro, promulgada pelo decreto nº1.387, de 28/04/1854, do Ministro do Império Luís Pedreira do Couto Ferraz (Visconde do Bom Retiro), o curso de obstetrícia, ainda sob a responsabilidade do lente de obstetrícia, deveria ser formado pela cadeira de partos e pela de clínica, com exercícios em enfermaria especial, que deveriam ser realizados na Santa Casa da Misericórdia ou em uma casa de maternidade.

Entretanto, ao longo do século XIX, a necessidade destas aulas práticas de obstetrícia, que deveriam ocorrer nas Santas Casas, ainda era uma questão, pois esbarrava em duas questões, a ausência de enfermarias adequadas para tais exercícios, e questões morais. Muitas mulheres se recusavam a terem seus filhos com médicos homens. Por isso, na maioria das vezes as aulas de obstetrícia eram teóricas.

O médico Vicente Cândido Figueira de Sabóia (1881-1889), diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1881 e 1889, empreendeu várias mudanças no ensino realizado na instituição, e esse período ficou conhecido como Reforma Sabóia. O decreto nº 9.311, de 25/10/1884, estabeleceu novos estatutos para as faculdades de medicina no país, e definiu que cada Faculdade deveria ter um curso de ciências médicas e cirúrgicas, e três cursos anexos, o de Farmácia, o de Obstetrícia e Ginecologia, e o de Odontologia. Foi, também, criada a cadeira de clínica obstétrica e ginecológica, que continuou até 1911, quando foi desdobrada nas duas especialidades.

No contexto da Reforma Sabóia passou a haver a exigência de que as disciplinas tivessem também experiências práticas. Os médicos Vicente Cândido Figueira de Sabóia, João Vicente Torres Homem (1837-1887), Agostinho José de Souza Lima (1842-1921) e José Pereira Guimarães (1843-1915) assinaram um ofício, enviado à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, defendendo o funcionamento da clínica obstétrica no hospital daquela instituição:

(...) defenderam a necessidade da clínica obstétrica em especial, dizendo que as parturientes não ficariam expostas aos alunos,

com exceção daqueles que estivessem sob orientação do professor ou do seu assistente (*Apud.* MARTINS, 2004: 149).

Em 1891, com a Reforma Benjamin Constant, as faculdades de medicina, então denominadas Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro e Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, tiveram seu currículo ampliado para 29 disciplinas, classificadas como ciências físicas e naturais, ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem, ciências que entendem com a estática e a dinâmica do homem doente, e ciências que que entendem com a estática e a dinâmica do homem são e do homem doente¹¹⁹. Entre as ciências que entendiam com a estática e a dinâmica do homem doente, estava clínica ginecológica, e entre as ciências que que entendem com a estática e a dinâmica do homem são e do homem doente, incluía-se a obstetrícia e clínica obstétrica.

De acordo com Fabíola Rohden, a obstetrícia e a ginecologia foram ganhando, no século XIX, cada vez mais visibilidade e espaço nas discussões médicas, à medida que muitas questões destas disciplinas foram sendo incorporadas à medicina no período. Questões como o corpo feminino, o comportamento social da mulher, a família, as crianças, integraram o rol de discussões médicas. Neste contexto, os médicos associaram acontecimentos, como a alta taxa de mortalidade infantil, ao desinteresse das mães pelos filhos e à ignorância em assuntos de ciência. Por isso, a discussão sobre a maternidade assumiu um lugar de destaque nos debates médicos. A medicina começou a defender a ideia de que a maternidade era a principal função da mulher, e que esta deveria se informar sobre os preceitos científicos para que pudesse cuidar dos seus filhos. Sendo assim, muitos médicos se imbuíram da ação de escreverem manuais voltados para o público feminino, com o intuito de que as mulheres pudessem ter acesso ao conhecimento científico. Por trás destes manuais, estava implícita a concepção de uma medicina preventiva, quer dizer, a mulher deveria buscar informações antes mesmo da gestação, para que ao longo da gravidez, durante o parto e puerpério, e posteriormente no cuidado com a criança, pudesse manter a sua saúde e a do seu filho. Assim como afirma Rohden:

Pouco a pouco nasce uma nova medicina, em termos tanto das formas de conhecimento quanto do seu modo de intervenção. Ela se torna social e preventiva. O médico deve atuar vigiando as causas das

¹¹⁹ Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escancimerj.pdf> Acesso em 06 de janeiro de 2020.

doenças e protegendo os indivíduos contra o que possa interferir no seu bem-estar físico e moral (ROHDEN, 2001: 70).

3.4 - O Guia da Mulher Pejada

3.4.1 – Estrutura e características

A obra “Guia da mulher pejada” de José Ricardo Pires de Almeida, foi inicialmente publicada nas colunas do jornal *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, ao longo dos anos de 1881 a 1883. Esta obra foi publicada, em formato de livro, somente no início do ano de 1884, pela Typographia e Lithographia Lombaerts & C., como registraram inúmeros anúncios veiculados nos periódicos da época¹²⁰. Esta edição em livro, que integrava a coleção “Medicina para o povo” da editora, apresentou como título “Guia da mulher pejada Preceitos hygienicos. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do feto”. Entretanto, importa esclarecer que essa 1ª edição da obra apresentou em sua 1ª capa impressa a data de 1882, mas no final do exemplar apresenta a data de 1884¹²¹. De toda forma, considera-se que a primeira edição veio a público efetivamente no ano de 1884.

A obra “Guia da Mulher Pejada” ainda teve uma segunda edição, em 1895, igualmente publicada pela Imp. L. Lombaerts¹²². A obra foi amplamente divulgada por

¹²⁰ Exemplos de anúncios do “Guia da Mulher Pejada”: *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, anno X, n.54, p.1, 23 de fevereiro de 1884. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/6580 ; *A Estação*, Rio de Janeiro, anno XIII, n. 5, p.28, 31 de março de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/1415>; *A Mãe de Família*, Rio de Janeiro, n.7, p.55, 15 de abril de 1884; <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/798>.

¹²¹ “Guia da mulher pejada Preceitos hygienicos. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do feto”. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1882. [1884] Ver: U. S. National Library of Medicine. Coleção “Medicine in the Americas, 1610-1920”. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-67150730R-bk>

¹²² Tivemos acesso às publicações da obra a partir de três meios: pela Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional, pelo site da U.S. National Library of Medicine e pela biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz. O início da edição de 1881 se encontra no jornal *A Mãe de Família*, cujo acesso ocorreu pela Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional: ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Higiene da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, ano 3, n. 19, outubro de 1881, p. 149. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/440> Acesso em 03 de janeiro de 2020.

A edição de 1884 se encontra disponível no site da U. S. National Library of Medicine, na coleção “Medicine in the Americas, 1610-1920”. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-67150730R-bk> Acesso em 03 de janeiro de 2020.

meio de anúncios em jornais como *A Mãe de Família* e *A Estação*, e em periódicos de outras províncias brasileiras. No periódico *A Estação*, por exemplo, foram localizados anúncios da obra até o ano de 1901, o que nos leva a crer que pode ter sido uma obra bem aceita, ao menos, pelo público do Rio de Janeiro. A edição de 1884 foi dedicada a Carlos Frederico dos Santos Xavier Azevedo (1825-1893), que foi cirurgião-mor da Armada, dignitário da Ordem da Rosa, oficial do Cruzeiro, cavaleiro da ordem de S. Bento de Avis, chefe de saúde da esquadra nas campanhas do Uruguai e de Uruguiana, e autor de “Historia Medico-Cirurgica da esquadra brasileira nas campanhas do Uruguay, e Paraguay de 1864 a 1869” (1870).

A obra “Guia da Mulher Pejada” estava estruturada da seguinte forma: prefácio, e mais duas partes, ‘Hygiene da mulher pejada’, e ‘Moléstias da mulher pejada’. Na primeira parte, ‘Hygiene da mulher pejada’, Pires de Almeida tratou sobre todas as questões referentes à higiene da mulher pejada, contemplando sete pontos: o ar, o vestuário, os banhos, a alimentação, exercícios físicos, o moral das pejadas, e desejos ou caprichos da mulher grávida. Na segunda parte, ‘Moléstias da mulher pejada’, foram discutidas as moléstias próprias da gravidez e as maneiras de combatê-las, por meio de fórmulas de medicamentos que poderiam ser encomendadas pela mulher. As receitas foram apresentadas a partir de três linhas de pensamento ou formas de concepções médicas: a linha alopática por Pires de Almeida; a homeopática, por Antonio de Castro Lopes¹²³; e a dosimétrica, por José de Goes¹²⁴.

O termo pejada era utilizado, no século XIX, para designar a mulher grávida. O principal objetivo da obra era ser, tal como o título o anunciava, um guia para a mulher em seu estado de gestação. A ideia era a de que, a mulher informada pelos preceitos higiênicos, pudesse manter sua saúde e a de seu bebê. De acordo com Pires de Almeida, uma das principais causas de mortalidade materna e infantil no período era a escassez de informações científicas que pudessem informar as mulheres da maneira ‘correta’ de cuidar de seu próprio corpo e do de seus filhos. Com este intuito, então, é que Pires de Almeida escreveu a obra.

A segunda edição de 1895 se encontra na biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, cuja localização é a seguinte: BR1273.1; 599.03, A447g, Col. L.R

¹²³ Antonio de Castro Lopes (1827-1901): poeta, filólogo, e professor de latim no Colégio de Pedro II. Publicou “Conferências sobre a homeopatia”, em 1882. Apresentou nas Conferências Populares da Glória, na Escola Pública da freguesia da Glória, as conferências “Ensino superior”, em 29/05/1881, e “Doses imponderáveis e sua eficácia”, em 27/11/1881.

¹²⁴ José de Góes foi autor do “Guia de medicina Dosimetrica” (1880), vice-presidente honorário do Instituto Dosimetrico de Paris e atendia na Pharmacia Especial S. José (Rua São José nº61), na cidade do Rio de Janeiro.

Diversos tipos de obra com esse perfil apareceram no século XIX. A partir de uma ideia de que o próprio indivíduo informado saberia lidar com certas questões relativas à sua própria saúde, diversos médicos escreveram manuais voltados para um público leigo.

É importante lembrar que, em termos de conteúdo, os fascículos do “Guia da mulher pejada” publicados no jornal *A Mãe de Família*, e as edições em livro de 1884 e a de 1895, apresentavam algumas diferenças. No periódico foi publicado apenas, o que depois veio a ser a primeira parte do livro, a “Hygiene da mulher pejada”. As moléstias da gravidez e as receitas de medicamentos não foram incluídas na versão veiculada pelo periódico.

A edição de 1895 apresentou uma dedicatória de Pires de Almeida ao médico Francisco Furquim Werneck de Almeida (1846-1908), que exercia a clínica obstétrica e ginecológica no Rio de Janeiro, e tratou-se de uma edição aumentada. A primeira parte da obra é exatamente igual à edição do jornal e à de 1884. A diferença se encontra na segunda parte, na qual foram incluídas algumas receitas de medicamentos para tratar de moléstias da gravidez.

A dedicatória de Pires de Almeida ao médico Francisco Furquim Werneck de Almeida é um indicativo de seu interesse em buscar contato com seus pares e alcançar o reconhecimento de seu trabalho por seus pares. Werneck de Almeida era reconhecido no meio médico por sua prática na obstetrícia e ginecologia. No final do ano de 1872 começou a exercer a clínica obstétrica e ginecológica, e introduziu os processos mais novos da obstetrícia e da cirurgia inglesa e alemã, então pouco conhecidos no Brasil. Fez uso da anestesia obstétrica, que encontrava resistências no meio médico brasileiro, e foi responsável pela introdução da anestesia pelo bicloreto de metileno, preconizada por Thomas Spencer Wells. Tornou conhecida a operação osteoplástica de Nickolay Ivanovich Pirogoff (1810-1881), ao relatar, no periódico *Revista Medica* (n.8, 30 set. 1874), o primeiro caso operado segundo este método, que havia sido realizado em 15 de setembro de 1873 pelo médico brasileiro Lucas Antônio de Oliveira Catta Preta (1829-1920). Em sua carta de apresentação à Academia Nacional de Medicina, datada de 3 de novembro de 1900, afirmou ter sido o primeiro a empregar o método de desinfecção de Lister¹²⁵.

¹²⁵ ALMEIDA, Francisco Furquim Werneck de. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 20 de janeiro de 2020. Online. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/almfrfurwer.htm>

Para a seleção e análise desta obra de Pires de Almeida, fizemos a escolha pela edição de 1884, por ter sido essa a primeira edição publicada em formato de livro, e que foi amplamente anunciada em diversos periódicos do Rio de Janeiro e de outras províncias.

3.4.2. O *Guia da mulher pejada* nos anúncios da imprensa

O “*Guia da mulher pejada*”, quando foi publicado, em 1884, em formato de livro, foi amplamente anunciado em diversos periódicos do Rio de Janeiro e alguns de outras províncias do Império. Foram localizados anúncios da obra até o ano de 1904.

A grande frequência de anúncios, nos mais diversos periódicos, pode ser considerada como um indício da circulação e divulgação da obra.

No jornal *A Folha Nova*, em 1884, foi reproduzido um trecho do “*Guia da mulher pejada*”, que tratava do uso dos espartilhos, comentando a necessidade de combater seu uso excessivo¹²⁶.

Em fevereiro de 1884, o periódico *Brazil. Órgão do Partido Conservador*, anunciou a publicação da obra de Pires de Almeida, destacando a importância do conteúdo por essa divulgado:

O Sr. Dr. Pires de Almeida, clinico desta cidade e vantajosamente conhecido acaba de publicar uma *Guia da mulher pejada*, que nos parece de muita utilidade, pois além de expor os phenomenos que acompanham a gravidez, e as enfermidades que lhe são próprias, aponta os remédios a tomar para combater esses malles e a hygiene a observar para chegar á terminação do estado sem maiores accidentes¹²⁷.

Da mesma forma, nesse mesmo periódico, *Brazil. Órgão do Partido Conservador*, saiu, ainda em 1884, uma matéria que recomendava a leitura do “*Guia da mulher pejada*” a toda senhora casada, por tratar-se de uma obra de grande importância prática¹²⁸.

¹²⁶ *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e agrícola*. Rio de Janeiro, anno III, n. 674, 28 de setembro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/2682> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹²⁷ *Bibliographia. Brazil. Órgão do Partido Conservador*. Rio de Janeiro, anno II, n. 49, 28 de fevereiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2004> Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

¹²⁸ *Chispas. Brazil. Órgão do Partido Conservador*. Rio de Janeiro, anno II, n. 50, 29 de fevereiro de 1884, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2009> Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

A *Provincia do Espirito Santo* foi outro jornal que anunciou por diversas vezes o “Guia da mulher pejada”. Ao longo do ano de 1884, este periódico anunciou por dez vezes a obra¹²⁹.

No jornal *A Mãe de Família*, como nos referimos anteriormente, foram inúmeros os anúncios veiculados entre os anos de 1884 a 1888. E no jornal *A Estação* os anúncios seguiram frequentes até o ano de 1901¹³⁰.

Geralmente, o anúncio do “Guia da Mulher pejada” seguia sempre esse mesmo modelo, conforme a imagem a seguir:

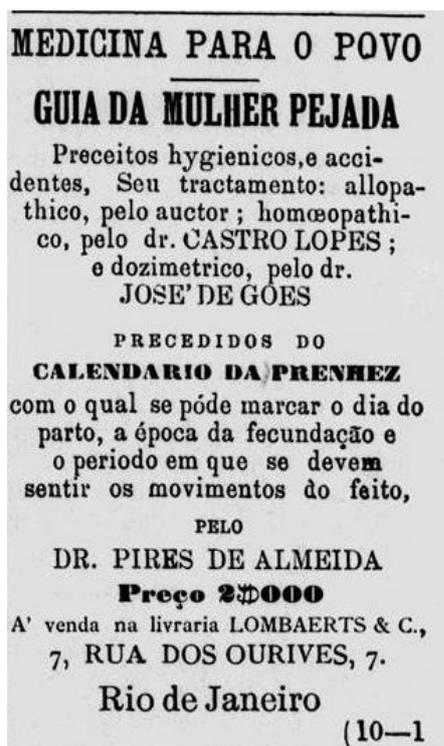


Imagem 1 - Anúncio do Guia da mulher pejada Fonte: *A Provincia do Espirito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*. Vitória, anno III, n. 598, 04 de setembro de 1884, p. 1.

Em quase todos os anúncios da obra de Pires de Almeida, havia a referência à coleção à qual a obra fazia parte, que no caso era “Medicina para o povo”; o título; logo abaixo, o subtítulo; a indicação ao calendário da prenhez; o nome do autor; o preço e o

¹²⁹ Guia da mulher pejada. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 598, 4 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2385> Acesso em 10 de fevereiro de 2020; Guia da mulher pejada. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 613, 23 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2448> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

¹³⁰ Guia da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, 6º anno, n. 7, 15 de abril de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/798> Acesso em 10 de fevereiro de 2020; Guia da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, 10º anno, n. 13, 15 de julho de 1888. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/1502> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

lugar de venda. Principalmente nos jornais *A Mãe de Família* e *A Estação* os anúncios seguiam sempre esse mesmo modelo. Assim como afirma Ozângela Silva (2017) existia, no século XIX, uma variedade de maneiras de anunciar os livros nos periódicos. Alguns anúncios possuíam ilustrações, outros descreviam a obra com textos longos, outros eram breves nas descrições dos livros. O que se notava é que o formato, o tamanho e a linguagem presentes no anúncio variava de acordo com o público alvo:

Essa prática de apresentação dos impressos direciona nosso olhar para as formas de publicidade utilizadas por esses comerciantes nas atividades diárias das duas livrarias. Inúmeros são os anúncios que possuem caráter mais detalhado, legitimações, dicas de leitura; interferências dos comerciantes/livreiros que devem ser observadas. Os livreiros buscavam guiar os leitores, legitimando-se como indivíduos aptos a indicar o que era necessário e conveniente ler (SILVA, 2017: 3).

Conforme, ainda, indica a autora, existia um direcionamento do anúncio como forma para sinalizar o público ao qual a obra se destinava. O “Guia da mulher pejada”, como se vê nos anúncios referidos, era visivelmente destinado a um público específico: o povo. Não era, dessa maneira, uma obra especializada, uma ‘medicina para os doutores’. Pires de Almeida possuía a pretensão de alcançar um público leigo.

Como se sabe, o “Guia da mulher pejada” foi publicado inicialmente no jornal *A Mãe de Família*, entre os anos de 1881 e 1883. A imprensa, no século XIX, era um dos principais meios procurados pela população para obter informações sobre os mais diversos assuntos, assim como se tornara também um meio de entretenimento. A partir da segunda metade do século XIX começaram a aparecer jornais e revistas com o objetivo de tratar dos mais diversos assuntos e alcançar uma grande variedade de públicos. Existiam periódicos com um cunho mais político, outros satíricos, os científico-literários, os especializados, os educativos, os de vulgarização. Havia, então, uma pluralidade e diversidade de periódicos, sendo cada qual direcionado para diferentes públicos, como as mulheres, as crianças, os trabalhadores, os médicos, os advogados, os professores, etc.

Como o periódico era um produto mais barato que o livro, o alcance da obra por esse veiculada poderia ser muito maior, ou seja, mais pessoas teriam acesso. Dessa forma, os autores e suas produções passavam a serem conhecidos por diferentes públicos, e de diferentes segmentos sociais. O fato de Pires de Almeida ter publicado, a princípio, sua obra nas colunas de um jornal, como *A Mãe de Família*, pode indicar que sua compreensão era de que por meio da imprensa sua obra alcançaria um público maior

e seria mais amplamente conhecida. E assim seu objetivo de vulgarizar os conhecimentos médicos seria concretizado.

O jornal *A Mãe de Família* (1879-1888), era naquele período, um importante instrumento de vulgarização científica para o público feminino. Nele se encontravam, desde o início de seu funcionamento, matérias e artigos que tratavam de assuntos médicos de interesse da mulher e da mãe de família. Desta forma, se buscava instruir a mulher segundo os preceitos científicos, para que assim pudesse criar melhor seus filhos. Podemos entender, então, que este jornal, assim como outros do período, possuía uma função pedagógica, que era a de educar e instruir a mulher a partir dos conhecimentos científicos.

Pires de Almeida ao utilizar a estratégia de publicar sua obra inicialmente nas colunas de um periódico, e depois publicá-la no formato de livro, lhe possibilitou alcançar seu principal objetivo, que era o de tornar o conhecimento médico-científico acessível para as mulheres grávidas, para que informadas, pudessem evitar e tratar de possíveis males decorrentes da gravidez.

3.4.3 - A autoridade médico-científica de Pires de Almeida

De acordo com Jean Luiz Neves Abreu, no século XVIII, os paratextos, ou seja, tudo o que antecedia ao texto em si, como os prefácios e as introduções, possuía papel primordial nos impressos de medicina luso-brasileiros (ABREU, 2013). O que podemos observar é que esse também era um costume bastante comum no século XIX. É importante analisar estes paratextos, pois nestes podemos encontrar os objetivos, as principais intenções do autor, e conhecer a linha de pensamento à qual o autor estava vinculado. Além disso, os prefácios e as introduções também eram espaços no qual o médico, segundo Jean Luiz Abreu, se posicionava como autoridade científica.

A princípio, Pires de Almeida justificou a razão pela qual cabia a ele, médico, estudar o feminino:

Deve-lhe, portanto, o médico mais considerações do que qualquer outro, porque, pela índole dos seus estudos, pela interrompida pratica de sua honrosa profissão, chegou a compreender o quanto é difficil desvendar os mysterios da organização feminina, o quanto é importante conhecê-los com certeza, e como se torna doce e agradável levar o consolo ao coração afflicto e a saúde ao corpo doente, daquellas que tantas sympathias despertam¹³¹.

¹³¹ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada*. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vap. Lombaerts & C., 1882, [1884], p. 5-6.

No século XIX, o médico passou a ser a principal autoridade científica a tratar de assuntos relacionados ao corpo feminino. Segundo Martins e Rohden, esse processo tem a ver com o contexto de produção científica a respeito das diferenças sexuais. A ideia de dois sexos biológicos distintos pode ser contextualizada e é uma concepção que aparece ao longo do século XVIII (MARTINS, 2004; ROHDEN, 2001). Até então, o modelo adotado era baseado no padrão masculino, e desta forma nomeava órgãos com o mesmo nome para ambos os sexos – como testículos e ovários, por exemplo. Foi, portanto, a partir do século XVIII, que a mulher passou a ser definida de forma específica, como um sexo diferente. Os médicos, portanto, passaram a se autodenominar ‘especialistas da mulher’, que nos faz compreender as palavras acima de Pires de Almeida.

Mesmo com as dificuldades que eram atribuídas ao campo da moralidade, a medicina dos séculos XVII, XVIII e XIX estava avançando na questão do estudo dos órgãos, através da prática de dissecações que estava sendo realizada na Europa. Esses conhecimentos eram amplamente divulgados nos manuais médicos especializados. Foi a partir desses estudos que começaram a ser descobertas as diferenças entre os sexos. Como os médicos se colocavam como sendo as principais autoridades qualificadas para tratar sobre as questões relacionadas ao corpo, não foi diferente com relação ao corpo feminino. Uma medicina feita por homens, considerados os principais especialistas para tratarem do corpo feminino, porque conheciam o seu funcionamento muito melhor do que as próprias mulheres.

Dessa forma, a partir de então, o corpo feminino passou a ser um objeto do conhecimento científico, toda a produção em torno da sexualidade demonstrava como as mulheres eram diferentes dos homens: “passagens como a puberdade, a gravidez e a menopausa afetariam as mulheres de modo único e não haveria qualquer acontecimento equivalente em relação aos homens” (FREITAS, 2008: 176).

Pires de Almeida expressou claramente sua visão a respeito das mulheres:

Disse-o alguém, e com espirito e razão: a mulher é uma criança grande. Esta expressiva phrase que, para os mais exigentes, envolve uma censura, importa o seu melhor elogio.

Há por ventura cousa que mais nos interesse do que a tenra infância? Há na criação um ser que mais direitos tenha á nossa estima, e mais carinhos e cuidados nos inspire do que esses innocentinhos que mal conhecem a vida?

E porque?

Porque naquelle idade somos apenas um átomo lançado ao mundo; e seríamos o brinco de todas as influencias phisicas, a victima de todas as tempestades, sem os desvelos constantes de nossos paes que – já

robustecidos na luta – soffrem por amôr da frágil criança o choque de todos os ventos.

A mulher, porem, nunca perde essa quasi infância; em toda sua vida é um ser indefeso, exposto, por um lado, ao embate das paixões que lutam para conquistar-lhe o nobre coração, por outro lado, á destruidora acção de moléstias insidiosas que minam-lhe o corpo, ou ás consequências do desempenho das mais elevadas funcções que a natureza confiou ao seu organismo; e que – sobre serem as mais importantes para a espécie, porquanto concorrem exclusivamente para garantia da perpetuidade – são-lhe contudo incommodas, dolorosas, e gastam rapidamente o viço da mocidade, quando não cortam em hora muito prematura o fio de uma existência rica de esperanças e illusões¹³².

A mulher era percebida por Pires de Almeida como uma criança grande, ou seja, um ser que havia crescido, mas não amadurecido. A criança era completamente dependente do adulto, precisava de cuidados em todos os momentos da vida, assim como a mulher. Pires de Almeida apresentou a mulher como um ser que era, ao mesmo tempo, exposto a paixões que lhe afligiam o coração, e suscetível a diferentes tipos de moléstias. Por essas razões, de acordo com o modo de pensar de Pires de Almeida, a mulher deveria ter como seu conselheiro, e amigo, a figura do médico.

Neste contexto, a medicina afirmava que a natureza da mulher e sua particularidade sexual demandavam justificativas científicas e um regime de regulações para que sua natureza não se desvirtuasse. Nesta perspectiva, o corpo feminino deveria ser sempre “regulado, porque os médicos acreditavam que, além de ser mais frágil, era impressionável a qualquer motivação, fosse ela causada por emoções, pela visão, pelo tato, enfim, um corpo sensível a qualquer impressão” (MARTINS, 2004: 15). O médico, nesse sentido, se colocava como conselheiro da mulher para todos os aspectos de sua vida: aconselhavam sobre a maternidade - desde a gestação aos cuidados com as crianças -, sobre comportamentos sociais, sobre a vestimenta, a vida conjugal, as leituras, os passeios, etc.

Assim sendo, os médicos passaram a ser representantes da ciência junto a essas mulheres e, neste processo, passaram a presença do médico era fundamental em todos os momentos, inclusive naqueles considerados, até então, como especificamente femininos, como, por exemplo, no parto.

Pires de Almeida destacou a capacidade do médico em dar atenção às mulheres:

Deve-lhe, portanto, o médico mais considerações do que qualquer outro, porque, pela índole dos seusestudos, pela ininterrompida prática

¹³² *Ibidem*, p. 6-7.

de sua honrosa profissão, chegou a compreender o quanto é difícil desvendar os mysterios da organização feminina, o quanto é importante conhece-los com certeza, e como se torna doce e agradável levar o consôlo ao coração afflicto e a saúde ao corpo doente, daquelas que tantas sympathias despertam.¹³³

O médico Pires de Almeida prosseguiu afirmando a autoridade médica, e a importância do critério científico na prática da chamada especialidade ginecológica:

O que acabámos de dizer, representando a unanime opinião dos médicos, e o juízo amadurecido dos philosophos, é a base de um critério científico a que deve necessariamente obedecer todo aquelle que, por predilecção, gosto, ou necessidade, consagre suas lucubrações ao que hoje se chama especialidade gynecologica, cujo fim não é mais do que o estudo contínuo do organismo da mulher em todas suas manifestações, para acompanhá-las quando marchem regularmente ao objetivo physiologico, para modificá-las quando perturbações mais ou menos graves converte-n'as em perigo para a saúde. O primeiro objeto constitue a gynecologia *hygienica*; o segundo, a gynecologia *pathologica*.¹³⁴

Pires de Almeida, em sua obra, além de ter defendido a ideia de que caberia ao médico 'guiar' a mulher, por ela ser uma criatura indefesa e suscetível a diferentes tipos de moléstias, também tratou da maternidade. Competiria ao médico defender e instruir a mulher porque ela poderia carregar em seu ventre um ser, o qual poderia representar o futuro do país e trazer benefícios para a sociedade:

Ponderando mais que no ventre materno encerra-se sempre um'alma, uma grande intelligencia as vezes, aquella com seu immortal destino, esta com suas ardentes inspirações e faculdades capazes de imaginar novos mundos, ou remontar-se ás altas regiões da sciencia, desentranhando novos segredos, dilatando os horisontes á actividade febril das gerações que se succedem, como não julgar digna de todo interesse a saúde da mulher, da qual dependem destino tão nobres quanto desconhecidos?...¹³⁵

Embora Pires de Almeida, em sua obra, se dirigisse à mulher, seu principal interesse estava localizado na criança, na sua boa constituição física e moral. Como o discurso médico do período defendia a ideia de que a mulher fora criada para ser mãe e, que por isso, a maternidade era algo que fazia parte de sua natureza, a mulher deveria preservar e cuidar de sua saúde, para que quando se encontrasse no estado de gestação, a saúde de seu filho estivesse preservada.

¹³³ *Ibidem*, p.5-6.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 8-9.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 7-8.

Outra questão que também estava presente nesta discussão sobre a maternidade, era a discussão sobre a nacionalidade. A criança era considerada o futuro da nação e, por isso, caberia aos seus principais cuidadores – os pais – uma atenção com sua saúde e desenvolvimento. Medicina e Estado agiram em conjunto para abolirem os hábitos considerados nocivos às crianças. De acordo com Patricia Sanine e Elen Castanheira, a medicalização da família teria se dado por meio da infância, com o intuito de serem implantados novos hábitos nas relações entre pais e filhos (SANINE; CASTANHEIRA, 2018). Entretanto, somente no início do século XX, e que foram implantadas, pelo Estado brasileiro, medidas mais pragmáticas com relação à infância. Foi somente na década de 1920, por exemplo, é que foram iniciados os serviços de higiene infantil, e a proibição do trabalho fabril para menores de doze anos. E mais tarde, na década de 1930, foi criada uma Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância.

O trabalho de Luiz Lima Vailati é relevante para pensar sobre a relação entre morte infantil e costumes sociais nos oitocentos. De acordo com o autor, o discurso médico propôs uma concepção diferente da que era corriqueira nas tradições e costumes sociais. Para boa parte da população do período, a morte infantil era algo benéfico. Por conta da influência da religiosidade católica, acreditava-se que um indivíduo que morresse enquanto criança já ganharia o paraíso. Muitas das fontes levantadas pelo autor indicavam a predominância desse pensamento em muitas famílias da época. Essas ideias só começaram a se modificar a partir do empenho que muitos médicos fizeram em mostrar outra noção sobre a morte infantil. O discurso médico, de acordo com Luiz Vailati, sustentou que as altas taxas de mortalidade infantil não poderiam ser percebidas como algo benéfico, ou como vontade divina. Os médicos mostraram que os pais eram peças fundamentais na criação e cuidado dos filhos e que, boa parte dos problemas relacionados à saúde da criança poderiam ser evitados se os cuidados fossem baseados nos preceitos científicos. Neste sentido:

(...) na medida em que a criança (viva) ganha valor, sua morte torna-se cada vez mais grave. De fato, teremos oportunidade de constatar que essa nova forma de ver a criança implicará numa inversão completa dos significados que cercavam sua morte. Em última instância, a morte infantil será a negação de toda a promessa de progresso que esses médicos/higienistas depositam na criança (VAILATI, 2010: 293).

Crítica à roda dos expostos, combate ao aborto criminoso e ao infanticídio, crítica aos costumes sociais que enxergavam a morte infantil como algo positivo, defesa

de uma nova concepção de família que teria a criança como prioridade, investimento em um discurso que definia a mulher a partir de sua função reprodutiva, estas foram algumas das ideias defendidas por estes médicos do XIX. Estas ideias circulavam em jornais e revistas para o grande público, em livros, em conferências e foram aos poucos estimulando mudanças nas famílias.

Para definir melhor seu objeto de estudo, Pires de Almeida assim descreveu os principais assuntos do livro:

A hygiene da mulher pejada, as moléstias que lhe são próprias, e seu tratamento, constituirão, pois o assumpto deste livro, maneyro, singelo, despido de pretenções scientificas, porém cheio de preceitos praticos para bem encaminhar as futuras mães, de modo a não deixarem expostas aos azares da rotina, da indiscrição, ou mesmo das preocupações, a vida e a saúde de dous seres, dos quaes dependem – a um tempo – a riqueza da família e o bem da sociedade¹³⁶.

Neste trecho, é possível observar de maneira muito clara a noção de vulgarização do XIX. Muitos homens de letras que se dispuseram a escrever sobre ciência para um público leigo partiam da noção de que a linguagem deveria ser amena, bem didática, adaptada ao público. Outra característica da vulgarização que pode ser percebida neste trecho é a ideia de utilidade da ciência. Pires de Almeida afirmou que muitos preceitos práticos estavam presentes no livro para bem encaminhar as futuras mães. É a própria concepção de um conhecimento que seria aplicado no dia a dia que faz da obra de Pires de Almeida uma produção baseada na ideia de vulgarização das ciências.

Pires de Almeida apresentou em sua obra, antes dos conselhos para as mulheres sobre sua saúde e a das crianças, “o calendário da prenhez, organizado synopticamente, e baseado n'um cálculo muito simples que facilita conhecer a época em que se realizará o parto”¹³⁷. Incluiu, ainda, em suas páginas, um conjunto de orientações, “advertências para o uso do calendário”, para orientar adequadamente as mulheres¹³⁸. A importância deste calendário decorria do fato de que por meio dele a própria mulher poderia descobrir a data do seu parto. Para isso, a mulher deveria saber a data da última menstruação e na coluna seguinte, ver o dia correspondente ao parto, que se efetuariaria nos cinco dias anteriores ou posteriores.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 9.

¹³⁷ *Ibidem*, p.9.

¹³⁸*Ibidem*, p.13.

O calendário propriamente dito, apresentava os seguintes campos: Último dia da última menstruação; época provável do parto; época em que se hão de perceber os primeiros movimentos do feto. Como vemos abaixo na primeira página do calendário:

— 18 —

Ultimo dia da ultima menstruação	Epoca prova- vel do parto	Epoca em que se hão de perceber os primeiros movimentos do feto
JANEIRO	OUTUBRO	
1	7	} Na segunda metade de Maio.
2	8	
3	9	
4	10	
5	11	
6	12	
7	13	} Fins de Maio.
8	14	
9	15	
10	16	
11	17	
12	18	} Principios de Junho
13	19	
14	20	
15	21	
16	22	
17	23	
18	24	
19	25	} Na primeira metade de Junho.
20	26	
21	27	
22	28	
23	29	
24	30	
25	31	
26	NOV. 1	} Meados de Junho.
27	2	
28	3	
29	4	
30	5	
31	6	

Figura 2 - Calendário para o uso da mulher pejada - Fonte: ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada*. [1884]. p.18.

No caso das mulheres que não soubessem a data da última menstruação, Pires de Almeida dava como opção para a realização do cálculo a época do aparecimento dos movimentos do feto. Outra opção que Pires de Almeida apresentou para que se descobrisse a época da gestação foi realizar o cálculo a partir do aparecimento das náuseas e vômitos.

3.4.4 – A higiene da mulher pejada

Nesta primeira parte da obra, intitulada de “Higiene da mulher pejada”, Pires de Almeida procurou apresentar as orientações sobre a saúde da mulher e conselhos de como a mulher deveria manter sua saúde para que pudesse ter uma gestação saudável. Logo no início do texto, destacou os benefícios que aquelas mulheres que seguissem os preceitos poderiam alcançar. E, ressaltou, também, o quão nocivo seria ao organismo se as mulheres não atentassem a esses preceitos:

Se a mulher vive ordinariamente conforme esses preceitos, e mantém ou acautela sua saúde, precavendo-se de tudo quanto possa modificar-lhe maleficamente o organismo, pouco mais terá a acrescentar quando o novo estado se desenvolva de modo normal; - porém, o mais certo e commum é esquecerem-se os preceitos hygienicos, porque – não só a mulher como também o homem – muito pouco cuidam de prevenir os resultados de qualquer incidente orgânico enquanto gozam saúde, e nada ameaça interromper a perfeita harmonia que parece reinar na marcha das funções physiologicas¹³⁹.

Pires de Almeida afirmou, ainda, a importância de se observar os meios chamados preventivos para tornar a saúde da mulher mais segura e melhor preparada para o parto. O ato de informar-se faria com que a mulher evitasse problemas com a saúde dela e a do feto enquanto estivesse no período gestacional. Por isso, ele assinalou a importância da mulher viver conforme os preceitos higiênicos. Para Pires de Almeida era inaceitável que a mulher grávida esquecesse esses preceitos. Dessa forma, ele elencou diversas regras que deveriam ser seguidas pela mulher grávida. Assim, a primeira regra formulada foi:

(...) a mulher não mudará absolutamente de regimen, costumes e hábitos, contanto que sejam racionaes, e não estejam em opposição com os princípios da hygiene geral. (...) Continue, pois, o seu regimen habitual, observando apenas algumas minúcias que nos propomos esclarecer aqui. Nada receie: deixe as cousas seguirem livremente seu curso, que a natureza terminará a sua obra com a mais perfeita e admirável regularidade¹⁴⁰.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 31.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 34.

Entre as ressalvas que Pires de Almeida apresentou estava a questão da realização de sangrias, desaconselhada para as mulheres grávidas. Da mesma forma, ressaltou a importância da mulher relatar os incômodos da gravidez ao médico, e não às comadres, pois segundo ele estas eram amigas inescrupulosas que as aconselhavam de forma negativa. Pires de Almeida descreveu desta maneira as comadres:

Não há nada que mais danoso cause á mulher grávida do que os máos directorios, e estes proporcionam-lhe amiudadamente as intimas ignorantes, quando não malignas e supersticiosas, que – apoderando-se da confiança das famílias – impõem-se, fazendo prevalecer suas absurdas idéas e *mesinhas* intragáveis ás autorizadas instrucções do homem de sciencia.

E como, infelizmente, em muitas povoações, nas capitaes de nossas províncias, e – o que mais é ainda – no seio da própria corte, affrontando ostensivamente a Policia, fervilham as comadres, não me cançarei de prevenir contra ellas as senhoras que aspirem manter uma gestação feliz, e chegar ao termo sem lamentar passo algum indiscreto, nem tropeçar com fataes aberrações.

Todos os dias registram-se casos em que a mão fatal d'essas especuladoras escreve a sorte de uma família inteira na lapide de uma sepultura, sacrificando mães estremecidas e esposas que apenas acabam de perder os encantos da virgindade¹⁴¹.

Essa visão negativa conferidas às mulheres que auxiliavam no parto era dirigida na maioria das vezes àquelas que atuavam sem autorização, as ditas comadres. Apesar de a maioria dos médicos, do século XIX, não ter feito distinção entre as parteiras, Maria Lucia Mott, em seu estudo, conseguiu identificar, pelo menos, cinco tipos distintos de parteiras neste período. Segundo Mott, no início do XIX, haveriam as *práticas*, que possuíam extensa experiência, mas atuavam sem autorização; as *ocasionais*, que eram mulheres que, por conta das circunstâncias, acabavam realizando o parto de alguém próximo de seu convívio social, mas não eram parteiras de ofício; as *licenciadas* que exerciam com autorização legal, mas sem ter passado por um exame; as *examinadas*, parteiras práticas que haviam prestado o exame depois de comprovada experiência; e as *diplomadas*, que em geral eram mulheres estrangeiras, que haviam feito o curso de partos no exterior ou no Brasil (SOUZA, 1998).

A partir de 1832, nas Faculdades de Medicina, do Rio de Janeiro e da Bahia, as parteiras deveriam realizar sua formação no curso de partos, e aquelas parteiras que tivessem se formado em outros países, deveriam validar seus diplomas para poderem atuar como tal.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 39-40.

Diante da imagem negativa atribuída discurso médico às parteiras, Maria Lucia Mott nos lembra de como o ensino obstétrico nas Faculdades de Medicina do Império era basicamente teórico, e que não preparava adequadamente os alunos:

As denúncias da própria classe médica permitem que se diga que a formação médica nas Faculdades de Medicina *não preparava* profissionais capacitados para fazer partos. Porém, a força e credibilidade do discurso médico, ao desqualificar as parteiras, acabaram por atribuir aos seus pares, uma competência clínica que estavam longe de possuir, como se por um passe de mágica, da noite para o dia, a posse do diploma da Faculdade de Medicina tornasse os alunos de ontem, melhores profissionais que as parteiras, pouco importando o tempo de prática e experiência que elas tivessem acumulado (SOUZA, 1998: 69-70).

Maria Lucia Mott chama a atenção para uma questão que poderia estar por trás desta imagem negativa da parteira. No século XIX, a crença de que a mulher possuía uma natureza que biologicamente a excluiria de uma série de atividades, estava bem difundida. Em decorrência disso, a mulher estaria condicionada à maternidade e ao ambiente privado. Entretanto, não podemos nos esquecer do fato de que como homens de seu tempo, aqueles médicos expressavam suas visões sobre as mulheres fundamentados em suas crenças, e visões de mundo, etc. Por isso, assim como afirma Daniel Oliveira:

(...) a medicina de que se debruçava sobre as mulheres, naquele período, não se resumia e não tinha como principal intuito realizar estudos de caráter preconceituoso, moralista e disciplinador, sobre as mulheres. Na maior parte das vezes (...), tais aspectos, não criados pela ciência médica, encontravam-se inseridos e pulverizados nas pesquisas sobre os problemas que mais preocupavam a medicina da mulher naquele período (OLIVEIRA, 2012: 130).

Apesar da imagem negativa atribuída às parteiras, muito difundida na literatura médica do século XIX, a maioria das mulheres do período optava pelo atendimento feito por parteiras. O médico era chamado apenas para partos considerados difíceis e, em alguns casos, quando se dava a preferência pelo médico, mesmo assim a parteira o acompanhava. Maria Lucia Mott ainda afirmou que muitas dessas parteiras eram chamadas de *comadres*, justamente por serem as primeiras a levarem as crianças a serem batizadas. Para a autora, isto demonstraria “a afetividade, o carinho e a confiança que as parturientes tinham por quem lhes assistia o parto” (OLIVEIRA, 2012: 36) e, além disso, seria sinônimo de prestígio e reconhecimento profissional.

Por isso, a presença das parteiras era muito frequente na vida das mulheres do século XIX, o que nos faz entender melhor as considerações apresentadas por Pires de Almeida.

De acordo com Helber Medeiros, Diana Carvalho, e Luiz Tura, esse cenário, no qual as mulheres preferiam o atendimento por parteiras ao invés dos médicos, só começou a ser modificado na década de 1870, em virtude da intensificação do discurso médico presente em livros, periódicos para o grande público, e conferências, como as Conferências da Glória, discutindo temas relacionados à higiene e à puericultura, por exemplo. Para entrar na cena do parto, os médicos empenhavam-se em dissociar a imagem da sexualidade do nascimento e da maternidade, o que teria sido, segundo estes autores, a condição necessária para que a atividade profissional médica não pudesse representar uma ameaça à honra das famílias (MEDEIROS; CARVALHO; TURA, 2018).

Após suas considerações sobre a presença das “comadres” nos partos, Pires de Almeida prosseguiu, em sua obra, apresentando os conselhos e modos de viver para a mulher pejada. A primeira indicação que o médico fez foi sobre a qualidade do ar ao qual a mulher grávida poderia estar exposta. Em lugares cuja atmosfera não reunisse as devidas condições de pureza, por exemplo, Pires de Almeida afirmava que isso poderia causar abortos e nascimentos de crianças raquíticas e deformes. A mulher pejada também deveria evitar estar em lugares úmidos e mal arejados.

Outra observação feita por Pires de Almeida foi em relação à altura em que deveria estar a residência da mulher pejada, a qual não poderia ser acima do nível do mar, pois em tal condição poderia ser ativada a circulação do sangue da mulher e prejudicar a nutrição do feto. Pires de Almeida não indicava a residência em tais locais, e entendia que estes poderiam ser lugares apenas para realizar passeios e excursões. Entre os exemplos de lugares interessantes para mulheres grávidas, Pires de Almeida indicou Petrópolis como um local que serviria para moradia, e Teresópolis como uma região que serviria para passeios. Entre os lugares considerados como impróprios para a mulher pejada, Pires de Almeida referiu-se aos lugares pantanosos, pois estes poderiam causar febres intermitentes, que poderiam ser transmitidas ao feto.

As mudanças bruscas de temperatura também deveriam ser evitadas pela mulher pejada. No inverno, a mulher deveria evitar sair à rua quando o tempo estivesse ameaçando chuva. No caso de a mulher, por algum motivo quisesse sair em dias frios, precisaria cobrir, principalmente, pés, peito, costas, pescoço e ventre.

No verão, em dias muito quentes, não era aconselhável despir-se ao chegar em casa após um passeio, e procurar um ponto da casa para se refrescar, pois isto poderia causar catarros, reumatismos, resfriamento repentino no feto, hemorragias, congestões intensas e abortos. A mulher também não poderia, depois de uma noite de sono, colocar os pés diretamente no chão, pois também esta ação poderia ocasionar estes mesmos problemas. Da mesma forma, a pejada teria que evitar lugares com grande aglomeração de pessoas, como as festividades na igreja e os espetáculos teatrais.

Dando continuidade aos conselhos, Pires de Almeida tratou, igualmente, da vestimenta da mulher pejada:

No estado de gestação, a mulher deve sacrificar todos os caprichos da moda, á conservação de sua saúde e da do filho. Este princípio é absoluto. Nem o receio de passar por baldo de gosto, nem as exigências da alta sociedade, e muito menos as chamadas leis do bom tom, poderão legitimar o uso de certos accessorios e enfeites, ou o feitio especial de vestuários que mais ou menos directamente embaraçam o desenvolvimento do feto, ou alteram as formas da mãe, sobretudo em órgãos ou regiões destinadas a desempenhar importante papel na physiologia da geração.

A mãe pertence n'essas occasiões a si e ao filho, - nada tem que ver com a moda nem com o bom tom; basta-lhe ser escrava de ambos a maior parte de sua vida; sacuda o seu jugo ao menos durante esse período, relativamente curto, porém muito importante, em o qual as menores particularidades de sua existência, os pormenores mais insignificantes devem caminhar pura e exclusivamente de maneira a facilitar o termo feliz do trabalho maravilhoso que se está realizando dentro do seu organismo¹⁴².

A principal recomendação de Pires de Almeida era de que o vestuário das mulheres pejadas deveria ser composto por roupas largas e folgadas, para que não comprimissem o ventre e os seios. Neste ponto, Pires de Almeida tratou de um aspecto que interessava todas as mulheres que sabiam ler e escrever, especialmente as mais abastadas, que era o tema da moda.

Autoras como Dulcília Buitoni argumentam que não há como falar de uma imprensa feminina no século XIX sem se atentar ao assunto da moda e da literatura. Muitos periódicos utilizavam como estratégia, para atrair mais leitoras, a inclusão destes assuntos em suas seções (BUITONI, 1986). O caso do *Jornal das Senhoras*, estudado por Everton Barbosa é um exemplo disso. O local de venda desse jornal era um espaço de grande fluxo feminino, a Rua do Ouvidor, estrategicamente escolhido pelas redatoras do jornal (BARBOSA, 2018). Outra maneira que o jornal utilizava para atrair a atenção

¹⁴² *Ibidem*, p. 55-56.

do público feminino era a inclusão gratuita de uma peça de estampas de modas ou moldes de bordados semanais vindos da França. Neste contexto, assim como afirma o autor, “trazer à luz o universo feminino da moda europeia” para o jornal era uma forma de atualizar suas assinantes sobre o que havia de mais moderno para o período, “bem como informá-las e formá-las conforme os costumes considerados de bom-tom” (BUIIONI, 1986: 195).

A moda, no século XIX, alcançou um lugar de destaque na vida de muitas mulheres. Estava presente em periódicos como o *Jornal das Senhoras*, *A Estação*, o *Jornal das Famílias*, entre outros. Como reitera Maria Helena Camara Bastos, a preocupação com a moda era uma manifestação das modificações que ocorriam com a presença da mulher na sociedade. Ela passou a frequentar outros lugares para além do ambiente privado, como o teatro, óperas, bailes, saraus literários (BASTOS, 2002).

Pires de Almeida, ainda tratando do assunto do vestuário, apresentou várias observações sobre o uso do espartilho. Entendia que esta era uma peça do vestuário feminino que causava muitos problemas para o corpo, e que interferia em etapas importantes da gestação, como a preparação dos seios para o aleitamento:

Os seios eram tão fortemente comprimidos, que chegava a perder o bico, e – em alguns casos – a atrofiar a glândula; as falsas costellas, e até mesmo as ultimas verdadeiras, soffriam não menor compressão com o fim de apurar o talhe. E, quando a moda o exigia, reduzia-se a cintura á inverossimel delgadeza de ser abarcada com as duas mãos, sem se reflectir que órgãos tão importantes como o estomago, fígado e baço soffriam n’esse estado tal aperto que quasi embarçava-os de funcionar¹⁴³.

Pires de Almeida, baseado em sua autoridade médico-científica, sugeriu que o espartilho, ao menos no período de gravidez, deveria ser banido do vestuário da gestante, por prejudicar os seios e o ventre.

A discussão sobre o aleitamento ganhou amplitude no século XIX e fez com que muitos médicos discorressem sobre o tema. Amamentar o próprio filho ao invés de recorrer a uma ama de leite, era uma questão presente nas páginas dos livros e dos jornais e revistas voltados ao grande público. Amamentar tornou-se um ato de amor e de responsabilidade. A ‘verdadeira mãe’ deveria amamentar seu filho. Partindo desta maneira de pensar, Pires de Almeida deu algumas indicações de como a mulher deveria preparar os seios para a amamentação:

¹⁴³ *Ibidem*, p. 66.

Como meio que contribue para favorecer o desenvolvimento dos seios e dar-lhes condições próprias para o aleitamento, aconselha-se o uso – durante a prenhez – das *biqueiras*, espécie de cone chapeleta de diversas substancias, que preservam o seio da pressão da roupa, e facilitam a saída do bico.

(...)

Nas primiparas o bico do seio esta as vezes occulto; n’esse caso o melhor meio para facilitar-lhe a saída é a sucção moderada de todos os dias, quer pelo próprio marido, quer por um cachorrinho de mama; ou mesmo empregando uma pequena bomba, cujo tubo se adapte á extremidade perfurada de uma biqueira

Insisto, contudo, em aconselhar ás senhoras que não abusem destes meios, ao quaes – alem de tudo – poucas vezes são realmente necessários: a natureza tem mil recursos para corrigir essas pequenas faltas, e todos os dias vemos mulheres que chegam ao termo da gestação sem vestígios sequer do bico do peito, e – não obstante – basta o primeiro sugar da criança para fazêl-o apparecer como por encanto.¹⁴⁴

Pires de Almeida expôs sua preferência pela amamentação natural, de modo que a mulher só deveria recorrer a outros mecanismos para estimular a saída do leite nos casos em que realmente houvesse necessidade.

Para a medicina do século XIX, era imprescindível que a própria mãe amamentasse o filho, pois os estudos médicos da época apontavam que uma das maiores causas de mortalidade infantil era a má alimentação. No âmbito dos debates, no período, de intelectuais, inclusive médicos, sobre pátria e nação, os temas referentes à população e à mortalidade estiveram à tona. Entre estes, a amamentação e a maternidade foi um dos principais. A mãe passou a ocupar outro patamar em decorrência de seu papel ao criar e educar os futuros cidadãos da pátria. Por isso, neste contexto, afirma Karoline Carula, a amamentação tornou-se um ‘assunto de Estado’, pois o aleitamento contribuía de maneira positiva para a imagem de um país civilizado (CARULA, 2012).

O jornal estudado por Karoline Carula, *A Mãe de Família*, é um bom exemplo de como essa discussão sobre a amamentação estava sendo tratada em um periódico cujo público alvo eram as próprias mulheres. Este jornal tinha como principal objetivo fazer com que as mulheres se tornassem ‘verdadeiras’ mães de família. De acordo com seu principal redator, Carlos Costa, as mulheres estavam muito ocupadas se preocupando com sua aparência e esquecendo-se de seu principal dever, que era o de ser mãe. Diversos artigos do jornal demonstravam como, principalmente, a questão do

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 69 e 71.

aleitamento, era considerada como uma das principais ações da mãe, que deveria estar disposta a dar o seio para o filho.

Outra recomendação de Pires de Almeida foi com relação aos banhos. Segundo o médico, o hábito de banhar-se todos os dias era recomendável para as mulheres pejudadas. Porém, deveriam ser verificadas as condições do banho:

A mulher que tem o habito de lavar-se todos os dias, quer tomando banhos geraes mornos ou tépidos, quer fazendo abluções frias em todo o corpo ao levantar-se, pode continual-os sem inconveniente todas as vezes que se achar grávida. Os banhos mornos, que entre nos teem indisputáveis vantagens sobre qualquer outro, quanto á saúde e limpeza da pelle, dão magníficos resultados nas senhoras irritáveis e nervosas, sendo alem disso o melhor meio de combater as cólicas e os espasmos que tanto as affligem no começo da gestação. Os banhos frios, que se vão generalizando, não lhes negamos utilidade por preservar a pelle da impressão dos agentes atmosphericos, podendo por esse motivo também serem usados quando a pejada já esteja affeita a elles; porem, seria um tanto perigoso experimentar esses banhos e procurar habituar-se a elles uma senhora que nunca os tiver usado, porque a violenta impressão que produz o contacto da água fria pode actuar energicamente sobre o útero, ocasionar certos incommodos, e até – sendo a impressão muito forte – a ameaça de aborto¹⁴⁵.

As mulheres pejudadas deveriam se atentar para as condições de temperatura da água na hora do banho. O banho morno serviria para relaxar, ao mesmo tempo em que traria benefícios para problemas congestivos, Mas, ressaltava, deveriam tomar banho morno somente no primeiro e no último mês de gestação, no primeiro, para diminuir excitações nervosas, e no último, para facilitar o afrouxamento dos tecidos e estimular a dilatação. O tempo desse banho deveria ser calculado entre 20 a 25 minutos.

Pires de Almeida também se posicionou em relação aos banhos de mar. De acordo com sua opinião, os banhos de mar poderiam acarretar perigos físicos e emocionais para a mulher pejudada. O banho propriamente era prejudicial à saúde, porém, a força das ondas que impactariam no corpo da mulher pejudada poderia provocar medo e fortes emoções. Por estas razões, a mulher pejudada deveria evitar os banhos de mar.

A alimentação na gravidez foi outro ponto analisado por Pires de Almeida. Entendia que não havia necessidade de a mulher pejudada modificar completamente a sua maneira de alimentar-se, devendo apenas optar por alimentos leves, como frutas e verduras:

A regra geral a estabelecer para as pejudadas, é que não alterem o seu regimen commum, senão quando forçadas por estados especiaes. Fora

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 74-75.

desta emergência, a mulher pode continuar a alimentar-se como de costume, usando igualmente das mesmas bebidas, sem receio que disso lhe venha embaraço á marcha da gestação. Comtudo, n'um tratado de hygiene digno de todos os respeitos, aprendi que os alimentos para a pejada devem ser leves, pouco temperados e de fácil digestão, sendo-lhe de rigor e sobriedade nos primeiros mezes¹⁴⁶.

Por mais de uma vez, Pires de Almeida enfatizou sobre a necessidade da mulher pejada não modificar totalmente seus hábitos alimentares, pois isto a prejudicaria e poderia causar perturbações no organismo. Pires de Almeida, igualmente, aconselhou sobre alguns costumes que eram comuns na época. De acordo com o médico, acreditava-se que as mulheres pejadas deveriam comer por duas pessoas, na medida em que também teriam de alimentar o filho. A esta ideia, Pires de Almeida contrapunha afirmando que o feto não se mantinha dos alimentos ingeridos pela mãe, e que esta não precisava cometer excessos para proporcionar ao filho a conveniente nutrição.

Pires de Almeida, fundamentando em seu conhecimento médico, estava, buscando desmitificar uma tradição popular, que era encarada como um conhecimento verdadeiro por parte da população naquela época. O que estamos sugerindo é que, por meio do “Guia da mulher pejada”, a ciência, o conhecimento científico reconhecido pelos médicos da época, estava adentrando a muitos lares brasileiros e talvez modificando costumes, que há muito estavam enraizados no cotidiano da maior parte dos brasileiros.

Entre as frutas recomendadas para as mulheres pejadas, Pires de Almeida listou as seguintes:

Por emquanto, limitemo-nos a aconselhar toda e qualquer fructa bem madura. A laranja, a lima, o limão doce, a manga, o pecêgo, o figo; a melancia e o melão mesmos, guardadas certas cautelas; a fructa de conde, o sapoty; a banana maçã. A goiaba e o araçá têm o inconveniente de prender o ventre. O ananaz, o abacaxy, a uva, o tamarindo e a carambola, o caju, o jambo amarello, o maracujá, o cambucá, etc, e entre as que nos chegam da Europa e das províncias e Repúblicas do sul, a maçã, o marmelo, a pêra, o damasco, etc, podem ser todas comidas sem receio, desde que a mulher faça-o na época própria, e comedidamente¹⁴⁷.

Ainda tratando do tema da alimentação, Pires de Almeida apresentou restrições ao consumo do café com leite entre os hábitos alimentares das mulheres grávidas:

O café com leite deve ser banido da alimentação das pejadas. Ainda que o diga de passagem, não trepidem em aceitar o conselho. O seo

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 81.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 88.

uso favorece inflamações do útero, predispondo-o a corrimentos sempre incommodos e difíceis de debellar¹⁴⁸.

Pires de Almeida, ao referir-se às bebidas que a mulher pejada poderia ingerir, não fez restrição a nenhuma, nem mesmo as alcoólicas, mas fez algumas considerações em relação ao café:

As bebidas, pela quasei nem uma restrição, pouco preocupam o higienista em relação á pejada.

A condição única imposta nestes casos ao uso das bebidas, é a mesma que no estado normal: o excesso.

Nesta, porem, mais do que em qualquer outra, os tristes resultados são transcendentés.

O uso ordinário e regular de toda e qualquer bebida não pode, pois, ser prohibido, mormente quando a mulher tem o habito contrahido, e sabe até que ponto pode ingeril-a sem transtorno.

Não baniremos, portanto, as bebidas alcoólicas; nem as aromáticas, entre as quaes se conta o café, que de alguns autores tem recebido o mais absoluto anathema.

A prática tem demonstrado que o café – de manifestas vantagens para a nutrição e digestão – é perfeitamente tolerado pelas pejudas que teem o habito de tomal-o diariamente, ao passo que seu organismo resente-se immensamente quando procuram supprimir esse habito¹⁴⁹.

Ainda que Pires de Almeida não tenha condenado o consumo do café, apresentou algumas ressalvas, explicando que seu consumo deveria ser moderado e a infusão precisaria ser fraca e bem adoçada. Sob o ponto de vista do médico, o café era uma bebida proveitosa para as pejudas porque proporcionaria satisfação e alegria, provenientes do bem-estar transmitido ao sistema nervoso.

Segundo o médico Pires de Almeida, os alimentos gelados, como os sorvetes, poderiam ser ingeridos pelas mulheres pejudas sem nenhum risco à saúde. A única observação que fazia era o cuidado que se deveria ter com relação à temperatura do corpo. Não seria prudente uma mulher pejada ingerir gelados se estivesse suada:

Ainda outra questão. As senhoras grávidas podem tomar *gelados*?

Hoje, que o consumo do gelo tocou o seu auge, poucas senhoras se encontrarão que não gostem delle; tanto mais quanto, pela delicadeza de suas combinações com diversas outras substancias, excitam o capricho e o desejo, e – por outra parte -, além do gosto, o habito, sobretudo na corte, onde faz-se dos gelados e dos sorvetes, um pretexto para copiosos luchs.

Pode esse gosto ser prejudicial á marcha da gestação, a ponto de obrigar a mulher á suspendel-o emquanto pejada? Há médicos que opinam pela afirmativa, sendo muito commum vê-los prohibir ás suas clientes o uso de gelados.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 91.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 92-93.

Por minha parte, fundado sempre na própria experiência, nunca vi máos resultados de tal uso, quando não se commette a indiscrição de ingeril-os com o corpo suado; razão pela qual, desde que não hajam motivos especiaes que me obriguem a proceder em contrario, deixo-as na mais completa liberdade de escolha, e – o que é mais ainda – aconselho essas bebidas muitas vezes, principalmente quando as pejudas apresentam tendências ao vomito¹⁵⁰.

Os exercícios físicos foram aconselhados para as pejudas. Ao tratar deste tema, Pires de Almeida descreveu alguns costumes das moças da época, conforme a classe social. Para o médico, o grau de ociosidade aumentava de acordo com a posição social da família:

A família da classe operária bem retribuída, cujas filhas receberam uma educação regular, representa o primeiro grão. Ordinariamente passam a semana a coser na machina, para só sahirem ao domingo, á tarde, empregando nesse honesto passeio duas ou trez horas.

A classe média dá já ás suas filhas uma educação mais elevada; o que não obsta que ellas – de ordinário – saiam do collegio com o organismo viciado, nada lucrando com a mudança de habitação porque apenas trocam de logar, sendo d’ahi em diante, em vez da escola, a casa paterna que as retém encarceradas. Pouco sahem á rua. A tardinha, exhibem-se á janella. O theatro é o seu único, e ainda assim, raro divertimento.

Em grão mais elevado estão as famílias dos altos funcionarios e commerciantes. As moças sahem ás compras; porém, além do passeio ser ás horas mais quentes do dia, gastam todo esse tempo nos armarinhos, nas lojas da modista, e outros logares não menos abafados que a casa em que moram.

Quando voltam, é sempre ás carreiras para tomar o bond, receiosas de que o papai se zangue não vendo-as á mesa do jantar. Taes passeios não aproveitam, pois á fadiga - que não é pequena – accresce sempre uma botina apertada, o colchete do collête vergado sobre o ventre, ou o grampo que ameaçava deixar cahir o crescente.

Depois dessas estão as famílias que têm carro: as dos capitalistas. Quer isto dizer que não existem circumstancias forçadas que retenham as moças em casa; sahem todas as vezes que lhes apraz, porém perfeitamente acondicionadas e abafadas pelos estofos do carrinho; têm medo de pisar no chão, e - como flor de estufa -, apenas recebem o sol amortecido atravez das vidraças. Sahem á rua, mas não passeam; isto é: não fazem exercício algum muscular.

Nem ao menos podemos excluir da fatal regra as moças da roça. Sem visinhos, sempre em família, em contacto muitas vezes com indivíduos de condição inferior, para quem não há guardar cerimônias, parece que deviam viver desafogadas, no campo, no terreiro, no pomar, em toda a parte – em summa – menos no interior da casa.

Mas, assim não acontece: como as demais, ellas desbotam por falta do calor que alenta e vivifica!¹⁵¹

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 95.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 96-98.

Pires de Almeida afirmou que, por conta dos costumes adquiridos desde a infância, as brasileiras, independente da classe social, eram educadas avessas a exercícios físicos. Este hábito era considerado nocivo para as mulheres pejadas, pois se entendia que acarretava uma série de problemas ao desenvolvimento da gestação. Pires de Almeida, por sua vez, procurou defender a ideia de que o Rio de Janeiro era um lugar apropriado para que as mulheres grávidas realizassem caminhadas, dada sua extensa vegetação. Aquele modo de viver, que entendia que as mulheres deveriam permanecer a maior parte do tempo no interior das casas, fez com que Pires de Almeida declarasse que, “a educação egoísta do brasileiro exige da mulher até o sacrificio da própria saúde”¹⁵².

Por outro lado, Pires de Almeida, fez restrições à prática de montar a cavalo, e a sair de carro, para as gestantes:

A pejada não pode montar á cavallo, nem deve sahir de carro. Vê-se logo que o primeiro conselho é em absoluto; o segundo tem suas excepções, pois é elle sempre tolerável quando o carro é de boas molas e commodo, não caminhe com muita velocidade, e roda por lugares planos, arenosos, ou pelo menos bem calçados, de modo a não produzir abalos, como se dá geralmente por melhor que seja o vehiculo, nas ruas das nossas principaes cidades, e mesmo nas da Corte, offerecendo por essa razão péssimas condições sob o ponto de vista da segurança e commodidade das pejadas¹⁵³.

De acordo com Pires de Almeida, esses conselhos deveriam ser fortemente considerados pela mulher pejada, pois a sua não observância poderia ocasionar abortos, principalmente nos primeiros meses de gestação.

Questões relacionadas ao estado emocional das gestantes também foram objeto de seus conselhos:

O MORAL das pejadas merece particular atenção dos higienistas. Se já é um dever da mulher – no estado normal – evitar as emoções fortes e não deixar-se arrastar por paixões violentas, sobe de ponto esse dever durante o período da gestação, em que nada se dá na mulher que não influa mais ou menos directamente sobre o innocentinho que traz no ventre.

(...)

Todos os dias observamos factos d’esta ordem, e a ninguém surpreende – por exemplo – que uma senhora pejada de alguns mezes, aborte pouco tempo depois de experimentar um grande susto, ou receber a noticia do fallecimento de pessoa estremecida, e ainda ao saber que outra mulher, que achava-se nos últimos mezes de gravidez, fora accometida de violenta convulsão impressionada por uma má noticia, e que se acha muito mal por succederem-se os ataques, após os quases

¹⁵² *Ibidem*, p. 102.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 105-106.

dera á luz uma criança morta, achando-se igualmente em perigo de vida.

(...)

Fundada n'estas assustadoras consequências, a hygiene estabeleceu como principio indiscutível que a pejada evitará tudo quanto possa excitar-lhe qualquer das mencionadas emoções. Ella não deve, portanto, expor-se á agitação violenta que resulta do susto, das surpresas, das alegrias delirantes, dos desgostos; e – para prevenir tudo isto – cumpre-lhe fugir ás suas causas¹⁵⁴.

Para evitar o surgimento de emoções que pudessem prejudicar o deenvolvimento da gestação, a mulher pejada deveria evitar festas, bailes, divertimentos. Da mesma maneira, deveria esquivar-se de discussões e emoções fortes. Estas recomendações tinham como interesse primeiro o feto, pois segundo Pires de Almeida, qualquer coisa que ocorresse com a mãe poderia prejudicar o feto.

Pires de Almeida também procurou, no “Guia da Mulher Pejada”, apresentar conselhos para o marido, pois mesmo que a obra não tivesse sido escrita especificamente para ele, entendia que ele “lerá estas modestas paginas, tomo a liberdade de dirigir-me á sua consciência dando-lhe alguns conselhos, que constituem parte importante da hygiene moral da pejada”¹⁵⁵.

Neste sentido, Pires de Almeida apresentou seus conselhos ao marido, lembrando-o de que era por meio da mulher que o homem tinha o seu nome perpetuado, e, que esta, por conta de sua fragilidade, sempre careceria de apoio e proteção, o que aumentava a responsabilidade do esposo em relação à mulher. Portanto, ao marido caberia acompanhar a mulher pejada em passeios, ouvi-la sempre que esta necessitasse, afastar da presença da mulher as pessoas que pudessem causar algum mal, apartá-la da presença em hospitais, cemitérios, e enterros, e afastá-la de brigas, dos embriagados, das vítimas de desastres, dos pedintes aleijados, dos mutilados ou de cobertos de chagas. Todas essas ações caberiam ao marido, pois:

O marido é sempre o melhor tutor e conselheiro da sua companheira; se – em algumas ocasiões – pode prescindir de tão melindrosa missão, não será por certo durante a gravidez; a mulher; dissemol-a já, é uma criança grande; considerando-a no seu estado interessante e em relação ao marido, é mais ainda a creança perdida de mimos, cheia de exigências, a quem se deve fazer todas as vontades, desde que não prejudiquem o exercido dos meios que a guiam pelo bom caminho, sob os salutaes conselhos daquelle a quem – principalmente – compete vellar por ella¹⁵⁶.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 108-112.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 115.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.117-118.

A preocupação de Pires de Almeida para com o moral da mulher pejada, decorria da compreensão de que todos os sentimentos e emoções da mulher pejada, poderiam passar ao feto, e posteriormente influenciar na formação do caráter da criança.

Outro tema abordado por Pires de Almeida foi referente às relações conjugais. Embora a medicina da época não fosse unânime em afirmar que as relações sexuais pudessem prejudicar o andamento da gestação, Pires de Almeida defendeu a ideia de que os atos conjugais deveriam ser evitados, pelo menos, nos dois primeiros meses e no final da gestação.

Pires de Almeida, baseado em sua autoridade médica-científica, afirmou que os desejos mulher pejada não teriam influência sobre o desenvolvimento do feto:

A crença de que, se a mulher grávida deseja alguma cousa e lh'a negam, a criança sahirá com a imagem do objecto desejado gravada na testa, ou que – pensando em certos objectos – pode a criança tomar-lhes a forma, e d'ahi resultar um monstro, tudo isso não passa de tradicionarios preconceitos combatidos em todos os tempos pelo bom critério e hoje completamente repellidos pela sciencia¹⁵⁷.

O único inconveniente que poderia causar o não cumprimento de um desejo da mulher pejada era relativo aos sentimentos da mulher, como tristeza, desgosto, cólera. Como as emoções poderiam influir no moral da mulher, e prejudicar o andamento da gestação, Pires de Almeida aconselhou que os desejos da mulher pejada não fossem negados. A única ressalva que Pires de Almeida fez foi para com os desejos que pudessem prejudicar a saúde da mulher e do feto, como a vontade de comer gesso, terra, sal e outras substâncias nocivas. No caso de uma mulher pejada não conseguir resistir a esses tipos de desejos, Pires de Almeida indicava que:

Estamos convencidos de que na maioria das vezes em que as famílias se esforçam para distrahir a imaginação de uma esposa ou filha presa dos taes desejos, conseguir-se-hia resultados mais felizes si se lhe fallase a linguagem franca e convincente da sciencia, porque a mulher é por natureza dócil: a verdade penetra-lhe tão facilmente o espírito como abre seo coração espontaneamente á todos os sentimentos delicados, de modo que – nos dirigindo ao mesmo tempo á intelligencia e ao coração – é impossivel não obter o que pretendemos¹⁵⁸.

De acordo com Pires de Almeida, a própria natureza da mulher lhe conferia uma inclinação para a docilidade, o que a tornava mais aberta à verdade, à argumentação

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 130.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 141.

com base nos conhecimentos científicos. E desta forma, conseguiria resistir mais facilmente aos desejos nocivos.

Nesta primeira parte de sua obra, Pires de Almeida tratou de diversos assuntos referentes à saúde da mulher, tais como, o ar e como as mulheres pejadas deveriam evitar locais com pouca ventilação ou ar viciado; a vestimenta considerada cientificamente correta para ser usada durante a gravidez, de modo que evitasse problemas ao feto; os diferentes tipos de banhos e os que a mulher pejada deveria escolher, como o banho morno que seria o mais adequado; o cuidado com a alimentação; a necessidade das mulheres pejadas se exercitarem durante a gravidez, realizando caminhadas em locais com boa ventilação; questões relacionadas ao moral da mulher pejada e o cuidado com os locais frequentados para evitarem-se emoções fortes que poderiam acarretar em consequências, como abortos; e, por último, os desejos ou caprichos da mulher grávida. Em relação aos dois últimos pontos, Pires de Almeida incluiu a figura do esposo na narrativa, dando conselhos também para ele, de forma a promover um bom desenvolvimento da gestação.

Pires de Almeida concluiu essa parte do livro reiterando seu desejo de que a leitura daquela obra pudesse promover uma aliança entre o médico e a mãe: o primeiro, com a ciência, a segunda, com o amor e cuidado, e ambos trabalhando em razão da criança, considerada como futuro cidadão:

Tudo quanto neste sentido pudermos alcançar empregando, nós a convicção, e ellas a vontade bem dirigida, será de proveito real: a gestação caminhará com regularidade; serão menores os incidentes; o parto em dia próprio; vindo, finalmente, á luz uma criança com todas as garantias de saúde que pôde ambicionar por um lado – a sciencia –, por outro, o amor materno¹⁵⁹.

3.4.5. Moléstias da mulher pejada

Na segunda parte da obra, intitulada de “Molestias da mulher pejada”, Pires de Almeida procurou tratar das moléstias que poderiam ocorrer ao longo desenvolvimento da gestação, e de como a mulher pejada deveria proceder diante das situações. Entre os conselhos iniciais, aconselhou que se evitasse os remédios caseiros, pois somente “á sciencia compete resolver”¹⁶⁰.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 145.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 147.

Embora Pires de Almeida tenha buscado sugerir algumas formas de combater certas moléstias, considerava como o meio mais eficaz se prevenir destes problemas:

Cumpre não deslembrar que a observância de uma boa hygiene, nos termos em que a exposemos na primeira parte deste livro, é o meio mais efficaz para prevenir muitas indisposições, e até mesmo moléstias, sobretudo nas senhoras que habitam os grandes centros, as quaes – por sua constituição excessivamente débil, seos hábitos sedentários, e falta de boas condições no ar respirável – estão mais propensas a toda casta de desordens funcionais¹⁶¹.

Entre as principais moléstias que poderiam surgir durante a gravidez, Pires de Almeida listou as seguintes:

(...) os vômitos e as náuseas, o ptyalismo ou salivação, a gastralgia, a anorexia, a diarrhéa, cólicas e a prisão do ventre; hemorroidas, edema ou inchação das extremidades inferiores, a oppressão do peito, dores nos seios, vertigens e desmaios, câimbras, e vários outros estados que se referem, uns ao systema circulatório, outros ao nervoso¹⁶².

Pires de Almeida, usando uma linguagem simples e uma narrativa didática, começou a tratar das moléstias da mulher pejada, tratando inicialmente dos vômitos e das náuseas. Neste sentido, comentou sobre a época da gestação em que tais moléstias podiam aparecer, os horários ao longo do dia e o período em que cessavam:

Não se apresenta com igual frequência em todo e qualquer período da gravidez a perturbação de que estamos tratando; geralmente apparece logo a principio, e – em umas, quase immediatamente depois da concepção, - em outras, no segundo mez, sendo muito commum sobrevir no principio do segundo mez, isto é, coincidindo com a primeira falta de menstruação; subsistem em seguida até o terceiro e quarto para cessar então e deixar tranquilla a pejada até os trez últimos mezes, em cuja época tornam – as mais das vezes – apresentar-se com insistência. Durante os trez primeiros mezes predominam as simples náuseas e os vômitos biliosos que se apresentam pela manhã, ou quando a mulher passa muito tempo sem comer; no fim da prenhez, inversamente, os vômitos costumam a ser de substancias ingeridas no estômago, parecendo indicar que a causa que os produz n'uma e n'outra época não é a mesma¹⁶³.

Pires de Almeida aconselhou quanto às formas de se proceder para combater os vômitos. Entre essas estava o uso dos antiespamódicos, como o xarope de flor de laranjeira. Outro conselho seria a mulher pejada evitar tomar bebidas aromáticas, como o chá da índia, macela, louro, erva doce, cidreira, tília, que poderiam causar uma

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 150.

¹⁶² *Ibidem*, p. 151.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 154-155.

“relaxação do estômago” e favorecer os vômitos¹⁶⁴. Pires de Almeida indicou, igualmente, o uso de gelo para evitar os vômitos, sugerindo à mulher pejada o consumo de sorvete ou o gelo em pedaços após as refeições. Os passeios na a roça também foram sugeridos como um meio de evitar este problema, pois os passeios ao ar livre facilitariam os movimentos viscerais e tornariam os órgãos mais tolerantes.

Para os casos de vômitos persistentes, que poderiam acarretar em graves problemas para a saúde da mulher e do feto, Pires de Almeida indicou algumas receitas que a própria mulher poderia fazê-las em casa, como se pode observar na seguinte imagem:

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 158.

POÇÃO DE LAEN

Carbonato de cal.	2.0
Xarope de limão.	30.0
Licôr de Hoffmann	12 gottas.
Laudano de Sydenhan. . . .	18 gottas.
Agoa de hortelã	30.0
Agoa de melissa	100.0

A's colheres de sôpa.

MISTURA ANTI-VOMITIVA, DE ENLEMBERG

Tintura de iodo	1.0
Alcool rectificado	12.0

Misture.— 3 gottas, várias vezes ao dia, n'uma colher de infusão aromatica.

POÇÃO ANTI-VOMITIVA

Tintura de iodo.	10 gottas.
Agoa distillada	100.0
Xarope de cascas de laranja amarga.	30.0

Misture. A's colhereres de chá; e mesmo ás colheres de sôpa, nos casos mais rebeldes.

SOLUÇÃO ANTI-VOMITIVA

Iodureto de potassio.	1.0
Agoa distillada	125.0

Duas colheres de sôpa por dia, de manhã e á tarde.

Magnesia calcinada	5 decigram.
Assucar branco	1 gram.

M.— Para um papel. 3 a 6 papeis destes ao dia.

Figura 3 Receitas de medicamentos - Fonte: ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada*. [1884]. p. 163.

Além de Pires de Almeida, outros dois médicos, José de Góes, responsável por apresentar o tratamento dosimétrico, e Antonio de Castro Lopes (1827-1901), pelo

tratamento homeopático, contribuiriam na elaboração das receitas que integraram esta parte da “Guia da mulher pejada”.

Para o tratamento dosimétrico das náuseas e vômitos, José de Goes recomendou as receitas de acordo com as variedades de vômitos, as quais foram classificadas da seguinte forma: ‘náuseas’, ‘vômitos simples’, ‘vômitos de matérias alimentícias’, ‘vômitos incoercíveis’, ‘vômitos de sangue’, ‘vômitos por compressão, etc’.

No caso dos vômitos incoercíveis, por exemplo, a mulher pejada deveria ingerir as seguintes substâncias:

Grânulos de hyosciamina;
Grânulos de chlorydrato, ou bromhydrato ou iodhydrato de morphina, um de cada um dos dois, simultaneamente, de meia em meia hora, de hora em hora, de 2 em 2 horas, conforme a intensidade dos vômitos.
Si não cederem com estes medicamentos, a doente deve usar:
Grânulos de cicutina;
Grânulos de atropina, um de cada um, simultaneamente, de meia em meia hora, de hora em hora, de 2 em 2 horas, conforme a gravidade do caso¹⁶⁵.

No tratamento homeopático, Antonio de Castro Lopes apresentou inicialmente os ‘esclarecimentos úteis’, indicando os intervalos de tempo aos quais a mulher pejada deveria estar atenta ao tomar o medicamento:

Os medicamentos podem ser em glóbulos, ou tinturas dynamisadas.
O numero de glóbulos deve ser de oito a dez em sessenta grammas d’ágoa pura; si forem em tintura, duas gottas para a mesma quantidade de ágoa (60 grammas).
O intervallo das applicações em casos não graves deve ser de 3 em 3 horas, ou de 4 em 4; podendo em casos, que não apresentem nenhuma gravidade, ser de 6 em 6, ou mesmo de 12 em 12 horas. Uma colher de sopa não muito grande é dose sufficiente para cada vez.
Quando hoja melhora, o intervallo de applicação deve ser espaçado; e mesmo cessar a applicação do remédio, quando haja melhora satisfactoria¹⁶⁶.

A receita indicada por Castro Lopes, para o tratamento dos vômitos, foi sucinta nas palavras, e apresentada na seguinte forma:

NAUSEAS E VÔMITOS. Qualquer destes sofrimentos pede *Ipec.*, *nux vom.*, ou *puls.*, *magnésia-muriatica*; *sépia*.
Sendo vomito de sangue, e não havendo cedido a qualquer dos medicamentos apontados, convém *carb-veg.*, *millefol.*, *china*.
Para os vômitos incoercíveis *Phosp.*, *veratrum album*, *puls*; *sépia*¹⁶⁷.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 170.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 171.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 172.

Além das náuseas e dos vômitos, Pires de Almeida expôs sobre outro problema que também afetavam as mulheres pejadas, que era a “salivação ou ptyalismo”¹⁶⁸. Embora não se tratasse de um problema grave, Pires de Almeida sugeriu que a mulher pejada tomasse algumas colheres de água aromática, como as de flores de laranjeira e de hortelã. Além disso, a mulher pejada poderia tomar uma colher de magnésia pela manhã, ou colocar na boca um pedaço de goma arábica ou de açúcar cândi.

As receitas do tratamento dosimétrico e homeopático, que haviam sido sugeridas no caso da ocorrência de náuseas e vômitos, foram também sugeridas para a ocorrência de salivação, assim como para outras moléstias.

A terceira moléstia tratada por Pires de Almeida foi a gastralgia, conforme descreveu:

A gastralgia, na qual se reduzem quasi sempre a maior parte das vulgarmente chamadas dores de estomago, fraqueza do estomago, espinhela cahida, é um dos achaques mais frequentes das pejadas. Sentemnas em todas as épocas; não obstante, á similhaça das demais affecções acima descriptas, são mais communs no principio da gestação¹⁶⁹.

Entre os males que esta moléstia poderia causar para a mulher pejada, estavam o mau humor, arrotos, bocejos, e moleza no corpo. A moléstia, quando assumia proporções maiores, poderia ocasionar arrotos ácidos, náuseas e uma sensação de ardor ou abrasamento no estômago. Uma das variedades dessas dores do estômago era a câimbra do estômago, que causava uma sensação de torção ou compressão, provocando suores e perda dos sentidos. Para o tratamento destes problemas, Pires de Almeida indicou o emprego do bismuto de Quesneville, e no caso das dores virem acompanhadas por azia e ardor, dever-se-ia consumir pequenas doses de magnésia. Para as câimbras do estômago, as mulheres pejadas deveriam ingerir as pérolas de éter, de dez em dez minutos, conforme a dor fosse diminuindo de intensidade.

Para o tratamento dosimétrico foram indicadas algumas substâncias, como os grânulos de “hyosciamina”¹⁷⁰. No tratamento homeopático, “nux-vomica”, camomila, “cocculus”, e beladona foram algumas das plantas indicadas para tratar do problema¹⁷¹.

A anorexia foi mais uma moléstia referida por Pires de Almeida. Relatou que esta moléstia se manifestava por meio da ausência de apetite, e que causava uma série

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 172.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 176.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 221.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 193.

de problemas para a saúde da mãe e do feto. Para despertar a vontade de alimentar-se, a mulher pejada deveria ingerir o xarope de quina, e algumas gotas do licor visceral de Hoffmann¹⁷². Outras sugestões era a mudança de hábitos no cotidiano da mulher pejada, que poderiam fazer o apetite reaparecer, como os exercícios ao ar livre, os passeios diários, e a permanência na roça.

Pires de Almeida descreveu outras moléstias e incômodos próprios do período da gravidez, e apresentou receitas para combater todos esses males, como a diarreia, a constipação, edema ou inchaço das extremidades inferiores, vertigens, dores nos seios, dores nas cadeiras, dores de cabeça, nevralgias, palpitações do coração, opressão do peito, tosse nervosa, insônia. Para todas as moléstias Pires de Almeida aconselhou:

Para todas ellas aconselharei ás pejadas uma só regra de conducta: melhorar o estado geral por meio de regimen adequado, alimentação reparadora, e exercício activo ao ar bastante livre para agitar a circulação¹⁷³.

Pires de Almeida concluiu o “Guia da mulher pejada” expressando sua preocupação com relação ao cuidado com as mulheres pejadas. Suas considerações se dirigiam especialmente àquelas pessoas que, na ausência de um médico, fossem cuidar das mulheres pejadas. Destacou que para que fosse possível corrigir os problemas ocorridos ao longo da gestação, e utilizar adequadamente as fórmulas descritas na segunda parte da obra, era importante atentar para alguns aspectos da mulher pejada, como a idade, temperamento, compleição, hábitos, época da gestação, coincidência ou não da moléstia com outra enfermidade. Embora as fórmulas pudessem auxiliar no tratamento das enfermidades, a melhor maneira de auxiliar a mulher pejada durante a gestação era a atenção e carinho dispensados a essa mulher:

Lembrem-se mais ainda que a mulher no estado de gestação torna-se sumamente excitável e nervosa, e que precisa sobretudo ser tratada com carinho, sollicitude e affecto; si se lhe falla a linguagem do sentimento e conquista-se sua sympathia, consegue-se sempre melhores e mais promptos resultados do que com todas as afamadas fórmulas¹⁷⁴.

¹⁷² *Ibidem*, p. 196.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 245.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 260.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da obra “Guia da mulher pejada”, do médico José Ricardo Pires de Almeida, procurou-se estudar sobre a forma pela qual o discurso médico buscou aproximar-se das mulheres. Nesse sentido, o contexto da vulgarização científica, na segunda metade do século XIX, nos permitiu pensar em Pires de Almeida como um vulgarizador das ciências, ao procurar, por meio de suas publicações, tornar o conhecimento científico mais acessível às mulheres. Neste contexto, a imprensa desempenhou um papel importante na vulgarização dos conhecimentos, como podemos perceber na análise da produção intelectual de Pires de Almeida, que foi, em grande parte, publicada em periódicos da segunda metade do século XIX.

Por meio da análise do “Guia da mulher pejada”, nos foi possível corroborar a ideia de que os manuais médicos, voltados para o público leigo, faziam parte do processo de busca de legitimação da medicina acadêmica em relação às denominadas práticas populares de cura. Esses manuais, direcionados às mulheres, buscavam ocupar um espaço no qual era possível a presença de outras mulheres, como as parteiras, ou comadres, que cuidavam da saúde das mulheres.

Maria Renilda Barreto, ao estudar a assistência ao nascimento na Bahia do século XIX, afirma que a partir do momento em que os homens passaram a estar presentes na cena do parto, começou a se desdobrar uma disputa entre os médicos e as parteiras pelo monopólio da arte de partejar (BARRETO, 2008). Nas teses dos formandos das faculdades de medicina, em artigos especializados, publicações de vulgarização das ciências, e em livros, diversos médicos teciam ferrenhas críticas às parteiras, desqualificando-as para o exercício da arte de partejar. O alvo das críticas desses médicos era, principalmente, as comadres, aquelas que praticavam as artes da cura, mas não tinham formação e autorização para tal.

Diversos autores apontaram, como Mott (1998), Rohden (2001), Martins (2004), Barreto (2008), Souza (2018), que muitas mulheres davam preferência ao atendimento realizado pelas parteiras, o que dificultava o acesso dos médicos às mulheres. Inúmeras estratégias foram utilizadas pelos médicos para fazer com que as mulheres se tornassem suas clientes. No caso de grávidas, alguns exames eram realizados na presença do marido, e ao profissional não era permitido olhar para partes do corpo feminino. Além disso, desqualificar as parteiras também foi uma estratégia da classe médica, que

buscava demarcar sua área de atuação, e conquistar espaços que, até então, eram das parteiras.

Ao estudar o “Guia da mulher pejada”, de Pires de Almeida, que era um manual de vulgarização para mulheres, estava inserido no contexto de publicações semelhantes destinadas à vulgarização dos conhecimentos, no século XIX, nos foi possível perceber que esse tipo de publicação ajudou a construir a ideia de uma maternidade científica. A historiadora norte-americana Rima D. Apple trabalha com o conceito de maternidade científica para definir uma mudança de comportamento na maneira como as mães cuidavam dos filhos. De acordo com a autora, este movimento teve início no final do século XIX e apareceu como uma corrente ideológica, e se estendeu até meados do século XX, já como um movimento organizado (APPLE, 1987).

A maternidade científica definia a mulher em termos de sua função materna, centrada na esfera doméstica e afirmava que pairava sobre a mãe a responsabilidade pela saúde dos filhos e da família. Enfatizava cada vez mais o conhecimento médico na maneira de cuidar e de educar as crianças. Isso quer dizer que, as mães deveriam utilizar-se de um conhecimento produzido pela ciência para cuidar de seus filhos. Os médicos do século XIX afirmavam que não bastava o amor materno, era necessário conhecimento para o exercício da função materno e foi a partir desta corrente de pensamento que foram sendo produzidas obras e periódicos que divulgavam conselhos higiênicos para as mães de família.

Embora o objetivo de Pires de Almeida, ao publicar seus estudos, tenha sido a saúde materna, seu principal objetivo era a criança. Como o próprio Pires de Almeida afirmou:

Ponderando mais que no ventre materno encerra-se sempre um’ a alma, uma grande intelligencia as vezes, aquella com seu immortal destino, esta com suas ardentes aspirações e faculdades capazes de imaginar novos mundos, ou remontar-se ás altas regiões da sciencia, desentranhando novos segredos, dilatando os horisontes á actividade febril das gerações que se succedem, como não julgar digna de todo o interesse a saúde da mulher, da qual dependem destinos tão nobres quanto desconhecidos?...¹⁷⁵

Tratava da saúde da gestante, pois entendia que a mulher, conseguindo estar em plena saúde, seu filho também o estaria. Dessa forma, identificamos no “Guia da mulher pejada” o interesse de Pires de Almeida em afirmar a ideia de uma maternidade que fosse orientada pelos conhecimentos científicos. Em nosso estudo, percebemos como

¹⁷⁵ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Guia da mulher pejada. Op. Cit.*, 7-8.

Pires de Almeida procurou construir seu discurso defendendo a ideia da maternidade como principal função da mulher, e buscou afirmar que era necessário que a mulher, para cuidar de seus filhos, procurasse se instruir fundamentalmente pelos preceitos científicos, e evitasse ou relegasse as chamadas práticas populares, como as das parteiras, por exemplo.

O estudo da trajetória e da produção intelectual de Pires de Almeida, de seu “Guia da mulher pejada”, e das matérias que publicou em jornais do século XIX, nos apresentou aspectos surpreendentes desse intelectual, muitos dos quais foram, até o momento, muito pouco estudados. Geralmente os trabalhos que se debruçaram sobre a trajetória de Pires de Almeida, focalizaram principalmente em seus estudos sobre a educação, ou ainda em sua obra “Higiene moral – homossexualismo (A libertinagem no Rio de Janeiro). Estudo sobre as perversões do instinto genital”, publicada em 1906.

Ao analisar o jornal *A Mãe de Família*, localizamos a publicação, em suas colunas, de capítulos da obra “Guia da mulher pejada”, entre os anos de 1881 e 1883, e de diversos artigos de Pires de Almeida. Ao realizarmos o levantamento bibliográfico para nossa pesquisa, identificamos que os estudos que analisam o periódico *A Mãe de Família*, em geral, se debruçaram sobre seu principal redator, Carlos Antonio de Paula Costa, e suas contribuições. Não localizamos nenhum estudo que apresentasse, como foco, a análise da produção dos colaboradores do periódico, como de Pires de Almeida, cujos estudos publicados em *A Mãe de Família* foram muitos.

Portanto, a partir desta dissertação, asseveramos a necessidade de a historiografia olhar os periódicos não somente com o foco nos principais redatores, mas também nos colaboradores, pois a partir deles se consegue perceber a teia de relações sociais, fundamental para a publicação do periódico, e a linha de pensamento à qual o jornal ou revista estava vinculado.

A partir da extensa colaboração de Pires de Almeida, nos periódicos *A Mãe de Família* e *A Estação*, podemos constatar a grande preocupação de Pires de Almeida para com o público feminino. Estes periódicos eram voltados principalmente para o público feminino, tendo buscado o primeiro em instruir e orientar a mulher, por meio dos conhecimentos científicos, para sua saúde e para o exercício da maternidade, e o segundo, que tinha como foco divulgar as novidades no mundo da moda, na literatura e na higiene. Dada a expressão e circulação desses periódicos, Pires de Almeida conseguiu alcançar seu objetivo, de aproximar-se do público feminino.

O “Guia da mulher pejada”, de Pires de Almeida, foi amplamente anunciado nestes periódicos e em outros de outras províncias. No jornal *A Estação*, forma muitos os anúncios até o ano de 1901.

Outro aspecto que, igualmente, pode ser considerado um indício da boa recepção da obra de Pires de Almeida foi a publicação de uma segunda edição, no ano de 1895.

Para concluir, por meio do estudo do “Guia da mulher pejada”, procuramos demonstrar como um intelectual, como José Ricardo Pires de Almeida, procurou vulgarizar os conhecimentos científicos e levá-los para as mulheres.

FONTES

- FONTES PRIMÁRIAS IMPRESSAS

- A festa dos Craneos. *Diario do Brazil*, Rio de Janeiro, anno II, n. 277, 06 de dezembro de 1882, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/225029/1708>
Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e agrícola*, Rio de Janeiro, anno II, n. 178, 20 de maio de 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/701>
Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, anno III, n. 594, 10 de julho de 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/2361> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e agrícola*. Rio de Janeiro, anno III, n. 674, 28 de setembro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/2682>
Acesso em 10 de fevereiro de 2020.
- A obra de um polygrapho. *O Paiz*, Rio de Janeiro, anno XXIX, n. 10.845, 17 de junho de 1914, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/23374
Acesso em 11 fev. 2020.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. “A hygiene no lar”. *A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 20, 31 de outubro de 1890, p. 164. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/3400> Acesso em 26 de dezembro de 2019.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A hygiene no lar. *A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIX, n. 23, 15 de dezembro de 1890, p. 110-111. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/3446> Acesso em 26 de dezembro de 2019.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A libertinagem no Rio de Janeiro perante a história, os costumes e a moral. *O Brazil-medico. Revista semanal de Medicina e Cirurgia* (anno XVI, n. 1, 01/01/1902; anno XVI, n. 4, 22/01/1902; anno XVI, n. 7, 15/02/1902; anno XVI, n. 10, 08/03/1902; anno XVI, n. 12, 22/03/1902; anno XVI, n. 13, 01/04/1902; anno XVI, n. 16, 22/04/1902; anno XVI, n. 21, 08/06/1902; anno XVI, n. 38, 08/10/1902; anno XVI, n. 40, 22/10/1902; anno XVI, n. 42, 08/11/1902; anno XVI, n. 46, 08/12/1902; anno XVI, n. 47, 15/12/1902).
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene da belleza. A moça bonita. *A Provincia do Espirito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais filiado a Escola liberal*,

Vitória, Espírito Santo, anno V, n. 1081, 16 de maio de 1886, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/4317> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. A pequena lavoura do Município Neutro. *A Folha Nova. Noticiosa, litteraria e Agricola*. Rio de Janeiro, anno II, n. 265, 15 de agosto de 1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/1051> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Compendio de percussão e escuta. de percussão e escuta, adaptado do original francez de Barth e Roger ao ensino da medicina no Brazil e acrescentando de valiosas observações e notas extrahidas das lições do professor Torres Homem*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1881.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *D. João VI Rei de Portugal e dos Algarves e Imperador Titular do Brazil: Elogio Historico*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1885.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *D. Pedro I, fundador do Império do Brazil, elogio histórico*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1885.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Do amôr e do ciúme. *A Mãe de família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 5, n. 5, março de 1883, p. 39. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/714> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Festas!. *A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 1, 15 de janeiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/743> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Formulário officinal e magistral internacional: comprehendendo cerca de seis mil formulas colhidas da pratica dos therapeutas e pharmacologistas mais distinctos, quer nacionaes, quer estrangeiros, e extrahidas das pharmacopéas legaes dos differentes paizes da Europa e da America, acompanhado de indicações therapeuticas, doses das substancias simples ou compostas, modos de ministrá-las, emprego dos novos medicamentos; e seguido de um memorial therapeutico*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

- ALMEIDA, Pires de. *Guia da mulher pejada. Preceitos hygiencios. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir*

os movimentos do feto. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1882. [1884].

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Guia da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, 10º anno, n. 13, 15 de julho de 1888. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/1502> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene da maternidade. *A Estação. Jornal illustrado para a família*, Rio de Janeiro, anno XIII, n. 6, 30 de março de 1884, p. 27. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709816/1414> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene da belleza – A moça bonita. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 7, n. 15, 15 de agosto de 1885, p. 116. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/341703/1061> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Hygiene da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*. ano 3, n. 19, outubro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/440> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 20, outubro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/447> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 21, novembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/455> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 22, novembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/461> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 3, n. 23, dezembro de 1881. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/469> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; Para o ano de 1882: ano 4, n. 5, março de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/521> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 7, abril de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/535> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 8, abril de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/540> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 9, maio de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/554> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 10, maio de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/560> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 11, junho de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/568> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 14, julho de 1882. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/341703/593> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 15, julho de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/597> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 17, setembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/617> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 18, setembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/623> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 21, novembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/645> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 4, n. 23, dezembro de 1882. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/662> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; Para o ano 1883: ano 5, n. 1, janeiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/677> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 2, janeiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/684> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 3, fevereiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/693> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 4, fevereiro de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/701> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 5, março de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/709> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 7, abril de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/725> Acesso em 11 de fevereiro de 2020; ano 5, n. 8, abril de 1883. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/732> Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Hygiene – Banhos geraes ás crianças. A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 2, 31 de janeiro de 1884, p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/753> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo. A libertinagem no Rio de Janeiro. Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital*. Rio de Janeiro: Laemmert & C, 1906.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *L'instruction publique au Brésil: histoire – legislation*. Rio de Janeiro: Imp. G. Leuzinger, 1889.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Medicina – Pharmacia de urgência. A Mãe de Família. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 1, 15 de

janeiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/743>
Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. O Dr. Oscar Bulhões. *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*. Rio de Janeiro, anno I, n. 3, 15 de novembro de 1880, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/23> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Palestra do médico *A Mãe de família*. *Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 5, n. 6, março de 1883, p. 46. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/721> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Palestra do medico. *A Mãe de Família*. *Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 3, 15 de fevereiro de 1884, p. 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/758> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Circular. Projeto de um Formulario internacional e pharmacopéa brasileira. *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, Rio de Janeiro, anno I, n. 5, 31 de dezembro de 1880, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/42> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Um Baptisado na Cidade Nova. Quadro de costumes em um acto, original brasileira do Dr. Pires de Almeida. *A Mãe de Família*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 11, 15 de junho de 1884, p. 86-87. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/832> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. “Sciencia no lar”. *Brazil Illustrado*. *Archivo de conhecimentos uteis*, Rio de Janeiro, anno I, n. 1, 1887, p. 10-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/11> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. Solução nas crianças. *A Mãe de Família*. *Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 7, n. 3, 15 de fevereiro de 1885, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/963> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

- ALMEIDA, Lino de. Introdução. *Imprensa Industrial*. *Revista de litteratura, sciencias, artes e industrias*, Rio de Janeiro, v. I, 1876. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/700568/5> Acesso em 31 de janeiro de 2020.

- A obra de um polygrapho. *O Paiz*, Rio de Janeiro, anno XXIX, n.10.845, p.2, 17 de junho de 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/23374
Acesso em 11 fev. 2020.
- *Archivos de medicina, cirurgia e pharmacia no Brazil. Publicados sob a gerencia do Dr. Pires de Almeida*. Rio de Janeiro, anno I, n.1, 15 de outubro de 1880. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/778079/1> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Biliographia. Brazil. Órgão do Partido Conservador*. Rio de Janeiro, anno II, n. 49, 28 de fevereiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2004> Acesso em 11 de fevereiro de 2020.
- *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 1887, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/4> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Chispas. Brazil. Órgão do Partido Conservador*. Rio de Janeiro, anno II, n. 50, 29 de fevereiro de 1884, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2009>
Acesso em 11 de fevereiro de 2020.
- *Cooperativa de Ensino. Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 1827, 26 de junho de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/7448>
Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- COSTA, Carlos Antonio de Paula. O Dr. Carlos Costa ás suas amáveis leitoras. *A Mãe de Familia. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 6, n. 4, 29 de fevereiro de 1884, p. 26. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/767>
Acesso em 26 de dezembro de 2019.
- COSTA, Carlos Antonio de Paula. *A Mãe de Familia. Jornal scientifico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, anno 1, n. 01, janeiro de 1879, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/2> Acesso em 26 de dezembro de 2019.
- Decreto n. 1280, de 01 de junho de 1867, no qual autorizou o governo a mandar matricular no 1º ano da Faculdade de Medicina da Corte o estudante José Ricardo Pires de Almeida. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro para o ano de 1867*, Rio de Janeiro, anno XXIV, segunda serie XVII, supl. p. 07, 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/26976>
Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno I, n. 68, 20 de outubro de 1870, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369357/262> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

- *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno I, n. 34, 10 de julho de 1885, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/116> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno I, n. 193, 16 de dezembro de 1885, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/751> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Noticias*, Rio de Janeiro, anno II, n. 234, 26 de janeiro de 1886, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/927> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno II, n. 246, 07 de fevereiro de 1886, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/977> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno III, n. 627, 26 de fevereiro de 1887, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/2553> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno III, n. 917, 13 de dezembro de 1887, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/3715> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Noticias*, Rio de Janeiro, anno IV, n. 1013, 19 de março de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4112> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, anno IV, n. 1.217, 12 de outubro de 1888, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4937> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Noticias*, Rio de Janeiro, anno V. n. 1321, 24 de janeiro de 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/5350> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 1811, 10 de junho de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/7360> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 2646, 10 de outubro de 1892, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/11203> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- Directoria para o anno de 1889. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, tomo IV, 4º Boletim, 1889.

- Exposição Agrícola-industrial. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, Rio de Janeiro, anno I, n. 37, 26 de agosto de 1883, p.2; Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/1388> Acesso em 12 de dezembro de 2019.
- FERREIRA, Felix. *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, ano I, n. 1, 1887, p. 3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/717746/4> Acesso em 26 de dezembro de 2019.
- GARNIER, Baptiste Louis. Introdução. *Revista Popular. Noticiosa, científica, industrial, histórica, litteraria, artística, biográfica, anedoctica, musical, etc.*, Rio de Janeiro, ano 1, tomo 1, 1859. Disponível online <http://memoria.bn.br/DocReader/181773/4> Acesso em 31 de janeiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno II, n. 27, 31 de janeiro de 1881, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/687> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno IV, n. 115, 21 de maio de 1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/2913> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VII, n. 165, 22 de julho de 1886, p. 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6296> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VII, n. 170, 28 de julho de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6316> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 286, 13 de dezembro de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9168> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno IX, n. 299, 28 de dezembro de 1888, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9220> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno X, n. 197, 23 de julho de 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9883> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 146, 27 de maio de 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10896> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XI, n. 150, 31 de maio de 1890, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/10911> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.
- *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno XVI, n. 67, 09 de março de 1895, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/13720> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- Guia da mulher pejada. *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, Rio de Janeiro, 6º anno, n. 7, 15 de abril de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/798> Acesso em 10 de fevereiro de 2020
- Guia da mulher pejada. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 598, 4 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2385> Acesso em 10 de fevereiro de 2020;
- Guia da mulher pejada. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 613, 23 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2448> Acesso em 10 de fevereiro de 2020.
- Grãos históricos. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VIII, n. 260, 25 de novembro de 1887, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/7902> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Kosmos. Revista artística, científica e litteraria*, Rio de Janeiro, anno III, n. 5, maio de 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/146420/1563> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, anno 80, n. 80, 27 de março de 1900.
- Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo – Diario consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*, Vitória, anno II, n. 682, 16 de dezembro de 1884, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2722> Acesso em 12 de dezembro de 2019
- Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo. Diário consagrado aos interesses provinciais, filiado a Escola Liberal*, Vitória, anno V, n. 1002, 02 de fevereiro de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/3997> Acesso em 5 de fevereiro de 2020.
- Mala da Côrte. *A Provincia do Espirito Santo*, anno VI, n. 1471, 27 de novembro de 1887, p. 2-3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/5825> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

- Mala da Côrte. *A Província do Espirito Santo*, anno VII, n. 1647, 08 de maio de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/6529> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- Mala da Côrte. *A Província do Espirito Santo*, anno VIII, n. 2.006, 08 de agosto de 1889, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/7939> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- Noticiario. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, ano I, n. 42, 01 de setembro de 1883.
- Noticiario. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, ano II, n. 30, 05 de fevereiro de 1884.
- Noticiario. *Brazil. Orgão do Partido Conservador*, Rio de Janeiro, ano II, n. 82, 08 de abril de 1884.
- *O Brazil-medico. Revista semanal de Medicina e Cirurgia*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 4, 01 de fevereiro de 1890, p. 58.
- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479, 1889. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVv/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479-480, 1889. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVv/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 52, pt. 2, v. 80, p. 479, 1889. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSseGIPUIZNUHFGRVv/view Acesso em 04 de fevereiro de 2020.
- SILVA, Cicero Odon Peregrino. *Ao Publico. Academia Popular. Semanário de instrução e recreio para o povo*, Recife, ano 1, n. 1, 3 de maio de 1863. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/822612/1> Acesso em 31 de janeiro de 2020.
- SOUZA, Ennes de. A cultura do cacáu (Ao Sr. Dr. Pires de Almeida). *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, anno VI, n. 228, 05 de outubro de 1885, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/5340> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e construção do saber médico: alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros - século XVIII. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 06, n. 02, jul.-dez., 2013.
- ALMEIDA, Francisco Furquim Werneck de. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 20 de janeiro de 2020. Online. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/almfrfurwer.htm>
- ANDRADE, Déboa EL-Jaick . “A Imprensa como tribuna dos intelectuais no século XIX: O Guanabara em defesa da arte e dos artistas nacionais”. In: Engel, Magali G. (Org.). *Os intelectuais e a imprensa*. 3ed. Rio de Janeiro: Mauad X -Faperj, 2015.
- APPLE, Rima D. *Mothers & Medicine. A social History of infant feeding, 1890-1950*. The University of Wisconsin Press, 1987.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Everton Vieira. “Em busca de (in)formação: estratégias editoriais femininas na Corte (1852-1855)”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (Orgs.). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018.
- BARRETO, Renilda. Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. *História: Questões & Debates*, n. 34, Curitiba, 2001, p. 127-156.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*, ano 1, v. 15, n. 002, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2002, p. 169-214.
- BENSUADE-VICENTE, Bernadette. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *Questions de Communication, Les culture des sciences en Europe*, 17, 2010.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, v. 5, 1970.
- BRENES, Anayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, abr.-jun. 1991, p. 135-149.

- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paul: Editora Ática, 1986.
- CABRAL, Dilma. Junta de Higiene Pública. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/357-junta-de-higiene-publica>. Acesso em 07/11/2019.
- _____. Inspetoria Geral de Higiene. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/358-inspetoria-geral-de-higiene>. Acesso em 07/11/2019.
- CARELI, Sandra da Silva. A maternidade na segunda metade do século XIX: sua idealização na imprensa escrita e suas possibilidades de concretude social. *Métis: história & cultura*, v. 2, n. 2, jul./dez. 2002, p. 285-306.
- CARULA, Karoline. Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciência e escravidão em *A Mãe de Família*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 197-214.
- _____. “A educação feminina em *A Mãe de Família*. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia (Orgs.). *os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.
- _____. Carlos Costa e *A Mãe de Família*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, São Paulo, 2011.
- _____. “Alimentação na primeira infância: médicos, imprensa e aleitamento no fim do século XIX”. In: SANGLARD, Gisele (Org.). *Amamentação e políticas para a infância no Brasil: a atuação de Fernandes Figueira, 1902-1928*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.
- COSTA, Carlos. *a revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª ed., 1983.
- DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. De textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10 ed., 2015.
- D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX. Dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- EL FAR, Alessandra. "Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX". In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- *Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro*. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 08 nov. 2017. Online. Disponível na internet:
<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/pdf/escancimerj.pdf>
- FERNANDES, Maria Celia. *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: a travessia da "arca grande e boa" na história carioca*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:
<https://www.yumpu.com/pt/document/read/42475795/parte-inicialpmd-riorgovbr>
 Acesso em 15 de março de 2020.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber médico no século XIX: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, Editora UFPR, 2005, p. 59-73.
- FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. "A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino". In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As 'Conferências da Glória': a divulgação do saber científico. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, nov. 1995 - fev. 1996.
- _____. "A ciência popularmente tratada, e não a ciência profissionalmente discutida tal será o nosso sistema de redação". *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, set/dez 2018, p. 637-668.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- FREITAS, Patrícia de. "A mulher é seu útero". A criação da moderna medicina feminina no Brasil. *Antíteses*, v. 1, n. 1, pp. 174-187, jan.-jun. 2008.
- GAGLIARDO, Vinicius Cranek. O papel pedagógico dos jornalistas no Rio de Janeiro oitocentista. *Intellèctus*, ano XIV, n. 1, 2015, p. 127-141.

- _____ . *Imprensa e civilização no Rio de Janeiro Oitocentista*. 261 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2016.
- GIACOMINI, Sonia Maria. A conversão da mulher em mãe: uma leitura do "a mãe de família". *Re. bras. Est. Pop.*, Campinas, v. 02, n. 02, jul.-dez., 1985.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. "Apresentação - Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo". In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. “Livros, teses e periódicos médicos na construção do conhecimento médico sobre as doenças nervosas na Corte Imperial (1850-1880)”. In: FERREIRA, Tânia Bessone; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. “Reflexões sobre a produção e a publicação de periódicos de ciência médica no Brasil Oitocentista”. In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (Orgs.). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018.
- GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. Nação e Civilização Nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e O Projeto de Uma História Nacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 5-27.
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 12, n. 2, maio-ago. 2005, p. 501-514.
- _____ . Os manuais de medicina popular do Império e as doenças dos escravos: o exemplo do “Chernoviz”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, dez. 2008, p. 827-840.
- _____ . *Civilizando as artes de curar. Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

- HAHNER, June E. “Honra e distinção das famílias”. In. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 3ª ed., 2012.
- JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- KODAMA, Kaori. "A vulgarização científica nas obras de Louis Figuier e suas traduções no Brasil". In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- _____. Tornar a ciência popular. Figuier nos jornais e revistas do Brasil (1850-1870). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 66, set-dez 2018, p 601-636.
- LOPES, Gabriella Assumpção da Silva Santos. *Modos, formas e costumes para a educação feminina nas páginas da Revista Popular – Rio de Janeiro (1859-1862)*. 165f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.
- LUCA, Tania Regina de. “Mulher em revista”. In. PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.
- MALTA, Marize. “Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em A Estação”. In. KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2011.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino – a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- _____. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. *Estudos feministas*, 13(3): 645-665, Florianópolis, set./dez. 2005.
- MEDEIROS, Helber Renato Feydit de. *Parteiras e médicos: a disputa por espaços na arte de partejar e a formação de obstetizes na Faculdade de Medicina do Rio de*

Janeiro no século XIX. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

- MEDEIROS, Helber Renato Feydit de; CARVALHO, Diana Maul de; TURA, Luiz Fernando Rangel. A concorrência na arte de partejar na cidade do Rio de Janeiro entre 1835 e 1900. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, out/dez. 2018, p. 999-1018.

- MELLO, Débora Teixeira de. *Uma genealogia das políticas públicas para a Creche no Brasil: Estado e Infância (1899-1920)*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2008.

- MONTELEONE, Joana. “O tempo dos almanaques: imprensa e cotidiano na *Belle Époque* carioca”, In: BESSONE, Tânia; RIBEIRO, Gladys; GONÇALVES, Monique de Siqueira; MOMESSO, Beatriz (Orgs.). *Imprensa, livros e política no oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2018.

- MOREL, Marco; BARROS, Mariana. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- MOTT, Maria Lúcia. O curso de partos: deve ou não haver parteiras?. *Cadernos de Pesquisa*, n. 108, nov., 1999.

- NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

- NUNES, Silvia Alexim. A medicina social e a questão feminina. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 1, n. 1, 1991.

- OLIVEIRA, Cláudia de. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado”. KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2011.

- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, n. 104, jul. 1998, p. 144-161.

- PENA, José Ygor Silva; FERREIRA, Luiza. PIRES DE ALMEIDA, José Ricardo. Chefe do Arquivo da Sec. da Câmara Municipal/ Arquivo da Intendência de Instrução e Estatística. In *Dicionário de Verbetes (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro)*. Disponível em <http://expagcrj.rio.rj.gov.br/jose-ricardo-pires-de-almeida/> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

- RAGO, Elisabeth Juliska. Medicina, gênero e poder nas trajetórias de uma médica baiana (1872-1931). *Ciência e Saúde coletiva*, pp. 985-993, 2008.
- ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- _____. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, jun. 2002, p. 101-125.
- _____. A construção da diferença sexual na medicina. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2003, p. 201-212.
- _____. *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- _____. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, jun. 2008, pp. 133-152.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SANGLARD, Gisele. Filantropia & política pública: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República. In: *XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social*, Natal, jul. 2013.
- SANINE, Patricia Rodrigues; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro. Explorando nexos entre a construção social da criança e as práticas de saúde. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan.-mar. 2018, p. 199-215.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, v. 2, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, César Agenor Fernandes da. *Ciência, técnica e periodismo no Rio de Janeiro (1808- 1852)*. 311 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2010.
- SILVA, Ozângela de Arruda. A publicidade livresca em jornais do século XIX: anúncios, livros e estratégias de venda. *XIX Congresso de Ciências da Comunicação na região nordeste*, Fortaleza, Ceará, 2017.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães da. “Ler, ouvir música, ir ao teatro e discutir política: a educação das leitoras oitocentistas e os homens de letras d’A Estação”. In. ENGEL,

Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna. *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015.

- SOUSA, Priscila Susan Miranda de. *As Parteiras e os Médicos: A inserção do gênero masculino numa realidade feminina (século XIX e início do século XX)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife, Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

- SOUZA, Cássia Regina de S. Rodrigues. *Aconselhando as mães: uma análise dos manuais de medicina doméstica através da Guia Médica das Mães de Família*. 112f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

- SOUZA, Maria Lúcia de Barros Mott de Melo. *Parto, parteiras e parturientes. Mme Durocher e sua época*. 313 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

- TURACK, Cynthia Fevereiro. *Mulheres-mães: memória e construção de sentidos no discurso do periódico A Mãe de Família (1879-1888)*. 125 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social), Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=4420> Acesso em 02 de outubro de 2019.

- VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos Oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)*. São Paulo: Alameda, 2010.

- VENANCIO, Giselle Martins. *Ler ciência no Brasil do século XIX: a Revista Popular, 1859-1862*. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, supl., p.1153-1162, nov. 2013.

- VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade negada”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

- VERGARA, Moema de Rezende. *A Revista Brasileira: a vulgarização científica e a construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

- _____ . Contexto e conceitos: história da ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciencia*, v. 33, n. 5, mayo 2008a, p. 324-330.
- _____ . Ensaio sobre o termo "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jul-dez. 2008b, p. 137-145.
- _____ . Reflexões acerca da educação em periódicos científico-literários do século XIX no Rio de Janeiro: os ideais da geração de 1870. *Revista Ágora*, Vitória, n. 8, 2008c, p. 1-13.
- VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.